



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

FREDERICO PINHEIRO DE SOUZA MEDEIROS

O LUGAR DE EXPRESSÃO DOS JOVENS COMUNICADORES: DISCURSOS
SOBRE CONCESSÃO E CONQUISTA

FORTALEZA

2020

FREDERICO PINHEIRO DE SOUZA MEDEIROS

O LUGAR DE EXPRESSÃO DOS JOVENS COMUNICADORES: DISCURSOS SOBRE
CONCESSÃO E CONQUISTA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Comunicação. Área de concentração: Comunicação e Linguagens.

Orientadora: Profa. Dra. Inês Sílvia Vitorino Sampaio.

FORTALEZA

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- M4391 Medeiros, Frederico Pinheiro de Souza.
O lugar de expressão dos jovens comunicadores : discursos sobre concessão e conquista / Frederico Pinheiro de Souza Medeiros. – 2021.
147 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e Arte, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Fortaleza, 2021.
Orientação: Profa. Dra. Inês Sílvia Vitorino Sampaio.
1. Comunicador. 2. Juventudes. 3. Políticas Públicas. 4. Rede CUCA. I. Título.

CDD 302.23

FREDERICO PINHEIRO DE SOUZA MEDEIROS

O LUGAR DE EXPRESSÃO DOS JOVENS COMUNICADORES: DISCURSOS SOBRE
CONCESSÃO E CONQUISTA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Comunicação. Área de concentração: Comunicação e Linguagens.

Orientadora: Profa. Dra. Inês Sílvia Vitorino Sampaio.

Aprovada em: 16/08/2021.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Inês Silvia Vitorino Sampaio
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Andrea Pinheiro Paiva Cavalcante
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Alessandra Carlos Alcântara
Universidade de Fortaleza (UNIFOR)

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Liliana, a verdadeira dona de todas as minhas conquistas. Essa é mais uma delas. Os seus muitos sacrifícios por mim e pela minha irmã ainda não foram apreciados como deveriam. Saiba, vivo e luto todos os dias com a intenção de retribuir ao menos um décimo de tudo o que você me deu. Esse é o meu maior objetivo.

Ao meu pai, Frederico, por me apoiar e me ajudar nos momentos que eu mais preciso, e aos meus irmãos, Emmanuelle, Bruna, Pedro e Caio, por sempre acreditarem em mim e me aceitarem como irmão mais velho.

À minha avó, Neuma, pelos cafés de toda manhã e por ter me ensinado a ler e escrever. A todos os meus familiares que, de alguma forma, contribuíram para que eu chegasse até aqui.

À professora Inês Vitorino, pelo exemplo do que significa ser docente. O desempenho da orientadora, equilibrando a franqueza necessária para formar bons pesquisadores com o acolhimento aos seus alunos, revela como ela é, além de uma referência acadêmica, um grande ser humano. A sua atuação durante todos os períodos difíceis enfrentados nesses últimos anos nunca será esquecida, na verdade, será a minha maior inspiração para quem eu quero ser um dia.

Às professoras participantes da Banca Examinadora, Alessandra Alcântara e Andrea Pinheiro, pelas contribuições à pesquisa e à minha trajetória acadêmica. Todo questionamento e comentário a respeito da pesquisa foram seriamente levados em conta, espero honrá-los.

A todos os colegas do Laboratório de Pesquisa da Relação Infância, Juventude e Mídia (LabGRIM). Os encontros presenciais no Instituto de Cultura e Arte (ICA) foram a fagulha necessária para esta pesquisa. Com o distanciamento social, a vontade de pensar e discutir sobre as mais diversas temáticas não diminuíram. Ainda assim, o que aumentou, com toda certeza, foi a saudade e o anseio pela volta desses momentos presenciais.

Aos amigos da turma de mestrado, fica aqui a saudade das conversas durante os intervalos das aulas. Espero que essa amizade permaneça por toda a vida. Aos amigos de fora do espaço acadêmico, foram vocês que tiraram muito do peso dos momentos mais difíceis.

Aos parceiros da pesquisa, Thinayna Máximo, que, com os seus comentários e sugestões enriqueceu o trabalho, George Torres e Fernanda de Façanha, por terem me ajudado nos anos iniciais, desde o processo seletivo até a entrada no PPGCOM.

Aos jovens comunicadores do CUCA Mondubim, pela paciência e pelo

engajamento com a pesquisa. Esse trabalho não seria nada sem vocês. Aos gestores e técnicos de comunicação da Rede CUCA, por estarem sempre dispostos a colaborarem comigo durante todo esse tempo.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM), por me tornarem um pesquisador mais digno e capaz a cada ensinamento.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

À Universidade Federal do Ceará, pelo acolhimento ao longo dos últimos anos. Saio com orgulho de contribuir com a história dessa instituição. Viva a universidade pública e gratuita para todos.

A Deus, por mandar sinais sempre quando preciso.

“Curiosamente, vivemos em uma sociedade absolutamente dependente da ciência e da tecnologia, na qual quase ninguém entende o que é ciência e tecnologia.” (SAGAN, 1990, tradução nossa)

RESUMO

Nas últimas décadas, as mudanças tecnológicas tornaram-se mais visíveis, com implicações na forma como as pessoas se relacionam e se comunicam. Compreender esse fenômeno se configura, portanto, como um fator importante para o melhor entendimento sobre a sociedade. No mundo, muitos jovens habitam o meio digital de forma ativa. Vale ressaltar que as condições de acesso não são as mesmas para todos os jovens, e cabe muitas vezes às políticas públicas transformar essa realidade. Sabendo disso, esta pesquisa objetiva identificar como jovens comunicadores integrantes do Programa de Monitoria de Comunicação do CUCA Mondubim se compreendem, constituem-se e se revelam como comunicadores no espaço institucional do CUCA e em suas redes sociais. Para isso, houve um acompanhamento presencial dos monitores em suas atividades cotidianas. Partiu-se de uma reflexão a respeito das implicações dos avanços das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), tendo como referências, acadêmicos como Comparato (2001) e Peruzzo (2007), o que criou uma interlocução com as visões sobre Políticas Públicas e Políticas Públicas de Juventude (PPJs) de autores como Ramos (2005) e Oliveira e Barbalho (2018). A pesquisa assume uma inspiração etnográfica quanto ao processo de coleta e análise dos dados. As ideias que orientam os procedimentos metodológicos apoiam-se em Geertz (1989), Magnani (2002) e Malinowski (2018). Tornou-se fundamental a ida ao campo, entre os meses de outubro e dezembro de 2019, para acompanhar a formação dos monitores, as reuniões de pauta, as gravações e as produções. Em 2021, a fim de qualificar as análises, foram realizadas entrevistas semiestruturadas (DUARTE, 2004; BONI, QUARESMA, 2005) e avaliamos, através de Análise do Discurso (FOUCAULT, 1996; CAREGNATO, MUTTI, 2006), conteúdos produzidos pelos monitores. Conclui-se, a partir da análise dos dados, que há um enfoque da PPJ na empregabilidade e, com isso, uma formação mais técnica do que teórica/crítica. Como a estrutura é previamente estabelecida pelos gestores, os jovens comunicadores têm pouco controle sobre o conteúdo produzido pela Monitoria. Os jovens se entendiam como comunicadores a partir de seus trabalhos, quando punham em prática os seus conhecimentos comunicacionais. Assim, para os jovens, o ser comunicador está ligado diretamente ao ofício, à prática e à execução de tarefas, respeitando a um crivo institucional e a um controle de qualidade técnica.

Palavras-chave: comunicador; juventudes; políticas públicas; Rede CUCA.

ABSTRACT

In recent decades, technological changes have become more visible, with implications for the way people relate and communicate. Understanding this phenomenon is, therefore, an important factor for a better comprehension of society. In the world, many young people live actively in the digital environment. It is noteworthy that access conditions are not the same for all young people, and it is often up to public policies to transform this reality. This research aims to identify how young communicators who are members of CUCA Mondubim's Communication Monitoring Program understand, constitute and reveal themselves as communicators in the institutional space of CUCA and in its social networks. For this, there was a face-to-face observation of the monitors in their daily activities. It started with a reflection on the implications of advances in Information and Communication Technologies (ICTs), having as references, academics such as Comparato (2001) and Peruzzo (2007), which created an interlocution with the views on Public Policies and Public Policies for Youth of authors such as Ramos (2005) and Oliveira and Barbalho (2018). The research assumes an ethnographic inspiration regarding the data collection and analysis process. The ideas that guide the methodological procedures are supported by Geertz (1989), Magnani (2002) and Malinowski (2018). It became essential to go to the field, between the months of October and December 2019, to observe the training of monitors, agenda meetings, recordings and productions. In 2021, in order to qualify the analyses, semi-structured interviews were carried out (DUARTE, 2004; BONI, QUARESMA, 2005) and we evaluated, through Discourse Analysis (FOUCAULT, 1996; CAREGNATO, MUTTI, 2006), content produced by the monitors. It is concluded, from the data analysis, that there is a focus of the PPJ on employability and, therefore, a more technical than theoretical/critical training. As the structure is previously established by the managers, young communicators have little control over the content produced by Monitoring. Young people understood themselves as communicators based on their work, when they put their communicational knowledge into practice. Thus, for young people, being a communicator is directly linked to the craft, practice and execution of tasks, respecting an institutional framework and technical quality control.

Keywords: communicator; youth; public policy; CUCA Network.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	- Fachada do CUCA Mondubim	43
Figura 2	- Estruturas para as práticas esportivas	47
Figura 3	- Praça central do CUCA Mondubim	52
Figura 4	- Gravação do CUCA Esporte	63
Figura 5	- Ilha de Edição	65
Figura 6	- <i>Print</i> da abertura dos vídeos do Álbum da CopArena	67
Figura 7	- Monitora entrevistando o coordenador de Juventude	69
Figura 8	- Interior da cabine de imprensa	70
Figura 9	- “Dia das Garotas”	72
Figura 10	- Reunião do Programa de Monitoria	75
Figura 11	- Técnico de comunicação e monitores montando a estrutura	80
Figura 12	- Coordenador de Comunicação Comunitária planejando a gravação	80
Figura 13	- A improvisação do <i>teleprompter</i>	81
Figura 14	- <i>Print</i> de <i>story</i> do <i>Instagram</i> de uma jovem comunicadora	84
Figura 15	- <i>Print</i> de vídeo do Álbum da CopArena (Luna)	111
Figura 16	- <i>Prints</i> de vídeo independente (Luna)	112
Figura 17	- <i>Print</i> de vídeo do CUCA Esporte (Luiza)	114
Figura 18	- <i>Print</i> de vídeo do CUCA Esporte (Gabriela)	116
Figura 19	- Ilustração digital (Gabriela)	117
Figura 20	- <i>Print</i> de vídeo do CUCA Esporte (Miguel)	119
Figura 21	- <i>Print</i> de vídeo independente (Miguel)	120
Figura 22	- <i>Prints</i> de vídeo do Álbum da CopArena (Ágata)	121
Figura 23	- <i>Print</i> de vídeo (Ágata)	122

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	-	Informações sobre os jovens comunicadores	29
Tabela 2	-	Histórico do setor de comunicação no Instituto CUCA	50
Tabela 3	-	Relação dos monitores e de suas produções	110

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD	Análise do Discurso
BID	Banco Interamericano de Desenvolvimento
CEUs	Centros de Artes Unificados
CONJUVE	Conselho Nacional de Juventude
CSU	Centros Sociais Urbanos
CUCA	Centro Urbano de Cultura, Arte, Ciência e Esporte
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
Enem	Exame Nacional do Ensino Médio
FIES	Fundo de Financiamento Estudantil
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
LabGRIM	Laboratório de Pesquisa da Relação Infância, Juventude e Mídia
MEC	Ministério da Educação
ONG	Organização Não Governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
OP	Orçamento Participativo
O.S.	Organização Social
PDT	Partido Democrático Trabalhista
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua
PPGCOM	Programa de Pós-Graduação em Comunicação
PPJ	Políticas públicas de juventude
ProUni	Programa Universidade para Todos
PSB	Partido Socialista Brasileiro
PT	Partido dos Trabalhadores
SECOM	Secretaria de Comunicação Social
Sinajuve	Sistema Nacional de Juventude
STDS	Secretaria do Trabalho e Desenvolvimento Social
TICs	Tecnologias de Informação e Comunicação
UFC	Universidade Federal do Ceará
Unesco	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNIFOR	Universidade de Fortaleza

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	PERCURSOS	16
2.1	O Início do Percurso (e os Primeiros Contatos com a Rede CUCA)	17
2.2	O Percurso Metodológico (e a Inspiração Etnográfica)	20
2.3	Os Jovens Comunicadores (e os Seus Percursos)	27
3	AS PPJs, A REDE CUCA E O SETOR DE COMUNICAÇÃO	36
3.1	As Juventudes (e as PPJs)	37
3.2	A Rede CUCA	42
3.3	A Comunicação como Direito das Juventudes	48
3.4	O Setor de Comunicação (e o Programa de Monitoria)	50
3.5	Observando e Participando (e Finalmente, O Início)	54
4	O JOVEM COMUNICADOR DO CUCA MONDUBIM	58
4.1	O CUCA Esporte (e a Influência Institucional)	59
4.2	O Programa de Retrospectiva da Rede CUCA	74
5	O JOVEM COMUNICADOR NO SÉCULO XXI	85
5.1	As Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs)	86
5.2	As TICs e A Participação Popular nos Espaços de Comunicação	89
5.3	A Formação Continuada do Jovem Comunicador	93
5.4	O Comunicador Profissional	103
5.5	O Lugar de Expressão dos Jovens nos Espaços de Comunicação	106
5.6	O Comunicador segundo os Jovens	123
6	CONCLUSÃO	127
	REFERÊNCIAS	138
	APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	145
	APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	146

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, as mudanças tecnológicas tornaram-se cada vez mais visíveis com implicações na forma como as pessoas se relacionam e se comunicam. Compreender esse fenômeno se configura, portanto, como um fator importante para o melhor entendimento sobre a sociedade. Muitos jovens, ao redor do mundo, crescem cercados por aparelhos eletrônicos conectados à Internet, como *smarthphones*, *notebooks* e *iPads*, e habitam o meio digital de forma ativa. Vale ressaltar, contudo, que as condições de acesso não são as mesmas para todos os jovens.

Se há algumas décadas, uma mensagem só era alcançada pela maior parte da população quando mediada por grandes corporações de comunicação tradicionais (jornais impressos, televisão e rádio, por exemplo), atualmente os comunicadores, com um *tweet*, *post* ou vídeo, podem alcançar milhares ou milhões de pessoas, obtendo um alcance outrora não imaginado. O lugar antes ocupado pelo comunicador profissional está sendo redesenhado. Se quem produz conteúdo para a Internet também ocupa o papel do comunicador, circunscrito, por muito tempo, aos profissionais da comunicação, temos de repensar o que é ser comunicador.

A comunicação atual contempla a participação ativa na partilha das informações pelo público. Os processos comunicacionais, provenientes da popularização dos dispositivos móveis, ainda que tenham se expandido rapidamente, continuam marcados pelo cenário de desigualdade social vivido no mundo, principalmente, no Brasil. Isso é simbolizado pela evidente disparidade de acesso entre as diferentes juventudes do país.

Sabendo dessa realidade, políticas públicas vêm sendo desenvolvidas e implementadas, buscando possibilitar maior protagonismo, criatividade e inclusão social dos jovens com poucas condições de acesso. Na capital do estado do Ceará, Fortaleza, uma política pública voltada para o público jovem integra esse tipo de iniciativa: a Rede CUCA, formada pelos Centros Urbanos de Cultura, Arte, Ciência e Esporte (CUCAs).

O primeiro CUCA foi inaugurado em 10 de setembro de 2009 por iniciativa da Prefeitura Municipal de Fortaleza, no bairro da Barra do Ceará, pela gestão da então prefeita Luizianne Lins (PT). Nos últimos meses do ano de 2012, no final da mesma gestão, foram inauguradas as unidades do Jangurussu e do Mondubim. Em seu conjunto, essas três unidades formam a Rede CUCA. Tais Centros, demandados pela pasta da juventude do Orçamento Participativo (OP), foram instalados em bairros periféricos, com uma grande população jovem, em situação de vulnerabilidade social. Tendo por base a definição etária do Estatuto da

Juventude¹, que considera como “jovens as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade”, os Centros oferecem, segundo a Prefeitura de Fortaleza, diversos “cursos, práticas esportivas, difusão cultural e produções na área de comunicação” visando realizar “atividades que fortalecem o protagonismo juvenil e realizam a promoção e garantia de direitos humanos”².

Para gerenciar os Centros Culturais, foi criado o Instituto CUCA, uma Organização Social (OS), sem fins lucrativos, que presta serviço à Coordenadoria Especial de Políticas Públicas de Juventude. A pasta da juventude na administração municipal de Fortaleza, se apresenta como a “responsável por desenvolver e coordenar políticas públicas voltadas para jovens, como forma de garantir direitos e construir cidadania”³. O foco de sua atuação se encontra nas áreas mais pobres da cidade, identificadas por seu baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). No caso da Rede CUCA, de acordo com a Prefeitura, o objetivo é ter um CUCA em cada regional do município⁴, aumentando, assim, o alcance da Rede.

Na Rede CUCA, o Programa de Monitoria de Jovens Comunicadores é desenvolvido anualmente, com o propósito de produzir programas, quadros, campanhas e séries, utilizando diversas ferramentas e formatos de conteúdo comunicacional. Para desenvolver tais iniciativas, 15 jovens (cinco para cada um dos três Centros Culturais) são selecionados. Este Programa de Monitoria, segundo informações da Rede CUCA divulgadas por meio da sua programação mensal⁵, teve seu início no ano de 2017.

Desde então, o Programa de Monitoria busca desenvolver jovens lideranças, estimulando os monitores a apresentar a pluralidade da juventude de Fortaleza, através de produções comunicacionais sobre esporte, cultura, direitos humanos, entre outras temáticas⁶.

¹ BRASIL. Lei nº 12.852, de 05 de agosto de 2013. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude – SINAJUVE. Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm>. Acesso em: 10 jul. 2018.

² Apresentação institucional da Rede CUCA, disponível em: <<https://juventude.fortaleza.ce.gov.br/rede-cuca>>. Acesso em: 21 set. 2020.

³ Apresentação institucional da Coordenadoria de Juventude, disponível em: <<https://www.fortaleza.ce.gov.br/institucional/a-secretaria-358>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

⁴ A notícia Prefeitura deve entregar três novos CUCAs até 2020, 2017, disponível em: <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/metro/prefeitura-deve-entregar-tres-novos-cucas-ate-2020-1.1840084>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

⁵ Programação Rede CUCA – Janeiro 2018. Título da edição: 2017, um ano de protagonismo jovem, disponível em: <https://issuu.com/institutocuca/docs/prog_rede_cuca_2018-01-issuu>. Acesso em: 21 set. 2020.

⁶ Retirado de <<https://bityli.com/q7VXW>>. Acesso em: 21 set. 2020.

São ofertados cursos, oficinas e palestras, visando uma melhor qualificação dos monitores, e também é proporcionado aos participantes do Programa maior contato com técnicas de câmera, fotografia e edição de imagem e som. Muitos dos jovens são introduzidos no mercado de trabalho por meio de parcerias entre a Rede e empresas de comunicação, por meio de programas de estágio e monitoria.

Além dos cursos, oficinas e demais atividades de formação da Rede CUCA, vários ambientes são utilizados pelos jovens, como biblioteca, sala de cinema, laboratório fotográfico, auditório, ginásio poliesportivo, pista de skate e piscina semiolímpica. Segundo informações disponibilizadas pela administração da Rede, em 2014, primeiro ano dessa política pública, aproximadamente 26 mil jovens participaram de alguma atividade nos CUCAs. Esse número foi crescendo com o passar dos anos, e chegou em 2020 a quase 180 mil jovens, mesmo com a quarentena decorrente da pandemia do COVID-19.

Assim como a maioria das políticas públicas desenvolvidas na Rede CUCA, o Programa de Monitoria de Comunicação da Rede CUCA é fundamentado em alguns direitos garantidos pelo Estatuto da Juventude, aprovado pelo Congresso Nacional em 2013. O artigo 27 da Seção VII – Do Direito à Comunicação e à Liberdade de Expressão contempla cinco medidas relevantes para as políticas públicas que reconhecem a comunicação como um direito da juventude. São elas:

- I - incentivar programas educativos e culturais voltados para os jovens nas emissoras de rádio e televisão e nos demais meios de comunicação de massa;
- II - promover a inclusão digital dos jovens, por meio do acesso às novas tecnologias de informação e comunicação.
- III - promover as redes e plataformas de comunicação dos jovens, considerando a acessibilidade para os jovens com deficiência;
- IV - incentivar a criação e manutenção de equipamentos públicos voltados para a promoção do direito do jovem à comunicação; e
- V - garantir a acessibilidade à comunicação por meio de tecnologias assistivas e adaptações razoáveis para os jovens com deficiência. (BRASIL, 2013).

Com a implementação da Monitoria, jovens se engajam em uma iniciativa de cunho educativo e cultural. Seguindo formatos previamente estabelecidos, o conteúdo desenvolvido pelos monitores é adaptado para a linguagem condizente à realidade cada vez mais digital vivida nos dias atuais. Reconhecendo a importância das políticas públicas, cuja função é garantir o pleno exercício da cidadania por meio da participação política e social (PERUZZO, 2007), os jovens comunicadores participantes do Programa de Monitoria mostram-se potentes parceiros de observação das dinâmicas de participação em tais políticas.

A desigualdade de acesso à Internet na sociedade brasileira não se revela facilmente no dado de que 71% de suas residências dispõem de algum aparelho conectado à rede, segundo a pesquisa TIC Domicílios. A maior parte da população sem acesso à Internet se encontra na zona rural do país, onde 48% dos domicílios não possuem meios de conexão. A região do Brasil com a maior quantidade de pessoas excluídas digitalmente se encontra no Nordeste, em que 35% de suas casas não possuem acesso. Isso se trata de uma questão econômica, que evidencia a condição de desigualdade que maltrata grande parte das pessoas do país. Não à toa, entre as residências as quais as pessoas possuem renda superior a dez salários mínimos, 97% têm acesso à rede, enquanto entre os domicílios habitados por brasileiros vivendo com um salário mínimo, 45%, ou seja, quase metade, se encontram em condição de exclusão (COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL, 2019).

Embora milhões de pessoas no Brasil se encontrem na condição de excluídos de atividades digitais, essa penetração social dos aparelhos eletrônicos já nos permitia supor que os jovens parceiros de observação desta pesquisa poderiam ter participação em algum tipo de atividade na Internet, previamente ao seu envolvimento com o Programa de Monitoria, o que foi posteriormente confirmado. Assim, além dos projetos de comunicação da Rede CUCA – mesmo contando com certa dificuldade de acesso aos meios de produção midiáticos – os jovens dispunham de outros espaços online, como as redes sociais, para se expressar.

Atentando para o cenário atual, em que a produção de conteúdo voltada para a Internet cresce vertiginosamente ano após ano, é imprescindível buscar entender como uma medida de acesso, implementada por meio de políticas públicas em um Programa de Formação, pode impactar na atuação das pessoas. Para isso, destacamos a presença dos jovens nos espaços de comunicação – espaços, esses, partilhados e disputados por produtores de conteúdo que vão de grandes empresas até indivíduos com recursos limitados, como um aparelho móvel em mãos e acesso à Internet. Sabendo disso, buscamos compreender como os jovens comunicadores do CUCA Mondubim se expressam nesses dois espaços distintos (institucional e pessoal).

De forma sucinta, a pesquisa se volta a responder a seguinte pergunta norteadora: como os jovens participantes do Programa de Monitoria compreendem-se como comunicadores e se constroem como tais, no espaço institucional da Rede CUCA e em suas redes pessoais?

Nessa linha, temos como objetivo geral da pesquisa investigar como os jovens monitores do CUCA Mondubim se compreendem, formam-se e se revelam enquanto comunicadores, desde o espaço institucional da Rede CUCA até as suas redes sociais.

Os objetivos específicos, fundamentais para a condução deste estudo, são: a) Identificar as semelhanças e diferenças da participação dos jovens nos dois espaços comunicacionais – do CUCA e das suas redes sociais; b) Verificar se essas semelhanças e diferenças são percebidas pelos jovens e como a avaliam e c) Analisar a influência institucional da Rede CUCA, como política pública de juventude, na forma como os jovens participantes do Programa de Monitoria se compreendem como comunicadores.

O primeiro dos quatro capítulos descreve o caminho percorrido desde o projeto de pesquisa até os primeiros contatos com a Rede CUCA. O segundo trata das políticas públicas de juventude (PPJs), da Rede CUCA e do Programa de Monitoria de Jovens Comunicadores. Para isso, aprofundamos a contextualização a respeito das PPJs e da Rede CUCA. No terceiro capítulo, abordamos a experiência do campo, quando fizemos acompanhamento junto aos monitores, apresentando a maior parte dos dados coletados a partir das vivências e dos diálogos com os monitores. O quarto se propõe a discutir o que é ser comunicador para os jovens do CUCA Mondubim, considerando suas experiências como internautas e em diálogo com as teorias que abordam esse fenômeno. Nas considerações finais, apresentamos as análises provenientes da pesquisa, em relação aos objetivos de pesquisa.

2 PERCURSOS

Após a graduação em Comunicação Social – Publicidade & Propaganda, pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR), decidi seguir carreira acadêmica na área da Comunicação. O interesse pessoal por temas relacionados à juventude em ambientes digitais, acabou rendendo uma monografia sobre canais do *YouTube*, em 2017, servindo como o meu Trabalho de Conclusão de Curso. O próximo passo foi o mestrado, e durante o processo seletivo do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal do Ceará (UFC), aproximei-me do Grupo de Pesquisa da Relação Infância, Adolescência e Mídia (GRIM), anos depois, renomeado como Laboratório de Pesquisa da Relação Infância, Juventude e Mídia (LabGRIM).⁷

Na busca por possíveis temas/objetos para esboçar um projeto de pesquisa para submeter ao processo seletivo do mestrado, identifiquei a Rede CUCA como um campo fértil de pesquisa, explorado por diversos pesquisadores (SANTOS, 2017; HOLANDA, FROTA,

⁷ A fim de uma maior coesão textual, destacamos que nesta dissertação utilizamos a primeira pessoa do singular (eu) em momentos que se referem a trajetória pessoal e pesquisa de campo, ou seja, experiências individuais. Já para as sistematizações metodológicas, diálogos com os autores e análises, por se tratar de um trabalho conjunto, faremos uso da primeira pessoa do plural (nós).

2017; OLIVEIRA, BARBALHO, 2018). Ao me debruçar sobre esses estudos, além do interesse da academia, chamou a atenção também o alcance da própria Rede. Alguns autores chamavam a atenção para o fato de que esses Centros Culturais “são considerados também locais de encontro e convivência da população jovem, ou seja, são espaços de sociabilidade, de participação juvenil, que possibilitam diversas formas de interação, de realização e de vivência dos valores e dos comportamentos” (HOLANDA, FROTA, 2017, p. 71). Desse modo, meu interesse pela Rede CUCA só se intensificava.

Na época do processo seletivo, minha atenção estava focada no desenvolvimento da WebTV da Rede CUCA, conhecida, atualmente, como Juv.TV. Ainda em 2018, em meu primeiro contato direto com o CUCA, no Centro Cultural do Mondubim, ao conhecer melhor o setor de comunicação da Rede, fiquei bastante interessado no Programa de Jovens Comunicadores. No início de 2019, tendo sido aprovado para o mestrado, comecei a reavaliar o meu objeto de pesquisa, e optei por focar minha atenção nos jovens comunicadores da Rede CUCA.

Esta pesquisa segue sob orientação da Professora Inês Sílvia Vitorino Sampaio, vice-coordenadora do LabGRIM, cujo percurso acadêmico é marcado pelos estudos na relação da infância, juventude e mídia, abordando, dentre outras questões, a participação de crianças e jovens nas esferas públicas midiáticas, o que aproxima nossos interesses de pesquisa. Além disso, ao tratar das relações sociais e cotidianas dos jovens com as mídias, na condição de produtores de comunicação e de cultura, esta investigação se enquadra dentro da proposta pedagógica da linha pesquisa de “Mídia e práticas socioculturais” do PPGCOM/UFC.

Este capítulo é dedicado a revelar os caminhos percorridos para a realização desta pesquisa, incluindo a abordagem metodológica que nos levou ao campo e nosso percurso. Ele discorre sobre os primeiros contatos com o Centro Cultural escolhido, gestores e jovens, indica os procedimentos metodológicos escolhidos para o estudo e avança no conhecimento dos cinco monitores do CUCA Mondubim, participantes do Programa de Monitoria de Jovens Comunicadores.

2.1 O Início do Percurso (e os Primeiros Contatos com a Rede CUCA)

Meu contato mais direto com a Rede CUCA se iniciou ainda durante o período do projeto de pesquisa para o processo seletivo do mestrado em Comunicação da UFC. Antes disso, tinha um conhecimento bastante superficial acerca dos CUCAs. Tendo em vista os

meus estudos na área da relação mídia e juventude, a escolha por pesquisar os projetos da Rede CUCA foi consequência disso.

Em 2018, estive no CUCA Mondubim pela primeira vez, para conversar com o então diretor de Comunicação Social da Rede CUCA. Tive uma surpresa a respeito do tamanho da estrutura do local. Apesar de não estar muito movimentado, tendo a presença basicamente dos funcionários, consegui entender o porquê dessa política pública funcionar como objeto de pesquisa para vários acadêmicos.

O diretor, em conversa gravada, apresentou informações sobre a Rede CUCA e o seu setor de comunicação⁸. Discutimos a respeito de projetos desenvolvidos nos Centros Culturais, mais especificamente sobre a WebTV. O projeto da televisão virtual se encontrava, ainda, em fase de idealização e viabilização.

Durante a graduação, meu Trabalho de Conclusão de Curso se concentrava em questões envolvendo a produção de conteúdo audiovisual para a Internet, com ênfase nos canais do *YouTube*. Para o projeto de pesquisa da seleção do mestrado, quis unir as temáticas da juventude e do audiovisual, por meio da WebTV da Rede CUCA. A conversa com o diretor de Comunicação Social trouxe a mim vários subsídios. Na época, a WebTV tornou-se o meu objeto de pesquisa. Além disso, busquei informações em outros lugares, como portais de jornais e informações disponibilizadas pela Prefeitura de Fortaleza, e, por um tempo, esse tinha sido o meu contato mais direto com os CUCAs.

Durante o período do mestrado, no primeiro semestre, o meu contato com os Centros Culturais foi pequeno. Apesar disso, continuei a pensar sobre o meu objeto de estudo, o que, após um tempo, levou-me a mudar o meu enfoque. A WebTV da Rede CUCA foi ativada sob o nome do Juv.TV⁹, todavia, percebi meu interesse sendo direcionado, cada vez mais, aos jovens comunicadores que produziam conteúdo nos CUCAs. Fatores como as mudanças causadas pela popularização crescente das mídias digitais e o seu papel no contexto sócio-político no ano de 2019, pós eleições de 2018, quando essas questões tiveram papel determinante nos rumos tomados pelo Brasil, também somaram para o redirecionamento do meu objeto de pesquisa. Então, passei a voltar a minha atenção para os jovens vinculados ao Programa de Monitoria de Jovens Comunicadores da Rede CUCA.

⁸ Os projetos de comunicação na Rede CUCA ficam sob a alçada de um setor específico. Por causa das mudanças institucionais constantes ao longo dos anos, optamos por denominar de “setor de comunicação”.

⁹ A Juv.TV foi objeto de pesquisa do artigo publicado como capítulo do livro “Semiótica da diversidade: devires minoritários e linhas de fuga”, de 2019, organizado por Fabio Pezzi Parode, Francisco Rafael Mesquita Jerônimo e Maximiliano Oscar Zapata, com o título “A desigualdade social em uma realidade tecnológica: o caso da Juv.TV, a WebTV da Rede Cuca”.

Ao fim do primeiro semestre, em julho de 2019, voltei a frequentar os Centros Culturais, ainda de forma exploratória. Ao tentar uma nova aproximação, percebi que havia ocorrido uma reconfiguração do setor de comunicação. O principal responsável pelas atividades comunicacionais dos CUCAs não era mais o diretor de Comunicação Social, mas, sim, o coordenador de Comunicação Comunitária. Nessa volta ao CUCA Mondubim, um funcionário havia sido designado para me apresentar os equipamentos públicos e me fornecer informações a respeito do Programa de Monitoria de Jovens Comunicadores.

Na época, uma turma de monitores, antecessores aos jovens comunicadores acompanhados por esta pesquisa, atuava no local. Como diferencial da visita, pude finalmente testemunhar o CUCA Mondubim repleto de jovens se apropriando daquele espaço público. Conheci, também, algumas locações dedicadas ao setor de comunicação, além de ter sido apresentado aos monitores da ocasião. Dessa forma, voltei a ter contato direto com a Rede CUCA.

Em agosto de 2019, o Programa de Monitoria de Jovens Comunicadores voltou com as atividades de uma nova turma – esta, a qual dedico a presente pesquisa. Consegui marcar uma reunião com o coordenador de Comunicação Comunitária, registrada em áudio. Pude explicar ao gestor alguns pontos-chave e os objetivos da minha pesquisa, além de sanar dúvidas sobre a organização atual do Programa de Monitoria, o que ainda não tinha tido a oportunidade de fazer.

Na reunião, fui avisado que a turma de monitores a ser acompanhada por mim teria um período mais curto de formação, de aproximadamente quatro meses, estendendo-se até dezembro, o que limitava o meu período no campo. Ao abordar a temática da empregabilidade, fui informado de que a maioria dos jovens, ao final da formação, saíam para trabalhar no mercado de comunicação. Outro tema foi a formação teórica, em que o gestor público ressaltou que a formação proporcionada pelo Programa de Monitoria buscava uma conscientização social e crítica do jovem comunicador. Por sua vez, o coordenador me confessou que, conforme a Monitoria avançava em suas edições, priorizava-se cada vez mais uma formação prática e técnica dos monitores, voltada para a produção de conteúdo comunicacional, tanto radiofônico quanto audiovisual.

Os contatos iniciais com a Rede CUCA trouxeram pontos relevantes para a pesquisa, desde informações estruturais até uma inserção no campo sem grandes complicações. Não obstante, vale salientar que as informações trazidas até este momento, partem em grande parte dos dizeres dos funcionários da gestão municipal, responsáveis pela implementação e desenvolvimento dessa PPJ. Isso significa que os mesmos são partes

interessadas no que está sendo dito a respeito do trabalho desenvolvido nos Centros Culturais, e acompanhado, em parte, por esta pesquisa.

Após a reunião e mediante convite fui ter com os monitores. No local, estavam quase todos os participantes selecionados para o Programa de Monitoria de Jovens Comunicadores. Ao todo eram cinco monitores para cada CUCA ativo, totalizando 15 jovens comunicadores. Fui apresentado a todas as pessoas presentes – estavam também alguns técnicos de comunicação da Rede CUCA –, mas, especialmente aos jovens, como pesquisador da Universidade Federal do Ceará (UFC). O coordenador de Comunicação Comunitária ficou à frente da turma, emulando uma figura professoral, pautando a reunião. Os novos monitores e os funcionários sentaram-se em cadeiras, formando um círculo em volta do gestor. Durante algumas horas planejaram as atividades do mês, como programas (gravações e edições) e atividades de formação. Os jovens participavam bastante, opinando a respeito de disponibilidade e ideias.

Com as atividades da Monitoria se iniciando no meio de agosto de 2019 e se encerrando em dezembro do mesmo ano, pude acompanhar os jovens comunicadores do CUCA Mondubim, de outubro até o fim daquela edição do Programa. Nesse período, estive com os jovens e os funcionários do setor de comunicação em diversas ocasiões, como gravações, reuniões, formações e eventos, buscando estabelecer vínculos e registrar situações relacionadas às suas práticas comunicacionais. Principalmente, tentei observar situações que indicassem o entendimento dos próprios monitores a respeito dos processos e vivências aos quais estavam inseridos.

2.2 O Percurso Metodológico (e a Inspiração Etnográfica)

O percurso metodológico adotado na pesquisa de campo orienta-se por uma inspiração etnográfica, portanto qualitativa, que incluiu a observação participante, o diário de campo e a entrevista semiestruturada. Assim, acompanhamos os jovens comunicadores do Programa de Monitoria, seja nas imediações do CUCA Mondubim, seja fora delas, como, por exemplo, em gravações externas. Com isso, buscamos estabelecer uma reflexão por meio de um olhar cujo o enfoque mira a “qualidade” dos dados coletados pela pesquisa de campo (GODOY, 1995).

Algumas características básicas identificam os estudos denominados “qualitativos”. Segundo esta perspectiva, um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada.

Para tanto, o pesquisador vai a campo buscando “captar” o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes. Vários tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno (GODOY, 1995, p. 21).

Com a finalidade de estruturar a pesquisa, recorreremos também, de forma complementar, a documentos coletados a respeito da Rede CUCA, tanto por meio de busca na Internet, quanto por requerimentos institucionais, prontamente atendidos pelos gestores públicos responsáveis. Para isso, utilizamos algumas plataformas auxiliares dos Centros Culturais, como o site da Coordenadoria de Juventude¹⁰, o *Facebook* da Rede CUCA¹¹ e o canal no *YouTube* da Juv.TV¹². Tais plataformas divulgam informações referentes a essa política pública e dão vazão ao conteúdo audiovisual produzido dentro dos CUCAs pelos jovens comunicadores. Além disso, no decorrer do processo de campo, fotografias passaram a fazer parte do trabalho de pesquisa, ajudando no registro de momentos-chave do cotidiano dos monitores. Também desenvolvemos um questionário com perguntas pessoais básicas, respondido pelos jovens parceiros de observação.

De início, entre meados de 2018 e o primeiro semestre de 2019, a pesquisa foi sendo realizada de forma exploratória, por meio de visitas esporádicas aos Centros Culturais e entrevistas/conversas, devidamente registradas por meio de gravações em áudio, com os gestores responsáveis pelos projetos do setor de comunicação da Rede CUCA. No segundo semestre de 2019, com a metodologia do trabalho definida, intensifiquei a minha presença no campo e iniciei o percurso junto aos jovens comunicadores do CUCA Mondubim.

Como técnicas adotadas, estão as já mencionadas: observação participante, diário de campo e entrevista semiestruturada. É importante destacar que o uso dessas técnicas, por conta própria, não representa a construção de um trabalho etnográfico em sua completude. Por essa razão, nos sentimos mais confortáveis em pensar esta escolha metodológica como uma inspiração etnográfica, devido exatamente à utilização de algumas técnicas teórico-metodológicas provenientes da etnografia.

Geertz (1989), ao discutir a prática etnográfica, argumenta que são as técnicas e os processos determinados na metodologia os definidores da pesquisa. O que o autor denomina de “descrição densa”, contrasta com a ideia encontrada nas opiniões de diversos “livros-

¹⁰ Site da Coordenadoria de Juventude de Fortaleza, disponível em: <<https://juventude.fortaleza.ce.gov.br/>>. Acesso em: 11 dez. 2019.

¹¹ *Facebook* da Rede Cuca, disponível em: <<https://www.facebook.com/redecuca>>. Acesso em: 11 dez. 2019.

¹² Canal no *YouTube* Juv.TV, disponível em: <<https://www.youtube.com/juvtv>>. Acesso em: 11 dez. 2019.

textos” a respeito do fazer etnográfico, em que a prática está resumida a “estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante” (p. 4).

Magnani (2002) reforça esta concepção de Geertz, apontando que a etnografia não pode ser reduzida a uma técnica. O método em questão é capaz de incorporar várias técnicas, ajustando-se a diferentes pesquisas, entretanto, não podendo ser resumido a um ajuntamento de procedimentos. O que não pode acontecer é descuidar da busca por um novo entendimento sobre o objeto de pesquisa. Assim, “não é a obsessão pelos detalhes que caracteriza a etnografia, mas a atenção que se lhes dá” (p. 17).

Assim, para responder à questão central da pesquisa, sobre *como* os jovens participantes do Programa de Monitoria do CUCA Mondubim compreendem-se comunicadores, estabelecemos um diálogo com o grupo social selecionado e avaliamos as suas vivências cotidianas e práticas comunicacionais, tanto no âmbito institucional como em suas atividades pessoais nas redes sociais.

É importante destacar o fator interdisciplinar desta pesquisa, o que é bastante comum em estudos comunicacionais – dialogando, principalmente, com as Ciências Sociais. Braga (2011), ao explorar esse contato entre as variadas abordagens para investigar objetos de pesquisa complexos, comenta sobre a ampliação desse tipo de prática no mundo contemporâneo, o que estabelece possibilidades de encontro entre diversas teorias das Ciências Humanas. Inclusive, esse contato é importante para a maturação da forma de lidar com as tensões inevitáveis quando há encontro entre visões distintas. Isso permite colaborações que não seriam possíveis caso não houvesse diálogo entre as disciplinas.

Dessa forma, diversas áreas se utilizam de recursos da etnografia, principalmente dentro das Ciências Humanas e Sociais, como a Comunicação, Educação e Sociologia. Sobre a etnografia ser oriunda da Antropologia, tendo a observação participante como técnica principal para a pesquisa de campo, Caiafa (2007) aponta que:

Uma característica interessante e central da etnografia que se desenvolveu no campo da antropologia, [...] é o fato de o pesquisador se incluir, de uma forma problemática, na pesquisa. Lidar com esse problema tem sido um desafio desejado nas teorias e nas pesquisas em antropologia e vem criando diferentes posições e estilos. Na pesquisa etnográfica, a participação do etnógrafo naquilo que investiga produz conhecimento, faz avançar a investigação. Trata-se de um problema muito fértil e que coloca outros também interessantes, como o da relação que o observador-participante estabeleceria com as pessoas que encontra no campo (p. 137).

Na busca pelo melhor entendimento do contexto do grupo social estudado, o investigador tem como principal instrumento de pesquisa as suas próprias vivências e o material coletado a partir do trabalho de observação participante e por meio do seu diário de campo. Assim, somente a experiência em campo possibilita a observação adequada para a identificação das subjetividades, dos elementos culturais e sociais que permeiam o cotidiano dos jovens comunicadores da Rede CUCA.

O campo apresenta grandes desafios, sendo preciso, de início, que os membros do grupo a ser acompanhado concordem com a presença do observador participante entre eles. É requerido do pesquisador esforço para ser aceito no ambiente de pesquisa, não sendo percebido como um agente externo, mas alguém cujo envolvimento faz-se presente nas dinâmicas cotidianas do grupo. Angrosino (2009) argumenta que o observador participante não pode imaginar obter o controle de todo o escopo da pesquisa. Sabendo da imprevisibilidade dos elementos, não se pode seguir um roteiro de forma estritamente precisa. Para a pesquisa aqui realizada, no cenário das políticas públicas, existe uma suscetibilidade a possíveis entraves burocráticos e remanejamentos de equipes e recursos, bastante comuns no setor público.

Por meio da observação participante, o campo dá indícios ao pesquisador sobre decisões a serem tomadas em relação aos rumos da pesquisa. Um exemplo disso ocorreu logo durante a primeira semana no campo, quando entendi a minha própria dificuldade enquanto pesquisador de acompanhar, durante aquele período, todos os monitores do Programa. No conjunto, eram três Centros Culturais localizados em regionais diferentes, cada qual apresentando um problema logístico e metodológico diferente. Por se tratar de um estudo sobre a compreensão do jovem comunicador, identifiquei a necessidade de atenção às dinâmicas dos jovens. Assim, decidi concentrar a pesquisa no acompanhamento dos cinco monitores do CUCA Mondubim. A definição permitiu uma aproximação com os cinco jovens que, caso eu tivesse optado por abraçar todos os CUCAs, provavelmente não teria conseguido.

A primeira edição do Programa de Monitoria de Jovens Comunicadores aconteceu no ano de 2018. Os jovens parceiros na pesquisa foram escolhidos no processo seletivo da terceira edição do Programa, denominada como turma 2019.2, por serem o segundo grupo de monitores daquele ano. O processo de seleção ocorreu entre 18 de julho de 2019 e 5 de agosto do mesmo ano. Com duas fases: a primeira se tratava de uma análise curricular, na qual se avaliava se os interesses e as experiências dos candidatos estavam em conformidade com os objetivos da Monitoria; a segunda, composta por entrevista e teste prático, visava a obter

informações como disponibilidade e interesse, além de testar as habilidades dos jovens. Ao final, foram selecionados 15 monitores, sendo divididos igualmente para cada Centro Cultural ativo. O CUCA Mondubim ficou com cinco jovens comunicadores, aos quais dedicamos esta pesquisa.

Além das idas ao campo de forma exploratória, na fase da pesquisa etnográfica, estive presente em 18 oportunidades, a maioria acompanhando os processos dentro dos CUCAs e, em algumas oportunidades, seguindo o trabalho dos jovens comunicadores em gravações de matérias externas. Devido às dificuldades encontradas, tanto no que diz respeito à redução de tempo do período desta edição do Programa de Monitoria, quanto em relação aos horários e localizações das gravações em locais externos, não pude estar presente em alguns momentos. Por isso, desempenhei o papel de observador participante menos vezes do que o esperado.

O diário de campo serviu como forma de materialização das observações do pesquisador, permitindo um retorno, no momento da análise dos dados, às experiências vividas em campo. Da Matta (1978, p. 8) argumenta que “os dados, por assim dizer, caem do Céu como pingos de chuva. Cabe ao etnólogo não só apará-los, como conduzi-los em enxurrada para o oceano das teorias correntes”. Ainda sobre o diário de campo, Malinowski (2018) salienta como alguns fatos só são percebidos com o tempo, tendo em mente que o etnógrafo do primeiro dia de observação participante não é o mesmo do último, revelando a importância do diário etnográfico para a sistematização do percurso no campo.

Optamos de início pela utilização do aparelho celular pessoal como bloco de notas, tanto pela praticidade quanto pela naturalidade do seu manuseio, uma vez que facilita o trabalho de registrar rapidamente algumas observações e reflexões. Além disso, a preferência pelo bloco de notas digital se deu pois este elimina a formalidade que o caderninho de anotações poderia passar aos jovens, tal como evidenciado pela dissertação de Torres (2020). A dinâmica dos registros variava de acordo com a situação experienciada, tendo em vista que havia ocasiões em que os apontamentos podiam ser realizados naquele mesmo momento e outras que, devido às ocupações em algumas atividades com os monitores e técnicos, era inviável fazer qualquer anotação rápida. Dessa forma, havendo oportunidade, o registro era feito.

Para a organização dos dados, ao final dos dias, a descrição dos fatos testemunhados era feita, respeitando a cronologia dos momentos. Nesse momento, procuramos ter cuidado para nos atermos aos objetivos de pesquisa, com atenção à quando e onde aconteciam as ações presenciadas. Com isso, refletimos acerca dos acontecimentos,

mesmo daqueles pertencentes a domínios mais subjetivos, impalpáveis e, ainda assim, reais, como as visões dos jovens sobre si como comunicadores. Ao todo, o diário de campo somou 31 páginas a serem exploradas no decorrer desta dissertação.

Durante o desenvolvimento desta pesquisa, surgiram dúvidas a respeito da melhor forma de responder à pergunta norteadora e atender os objetivos de pesquisa. Algumas foram contempladas durante o decorrer do trabalho de campo. Após o período da observação participante nos distanciamos dos jovens comunicadores do CUCA Mondubim. Por isso, enquanto sistematizamos o diário de campo, nos questionamos a respeito da necessidade de voltar ao CUCA Mondubim a fim de coletar mais dados. O fato de, dos cinco monitores, três deles continuarem participando de atividades no Centro Cultural do Mondubim abria essa possibilidade. Essa ideia esbarrou na atual conjuntura sanitária do país após os acontecimentos envolvendo a pandemia de COVID-19. Então, decidimos prosseguir com a pesquisa através de entrevistas semiestruturadas, propondo questões ainda não respondidas durante a observação participante e trazendo mais a voz e as ideias dos próprios jovens a respeito da temática aqui estudada.

Vale salientar que, mesmo se tratando de um estudo cujo o objeto de pesquisa está ligado diretamente à produção de conteúdo, não realizamos a análise do resultado final de todas as produções realizadas pelos jovens comunicadores no decorrer do Programa de Monitoria, que incluíam episódios de programas, vinhetas, quadros, entre outros. Tampouco teríamos como dar conta de toda produção individual de conteúdo em suas redes. Então, de modo que as escolhas pudessem refletir e incorporar o olhar dos jovens sobre a atuação deles como comunicadores, solicitamos que escolhessem dois conteúdos que contaram com suas participações diretas – um para o Programa e outro postado em suas redes para serem analisados.

Também realizamos entrevistas semiestruturadas para ampliar o diálogo iniciado em campo. As entrevistas aconteceram no fim de 2020, meses após o período de observação participante. Esse procedimento metodológico foi escolhido para atender a necessidade de nos aprofundarmos em suas vozes, trajetórias, percepções e compreensões sobre suas práticas. Nesta segunda fase da pesquisa, considerando o cenário da pandemia de COVID-19, o convite foi feito por meio das redes sociais e as entrevistas foram realizadas virtualmente, através do aplicativo de reuniões: o *ZOOM*. O quadro descritivo dos jovens, com informações básicas sobre cada um deles, será visto no próximo subcapítulo.

A fim de estabelecer o melhor entendimento do entrevistado sobre aquele tipo de procedimento, foi esclarecido ao participante que, a entrevista assumiria o tom de uma

conversa, logo teria total liberdade para ser espontâneo. Os áudios foram transcritos para a análise dos dados. Após a transcrição, o material passou pela conferência de fidedignidade, com a revisão da transcrição a fim de checar todos os detalhes, evitando possíveis erros de análise.

Segundo Duarte (2004), as entrevistas são primordiais para o processo de classificação de universos sociais específicos, possibilitando esquematizar práticas e valores dos objetos de estudo, a fim de esclarecer conflitos e contradições encontradas pela pesquisa. Com isso, a delimitação das perguntas tinha enfoque no cumprimento dos objetivos de pesquisa estabelecidos, e partia de conhecimento prévio a respeito do campo e do contexto social experienciado pelos jovens comunicadores.

Buscamos compreender as diferentes percepções e compreensões dos monitores sobre as suas próprias realidades e vivências comunicacionais. Isso nos permitiu “descrever e compreender a lógica que preside as relações que se estabelecem no interior daquele grupo, o que, em geral, é mais difícil obter com outros instrumentos de coleta de dados” (p. 215).

Boni e Quaresma (2005), ao abordar as entrevistas semiestruturadas, argumentam que se trata de uma combinação entre perguntas abertas e fechadas, o que fornece ao entrevistado a possibilidade de dissertar sobre determinada temática. Mesmo em se tratando de uma entrevista, com perguntas previamente estabelecidas, o pesquisador precisa emular um contexto de uma conversa informal. Ainda assim, os objetivos são o principal foco da conversa, logo, é necessário direcionar a discussão a fim de obter as respostas para as perguntas relevantes à pesquisa. Duarte (2004) explicita a necessidade de procurar extrair das palavras do entrevistado, baseado em suas vivências individuais e sociais, dados que permitam uma melhor compreensão a respeito das problemáticas estudadas pela pesquisa.

Por fim, para analisar os conteúdos produzidos, tanto de forma institucional quanto pessoal, nos apoiamos em recursos teóricos da Análise do Discurso (AD), principalmente de algumas proposições de Foucault (1996). O filósofo francês argumenta que, de forma geral, o discurso na sociedade é controlado, selecionado, organizado e redistribuído “por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade” (p. 9). Com isso, podemos identificar os discursos e seus sentidos no material analisado (vídeos produzidos pelos jovens comunicadores do CUCA Mondubim) a partir da observação dos diferentes tipos de enunciados, sejam eles verbais ou não verbais. Buscamos padrões, conexões e demais tipos de informações nos discursos que ajudassem a responder à questão principal desta pesquisa.

São variados os elementos que podem ser analisados enquanto marca de discurso, passíveis a interpretação; “na AD não é necessário analisar tudo que aparece [...], pois se trata de uma análise vertical e não horizontal. O importante é captar a marca linguística e relacioná-la ao contexto sócio-histórico” (CAREGNATO, MUTTI, 2006, p. 682), o que buscamos fazer nos próximos capítulos, relacionando-os, ao final, aos discursos reproduzidos nas produções dos jovens comunicadores.

Os processos envolvendo o início do contato com os jovens serão explorados a seguir, onde relato a experiência da construção dessas relações e descrevo de forma mais detalhada cada um dos monitores. Para isso, questões éticas não foram ignoradas. Tendo o consentimento institucional da Rede CUCA para a realização da pesquisa, distribuí para todos os monitores o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Assim, puderam ler e esclarecer quaisquer dúvidas sobre o documento, e assinaram, consentindo em todos os momentos com a divulgação dos dados aqui apresentados. Mesmo assim, nomes fictícios foram escolhidos pelos monitores, a fim de assegurar que a confidencialidade e a privacidade seriam mantidas.

2.3 Os Jovens Comunicadores (e os Seus Percursos)

Quando em campo, busquei direcionar as minhas observações à pergunta norteadora da pesquisa e dos objetivos pré-estabelecidos. Todavia, o andamento do trabalho ajudou na melhor delimitação do que eram, de fato, esses objetivos e o objeto de pesquisa. Não havia nada fechado antes desses momentos, sendo o campo primordial para a construção teórica de todo o conteúdo aqui apresentado. Não só a minha presença no campo se intensificou durante o período final do Programa de Monitoria, mas também a minha relação com os jovens comunicadores e a equipe da Coordenação de Comunicação Comunitária do CUCA Mondubim.

Primeiramente, a minha presença no decorrer desses dias iniciais de pesquisa foi de adaptação mútua, do pesquisador com os jovens comunicadores e técnicos de comunicação. De fato, essa aproximação e busca de conhecimento recíproco foi ocorrendo de forma mais natural com o tempo, mas, ainda assim, não deixou de ser um desafio em nenhum momento. Isso talvez tenha ocorrido devido a minha entrada no campo somente algum tempo após o início da edição do Programa de Monitoria, levando em conta que havia se estabelecido anteriormente uma dinâmica particular entre aquele grupo que produzia comunicação no CUCA Mondubim. Com a minha inserção naquele ambiente, mais um fator foi adicionado ao cotidiano dos monitores. Mesmo atuando como pesquisador, associado a

uma universidade pública, desvinculado da influência institucional daquela PPJ, a minha presença ali contou com a anuência e ajuda dos gestores públicos. Por isso, busquei inicialmente intensificar a observação participante, a fim de me envolver mais ativamente nos processos do dia a dia dos jovens e de me desassociar de uma possível imagem institucional ligada à própria Rede CUCA.

Dessa forma, constantemente me colocava disponível para ajudar os jovens comunicadores e os funcionários em suas tarefas, como transportar ou operar equipamentos nas gravações, dar sugestões na condução de determinadas matérias, entre outras atividades. Em momentos como esses, em meio a tarefas cotidianas e, em alguns casos, até triviais, sentia extrair mais das percepções dos jovens a respeito da realidade na qual estavam inseridos. Com o tempo, pude perceber que a sensação de ser alguém estranho entre aquelas pessoas foi diminuindo, tanto por minha parte como por parte dos jovens e dos funcionários. Essa convivência mais intensa me aproximou dos monitores e passei a percebê-los com mais naturalidade e profundidade, reparando melhor nas suas características e individualidades. Como pesquisador, isso me deu subsídios suficientes para o caminhar do trabalho, o que foi bastante satisfatório.

Desde as primeiras ideias sobre a pesquisa, assim como durante boa parte de sua realização, a pré concepção sobre quem era o frequentador dos CUCAs se fez presente. Imaginei, antes de conhecer o grupo, um jovem de periferia que sofria devido à sua situação de vulnerabilidade social, com poucos meios de comunicação a disposição e até mesmo carência acentuada de recursos para o atendimento de necessidades básicas, como alimentação, vestuário e cuidados com a saúde. Isso partia de uma noção estereotipada relacionada a uma realidade social e não, necessariamente, a dos jovens da pesquisa.

A fim de obter um entendimento mais geral a respeito do grupo de jovens comunicadores do CUCA Mondubim e de reunir informações completas para a pesquisa, preparei um questionário que foi respondido por todos os cinco monitores. Algumas dessas informações haviam sido registradas durante o período da observação participante, mas avaliamos ser importante obtê-las de forma mais organizada. No questionário, os jovens tiveram a opção de, caso não se sentissem confortáveis em divulgar alguma informação, passarem adiante e não responderem. Apenas questões de identificação pessoal (nome, idade e e-mail) eram obrigatórias para a participação.

Averiguamos informações básicas dos cinco jovens, como idade, cidade de nascimento e de residência, o que permitiu saber que três deles moravam em regionais

diferentes da Regional V do Mondubim. Isso demonstra como os CUCAs são frequentados por jovens de localidades que vão além da comunidade ao redor dos Centros Culturais.

Tabela 1 – Informações sobre os jovens comunicadores

Monitores	Ano de nascimento	Cidade de nascimento	Cidade de residência	Bairro da cidade	Regional da cidade
01	1991	Fortaleza	Maracanaú	Conjunto Industrial	*
02	1997	Fortaleza	Fortaleza	Passaré	Regional VI
03	1999	Fortaleza	Fortaleza	Bom Jardim	Regional V
04	1999	Fortaleza	Fortaleza	Bom Jardim	Regional V
05	2000	Fortaleza	Fortaleza	Jangurussu	Regional VI

Fonte: Questionário desenvolvido pelo autor

Quase todos os monitores faziam uso de transporte público como principal meio de locomoção até a Rede CUCA, com exceção de um(a) jovem, que utilizava um carro para esse fim. No período da pesquisa, testemunhei isso uma vez, quando, conforme evidenciado pelas anotações, no “meu caminho para o CUCA Mondubim, encontrei [...] um dos jovens comunicadores, [...] No mesmo ônibus, fomos todos em direção ao CUCA Mondubim” (DIÁRIO DE CAMPO, novembro de 2019). O que evidencia a extensão da política pública em questão, demonstrando como jovens dos mais variados bairros de Fortaleza frequentam os Centros Culturais, muitas vezes passando horas para se deslocarem entre as suas residências, escolas, faculdades, trabalhos e os CUCAs. Tendo em conta que o transporte público não é de graça, esse deslocamento não pode acontecer sem alguma despesa por parte do jovem.

Em relação à estrutura familiar dos jovens comunicadores, todos residiam com alguém, com a maioria, três deles, dividindo um domicílio com mais duas pessoas; somente um(a)¹³ jovem disse morar com mais outra pessoa; e outro(a) jovem disse morar em uma casa com mais cinco pessoas. Essa estrutura familiar, com base nos dados citados, de duas a três pessoas em uma casa, é comum a muitos jovens de classe média e classe média baixa. De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD) de 2019, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a média geral de moradores por

¹³ Como o grupo de jovens comunicadores é composto de forma plural nos momentos em que estivermos falando sobre um jovem específico sem querer identificá-lo, faremos uso de termos como “um(a)”, “outro(a)” e demais variações. Quando estivermos falando sobre os jovens de forma geral, continuaremos utilizando pronomes masculinos.

domicílio no país é de 2,9, sendo 3,0 na região Nordeste. Como o número de domicílios particulares no país é de 72,4 milhões, mais especificamente 18,9 milhões dessas residências possuem três residentes. As casas com cinco pessoas chegam ao número de 5,4 milhões.

O núcleo familiar é relevante para o entendimento a respeito da dinâmica domiciliar dos jovens brasileiros. A compreensão do que é ser jovem vem mudando ao longo dos anos, muito devido às condições de existência da sociedade capitalista. Esteves e Abramovay (2007, p. 24) argumentam que as repetidas extensões da faixa etária correspondente aos jovens, se dá, em parte, pelos problemas socioeconômicos resultados desse sistema – “tais como a elevação progressiva do tempo de formação escolar, o aumento desmedido da competição no mercado de trabalho e a conseqüente escassez de empregos.” O conceito de jovem adulto é uma das formas de explicar como uma parcela considerável da sociedade, que há poucas décadas conquistava relativa independência pouco tempo após a maioridade, demora cada vez mais para alcançá-la e se desprender do núcleo familiar.

Sobre o histórico escolar dos jovens comunicadores do CUCA Mondubim, três frequentaram escolas públicas durante o ensino médio, enquanto os outros dois tiveram sua educação formal, nesse mesmo período, na rede particular. Quatro jovens estavam tendo, também, experiências no ensino superior. Os cursos eram ‘Jornalismo’, no Centro Universitário Estácio do Ceará, instituição particular; ‘Publicidade e Propaganda’, na Faculdade Cearense, também particular, e Centro Universitário Estácio de Sá; e ‘Licenciatura em Artes Visuais’, pelo Instituto Federal do Ceará (IFCE), instituição pública. Um(a) jovem tinha bolsa de 50% no ensino particular pelo projeto Quero Bolsa.

No que diz respeito ao acesso à Internet, todos os jovens afirmaram possuir aparelhos com conexão em casa. Todos possuíam algum computador (sendo um[a] jovem com um *desktop* e outro[a] com *desktop* e *notebook*, já os outros três possuíam somente um *notebook*) e algum tipo de aparelho celular. Em um contexto onde, segundo a pesquisa TIC Domicílios, de 2019, somente 26% das residências no Brasil têm um *notebook* e 16% possuem um *desktop*, os jovens comunicadores do CUCA Mondubim dispõem de acesso à Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) nem sempre disponíveis para jovens de periferia na sociedade brasileira. Ainda, três monitores informaram possuir, em suas casas, televisão com acesso à Internet, também conhecidas como *smart TVs*.

Para identificar os jovens de forma que não os expusesse, garantindo a confidencialidade das identidades coletadas através da sua participação e não trazendo qualquer prejuízo para a sua imagem diante de qualquer situação, decidimos deixar que cada um escolhesse um nome fictício. Dessa forma, foi possível explorar as suas particularidades e

trajetórias. A seguir, apresento um pouco dos percursos dos cinco jovens comunicadores, buscando contar um pouco da história de cada um, com base no recorte apresentado.

Ágata¹⁴: Muito desenvolta, chamava a atenção pela facilidade com que se comunicava, tanto diante das câmeras quanto à parte delas. Estava sempre se movimentando pelo Centro Cultural do Mondubim, com uma câmera presa ao pescoço, produzindo conteúdo. A fotografia era um dos interesses mais característicos da garota. Não tinha formação acadêmica e nem estava matriculada em algum curso de graduação em qualquer área.

De acordo com a própria jovem, seu interesse pela Comunicação era amplo e não se restringia a uma determinada área ou técnica. “Eu costumo dizer que eu sou um guarda-chuva”, disse em entrevista. Na escola, Ágata escrevia redações muito bem, mas nunca tinha feito relação com a Comunicação em si. Muito inserida na Internet desde muito cedo, aos 13 anos era administradora de fã-clubes e, por conta disso, criava algumas peças de *design* gráfico.

Ainda na escola, durante o ensino fundamental, começou a ter um contato mais direto com formações na área da Comunicação. Ágata estudava em uma escola de tempo integral da Prefeitura de Fortaleza, quando no oitavo ano ocorreram as eletivas – evento escolar com oficinas de criação – e a garota pôde participar de uma oficina de audiovisual. O projeto foi descontinuado, pois o grupo que ministrava a oficina parou de ir à escola por motivo desconhecido. Ainda assim, seus primeiros contatos com formatos de conteúdo, como curta-metragem e longa-metragem, aconteceram ali, o que despertou o seu interesse.

No ensino médio, Ágata estudou em uma escola profissionalizante. Durante a sua estadia, foi ofertado pela primeira vez o curso de multimídia, com a garota participando da turma piloto. Multimídia, como o próprio nome se refere, abrange uma variedade de assuntos e técnicas dentro da Comunicação, o que despertou o interesse da jovem. O caráter experimental do curso fez que a turma participasse de constantes avaliações e análises, e passasse por dificuldades, como falta de equipamentos para exercícios práticos e professores ainda descobrindo o direcionamento daquela formação. Atualmente, segundo a jovem, o curso está mais consistente. Ainda nesse período, Ágata participou de um estágio em uma universidade, pondo em prática o que havia visto na teoria, principalmente no trato com redes sociais e produção de conteúdo.

Após o ensino médio, em 2019, Ágata se viu desempregada. Em entrevista, a jovem relatou ter pensado em fazer uma graduação em ‘Direito’ e ser advogada, muito por

¹⁴ Os nomes dos jovens comunicadores acompanhados por esta pesquisa, são fictícios, escolhidos pelos próprios participantes.

influência de sua família. Quando estudava para o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), fundamental para a entrada no ensino superior, surgiu uma oportunidade na Rede CUCA. O curso de fotografia chamou a atenção da garota, principalmente por ter certa aptidão. Ainda sem ter contato formal com a área da fotografia, a garota fotografava por conta própria. “Eu pegava o celular, tirava foto das amigas, elas elogiavam, gostavam, e então resolvi colocar em prática”, lembrou Ágata. Durante o curso, pôde aprender muito e foi bastante elogiada pelo professor, dizendo que ela tinha um bom olhar para a fotografia. Resolveu investir mais, pondo de lado a ideia de cursar ‘Direito’.

Esse período, após o curso de fotografia, foi de maior inserção na Rede CUCA, em que passava o dia nos Centros Culturais, da manhã até a noite. Iniciou dois cursos de audiovisual, um pela manhã e outro à tarde. À noite permanecia no CUCA Mondubim para a natação. Quando finalizou os cursos, inscreveu-se para o Programa Repórter CUCA, pois viu como uma possibilidade de pôr em prática o que havia aprendido, o que os cursos não ofereciam. Foi aprovada.

Durante o Repórter CUCA, Ágata elaborava projetos, operava câmeras, editava vídeos e apresentava programas. Ao finalizar, inscreveu-se no Programa de Monitoria de Jovens Comunicadores, dando continuidade em sua formação na Rede CUCA. Passou na seleção e começou a ser monitora. Segundo a jovem, desempenhou “atividades como as do Repórter CUCA, só que agora, digamos que com mais responsabilidade”. O Repórter CUCA foi entendido pela garota como um projeto dedicado a jovens com níveis iniciantes de aprendizado, enquanto a Monitoria mais avançada. Ela se dizia uma pessoa que gosta de ter responsabilidades e de encarar desafios, por isso a Monitoria foi um passo natural dentro do seu percurso dentro da Rede CUCA.

Miguel: Era o participante mais velho do Programa de Monitoria. Além da boa capacidade de se comunicar, sempre se mostrou muito solícito para trocar ideias. Seu interesse, mais evidente, era a cobertura esportiva feita pela mídia. Durante o período da Monitoria demonstrou conseguir se relacionar bem com pessoas do meio esportivo regional. Estava cursando a sua graduação em ‘Publicidade e Propaganda’.

Ainda no colégio, Miguel pensava em cursar ‘Direito’. Acabou se formando em ‘Ciências Sociais’ e indo trabalhar com pesquisas junto a sua mãe, o que não gostava muito. Parte da decisão de entrar para a faculdade de ‘Ciências Sociais’ e se tornar pesquisador, deveu-se a uma certa pressão social ao sair do colégio para entrar o mais rápido possível em uma faculdade. Foi aprovado de primeira em uma universidade pública e se sentiu compelido a seguir aquele caminho.

Sua aptidão para a Comunicação vinha de anos anteriores, quando apreciava fazer o material de divulgação (convites e cartões) para festas de aniversários de conhecidos. Considerava-se uma pessoa muito visual, mas nunca chegou a desenhar. Após reavaliar suas prioridades, decidiu recomeçar a sua carreira do zero e ir para a Comunicação.

Iniciou sua graduação em Comunicação Social no ano de 2018. Em seguida começou suas atividades na Rede CUCA, obtendo muito aprendizado na área do jornalismo. Inclusive, Miguel ponderou se valeria a pena transferir o curso de ‘Publicidade e Propaganda’ para o ‘Jornalismo’, a fim de trabalhar com jornalismo esportivo. Acabou não efetuando a mudança, pois segundo ele, “na publicidade [...] poderia abraçar um leque maior [de oportunidades], e que se quisesse fazer jornalismo depois, conseguiria.”

Foi atleta de basquete, tendo sido esse o seu contato inicial com a Rede CUCA. O seu interesse por esporte rendeu uma de suas primeiras experiências com produção de conteúdo para a Internet, em uma página de torcedores de um grande time da capital cearense. Assim, pôde desenvolver habilidades de *social media* e *designer*. Mais tarde, quando participava do Programa de Monitoria, ao lado das outras monitoras, trabalhou com a cobertura esportiva de diversos eventos esportivos em Fortaleza. Além disso, usou essa oportunidade para criar uma página no *Instagram* voltada para a cobertura do esporte regional, desde times de futebol amador até o Basquete Cearense, time da primeira divisão da Liga Nacional de Basquete. O projeto era chamado de Miguel Esporte Clube¹⁵.

Gabriela: Com um sorriso sempre presente, a monitora tinha preferência pelo trabalho na Rádio CUCA. Gostava de escolher as músicas da programação do dia e várias vezes atuava na edição de áudio. A jovem era graduanda de ‘Publicidade e Propaganda’. Muito ativa em várias redes sociais, demonstrava ter boa noção do cenário comunicacional da cidade de Fortaleza, como constata os relatos do diário de campo:

Gabriela falou que tinha me visto interagindo no *Twitter*. Essa foi a primeira vez que interagimos no âmbito pessoal. Conversamos um pouco sobre a comunidade de Fortaleza nesta rede social, e como ali existia todo um cenário. Luiza e Gabriela me falaram que usam muito o *Twitter*. Perguntei se a Rede CUCA também trabalhava com esta rede social, e elas me disseram que não, mas que seria uma boa forma de dialogar com parte da juventude fortalezense (DIÁRIO DE CAMPO, novembro de 2019).

Desde a infância tinha um lado extrovertido e outro tímido. Na adolescência gostava muito de escrever, principalmente para a Internet. Fazia uso do *Tumblr* para dar vazão aos seus textos, o que fez com que ganhasse muitos seguidores na plataforma. Escrevia textos

¹⁵ Miguel Esporte Clube é um nome fictício para o verdadeiro projeto do jovem comunicador.

a respeito dos seus sentimentos e opiniões, com características bem pessoais. Era uma forma de se expressar.

Após a escola, entrou na faculdade de ‘Psicologia’, fazendo três semestres. Quando percebeu que não era para si, mudou de curso, mudando para a ‘Publicidade e Propaganda’. Ainda assim, tinha dúvidas sobre o seu futuro. Foi quando conheceu a Rede CUCA. Ao ser chamada para fazer algumas fotos para a divulgação de cursos dos Centros Culturais, soube das possibilidades apresentadas ali. Resolveu fazer alguns cursos. Essa decisão fez, de acordo com a própria jovem, ela ter certeza que iria traçar seu percurso na Comunicação.

Conforme foi desenvolvendo suas habilidades práticas na Rede CUCA, cresceu também na sua comunicação interpessoal, conseguindo se posicionar melhor diante das situações apresentadas. Algumas de suas habilidades técnicas também foram apresentadas em dois projetos pessoais, ambos na rede social *Instagram*, com uma página dedicada às ilustrações realizadas por ela própria, e outra de cunho ainda mais pessoal, apresentando o processo de decoração da casa com o marido.

Luiza: Demonstrava ser a mais tímida do grupo, o que traduzia em participações reduzidas diante das câmeras. Seu conhecimento técnico, tanto no que diz respeito à gravação quanto também sobre edição, era avançado. Geralmente estava na ilha de edição, com o seu fone de ouvido, editando algum vídeo. Demonstrava sentir orgulho dos materiais audiovisuais editados quanto terminados. Estava cursando ‘Jornalismo’.

Quando adolescente, gostava de ler e escrever. Se expressava por meio de poemas, romances e, na escola, redações. Por isso, sua primeira opção de graduação sempre foi o jornalismo. Não pensava nem mesmo em carreira, só queria escrever. Ao final do ensino médio, pensou em cursar ‘Letras’, mas se tornar jornalista parecia o caminho que permitiria a concretização do seu desejo de continuar escrevendo.

Durante a graduação na área da Comunicação, segundo a jovem comunicadora, seu curso trazia muita teoria e pouca prática. O CUCA surgiu na vida da garota como uma forma de complemento do seu curso de graduação. Primeiro ela entrou para o Repórter CUCA, o que fez com que a jovem descobrisse diversas possibilidades dentro de sua área de atuação, como a edição de vídeo e a operação de câmera.

Quando estava no Programa de Monitoria, Luiza foi aprovada para estagiar em uma estação de rádio de Fortaleza, de um órgão público do município, o que aumentou também o seu interesse pela produção de conteúdo radiofônico. No caso, a jovem foi aprovada devido a uma seleção interna de sua faculdade. O estágio durou seis meses e

consistia na produção de conteúdo cultural, como cobertura de eventos que aconteciam na cidade. Similar ao que era produzido na Rede CUCA.

A timidez da garota era uma característica de sua personalidade. Ela preferia ficar por detrás das câmeras. Em um determinado momento durante a observação participante, fui informado que ela, até aquele momento, era a única monitora a não apresentar qualquer matéria, e por isso, foi definida uma meta de apresentação da garota até o fim do ano, o que foi realizado.

Mais recentemente, a garota não vinha mais escrevendo. Ao conhecer outras possibilidades dentro da Comunicação, como o audiovisual e o rádio, acabou dedicando seu tempo à produção nestas áreas. Quando perguntada se ainda tinha os escritos da sua adolescência, disse que tinha, mas que não iria disponibilizá-los, pois tinha vergonha.

Luna: A jovem também não tinha muito interesse em estar diante das câmeras. Logo de início pensei se tratar de timidez, mas, sempre brincava comigo dizendo me considerar uma espécie de espião, o que me fez com o tempo relacionar sua discrição ao fato de simplesmente gostar mais de estar por trás das câmeras. O interesse mais evidente da garota estava relacionado às artes plásticas. Inclusive, ela desenvolveu um projeto pessoal na Internet sobre o assunto.

Luna gostava de arte desde a infância. Na escola tinha a semana de artes, durante a qual a jovem produzia e vendia os seus trabalhos artísticos. Mesmo assim, seu primeiro pensamento após o término do ensino médio era o de fazer graduação em ‘Psicologia’, área que sempre despertou o seu interesse. Pensando na sua aptidão artística, passou a se imaginar como uma diretora de arte. Queria produzir obras que chamassem a atenção. Por isso, pensou no curso de ‘Publicidade e Propaganda’.

Com duas opções, encontrou outra possibilidade na ‘Licenciatura em Artes Visuais’. Ao pesquisar sobre o curso, Luna disse ter percebido que era tudo o que ela queria, só não havia identificado antes. Além da sua aptidão para as artes, a jovem ficou empolgada com a possibilidade de trabalhar com educação. Em 2016, quando iniciou os estudos na faculdade, expressar-se passou a ser uma necessidade, devido à demanda artística e cultural das disciplinas. Isso possibilitou uma relação maior com diversas formas de expressão, como desenho, pintura, escultura, vídeo, performance, entre outras. Por exemplo, para as produções artísticas desenvolvidas, os alunos eram orientados a desenvolver escritas poéticas a fim de inspirá-los.

A Rede CUCA surgiu como forma de explorar essa interdisciplinaridade frequente na vida da jovem. Assim, podia explorar as habilidades que vinha desenvolvendo

em conjunto com aquelas que estava conhecendo no setor de comunicação dos Centros Culturais, o que, segundo a garota, abriu um leque de possibilidades. Com o decorrer do seu percurso, passou a trabalhar como *designer* e *social media freelancer*, além de ter montado junto com duas pessoas, uma empresa de produção audiovisual e fotográfica.

Como podemos ver, todos os monitores tinham alguma relação com o fazer comunicacional e com a própria Rede CUCA. Os percursos deles como comunicadores eram prévios à experiência no Programa de Monitoria. Quando consideramos a comunicação como algo além do que é a chamada comunicação profissional, realizada principalmente nas grandes empresas, o início desse processo provavelmente aconteceu ainda antes dos momentos relatados pelos jovens. Um(a) jovem comunicador(a), em determinado momento, disse ter nascido com a Internet, tendo acesso desde muito criança, logo envolta por produções midiáticas. Isso nos leva a pensar que a própria distinção e separação desses momentos é praticamente impossível de ser feita.

A seguir, contextualizamos as políticas públicas de juventude no país, principalmente aquelas que envolvem os jovens comunicadores do CUCA Mondubim. Assim, podemos partir também para tratar sobre os assuntos presentes no cotidiano dos monitores do Programa, relacionando as vivências e práticas comunicacionais com o arcabouço literário disponível.

3 AS PPJs, A REDE CUCA E O SETOR DE COMUNICAÇÃO

Este capítulo contextualiza o cenário das políticas públicas de juventude no Brasil, o conceito de juventudes e a Rede CUCA. Para tanto, é importante considerar o contexto de desigualdade socioeconômica que subjaz políticas públicas como essa, associado à dificuldade de acesso às TICs no Brasil.

Para o entendimento do cenário das políticas públicas para as juventudes no Brasil, consideramos referências de autores consolidados que se debruçaram sobre o assunto. Abordamos a Rede CUCA como PPJ, com informações a respeito da estrutura, do alcance e dos objetivos dos seus Centros Culturais. Para aprofundar o entendimento a respeito da Coordenação de Comunicação Comunitária e do Programa de Monitoria de Jovens Comunicadores, voltamos às argumentações a respeito das políticas públicas, dessa vez, com enfoque no Direito à Comunicação. Enfim, a fim de estabelecer a estrutura organizacional dos projetos relevantes a esta pesquisa, reunimos dados provenientes de documentos, entrevistas e observação participante.

3.1 As Juventudes (e as PPJs)

A importância dessa discussão envolvendo políticas de juventudes, torna-se especialmente relevante, pela presença expressiva de jovens em Fortaleza. No estado do Ceará, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)¹⁶, no dia 25 de setembro de 2020, a projeção populacional é de 9.199.531 pessoas. Em Fortaleza, capital do estado, a população estimada no ano de 2019 era de 2.669.342 pessoas, com uma densidade demográfica de 7.786,44 hab/km². Neste cenário, e conforme projeções também do IBGE para 2020, a população jovem cearense, entre os seus 15 e 29 anos, corresponde a cerca de 25,56% dos residentes. Inclusive, os jovens com idade entre 20 e 24 anos compõem a maior fatia populacional da pirâmide, com 8,97% do total.

No âmbito internacional, vale salientar a definição dos jovens como pertencentes à faixa etária entre 15 e 24 anos, trazida pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 1985, e que serve como base para muitas políticas públicas ao redor do mundo. No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) entrou em vigor no ano de 1990, referência até os dias de hoje para diversas ações públicas. Nessa época, o conceito de juventude era atrelado normativamente ao período da infância e adolescência, excluindo aqueles que mais recentemente estão sendo chamados de jovens adultos, ou seja, os maiores de idade de 18 a 29 anos. Em 2013, o Estatuto da Juventude estabeleceu a faixa etária dos jovens entre 15 e 29 anos.

Fortes (1992) destaca que a medição do curso da vida por meio de idade, ou “anos”, ocorre pela sua pretensa neutralidade e naturalidade. As instituições das mais diversas sociedades, através da ciência, educação, direito, política etc., utilizam essa medida para definir os estágios da vida humana. Assim, a idade como denominador comum é percebida como a forma mais objetiva de classificar as pessoas, o que faz com que as diferenças sociais fiquem mais difusas. Todavia, o conceito de juventude não deve ser tratado de forma reducionista, limitando-o apenas ao fator etário. Também não se pode ser generalista, como se o conceito fosse delimitado a um grupo homogêneo, não reconhecendo os diferentes matizes existentes entre essas pessoas. O fato de as políticas públicas seguirem essa diretriz correspondente a determinado grupo etário, não implica que o nosso entendimento a respeito desse conceito se limita a isso.

¹⁶ Dados do IBGE, disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>>. Acesso em: 11 dez. 2019.

Por entender que o conceito em questão se delinea na relação com diferentes realidades, contribuindo para definir diversos modos de ser jovem, optamos por trabalhar com a ideia de juventudes. No plural, exatamente para nos afastarmos de pensamentos homogêneos e hegemônicos, que tendem a apagar determinados povos e/ou grupos sociais. Segundo Esteves e Abramovay (2007, p. 21), “não existe somente um tipo de juventude, mas grupos juvenis que constituem um conjunto heterogêneo, com diferentes parcelas de oportunidades, dificuldades, facilidades e poder nas sociedades.” A juventude é, dessa forma, uma construção social, constituída pelas formas como os jovens são vistos, sendo influenciada por estereótipos, classes sociais, nacionalidades, regiões, gêneros, religiões, etnias etc. (ESTEVES, ABRAMOVAY, 2007; GROPPPO, 2004).

Gropo (2004, p. 12) entende a estrutura das faixas etárias, a qual os jovens fazem parte, como um produto da modernidade, “pensada como uma categoria universal, abstrata, generalizante e mesmo ideal.” O que é descendente direto da ideologia liberal, que une as chamadas “leis naturais” com as abstrações idealizadas sobre o homem e a sociedade. Ainda assim, como todas as modernizações provenientes da sociedade burguesa, a idealização a respeito da faixa etária da juventude não se homogeneizou. Pelo contrário, as condições dadas por essa sociedade ao grupo etário dos jovens, têm gerado mais e mais assimetrias e desigualdades. Com isso, a ideia de juventudes vem ganhando força.

Ainda de acordo com Esteves e Abramovay (2007), a idade não é o fator predominante no trato sobre as juventudes. As culturas juvenis e os seus fatores constitutivos são fatores mais relevantes para as reflexões sobre a temática. Como são vastas as razões que incidem na formação das juventudes, recorrer ao conceito no plural chama atenção não somente para a ideia de que o singular não abraça todas as peculiaridades, mas, também, para as enormes possibilidades de diversificação interna embutidas nessa classificação.

Sobre as políticas públicas e o seu viés paternalista no que se refere às juventudes, Bentes (2009) afirma que uma política inteligente por parte do poder público deve incluir as experiências culturais dos jovens e partir dos próprios movimentos socioculturais, não o contrário. Quem muda a cultura são as pessoas para as quais as políticas públicas são destinadas, e não quem destina as políticas públicas.

É importante buscar entender, também, que tipo de juventude vem sendo o foco das ações governamentais. As chamadas PPJs (políticas públicas de juventude), geralmente, abordam esse conceito como voltado para indivíduos em situação de vulnerabilidade social, moradores de periferia e marginalizados devido à desigualdade social. As políticas, assim, tal

como expressa no discurso dos gestores, visam à inclusão social dos jovens por meio de projetos de cidadania e capacitação.

Esse entendimento, em muitos casos, parte de uma “visão do jovem como ‘problema’” (CAROLINA, DAYRELL, 2006, p. 295), cabendo a determinados grupos da sociedade o papel de salvadores destes. A salvação vem com a inserção desse jovem à ordem social. Por causa de entendimentos como esse, em muitos casos as PPJs sofrem com implementações verticalizadas, ao desconsiderar o jovem como parte relevante para a realização da política. O jovem, dessa forma, é coadjuvante de uma política destinada a ele. Assim, gestores adultos determinam a aplicação das políticas de forma unilateral, condescendente e nada colaborativa. Os salvos, jovens atingidos por essas PPJs, são entendidos, nessa ótica, como pessoas passivas pelo poder público.

Esse pensamento parte de uma visão funcionalista, que, segundo Groppo (2004, p. 13), “absorve parte da concepção naturalista de juventude que permeia a psicologia e a medicina, justamente no que se refere à noção de que existem estados ‘normais’, saudáveis, estabelecidos a partir de ‘leis sociais’ positivamente inteligíveis.” Assim, conceitos como normalidade e anormalidade são abordados dentro de um contexto funcional. Seguindo esse raciocínio, o anormal, ou seja, o que foge ao padrão, deveria ser corrigido, adaptado e inserido ao sistema social vigente. O que devemos nos perguntar é: funcional a quem?

Sobre a marginalização a qual alguns setores da sociedade são submetidos, Foucault (1996) trata do princípio de exclusão da segregação da loucura, há um contexto histórico em que, desde a alta Idade Média, os “loucos” tinham os seus discursos rejeitados pelos “normais”. O resultado é a segregação dos mais variados modos de ser, experienciar e comunicar. Percebido como um ser cuja palavra tem pouco valor, muitos jovens encontram dificuldades para serem ouvidos. Por isso, a necessidade de fazer políticas públicas com os jovens e não somente para eles (WERTHEIN, DA CUNHA, 2004).

A fim de obter uma melhor compreensão a respeito da problemática apresentada, foi publicado em 2004, pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), o documento Políticas Públicas de/para/com as juventudes. São apresentadas na publicação dificuldades encaradas por essas políticas públicas. Destacamos aquelas pertencentes ao campo da Comunicação. A título de exemplo, os meios de comunicação contribuem para caracterizar o potencial do jovem como problemático e dicotômico, uma vez que ele estaria, supostamente, sendo constantemente salvo da marginalidade e inserido à sociedade. Mais ainda, ações e experiências positivas relacionadas

a políticas públicas voltadas aos jovens não se tornam notícia (WERTHEIN, DA CUNHA, 2004).

O documento da Unesco foi publicado nove anos antes da aprovação do Estatuto da Juventude em terras brasileiras. Antes disso, pudemos acompanhar a disseminação das ideias relatadas na publicação. Em 2005, foi criada a Secretaria Nacional de Juventude e o Conselho Nacional de Juventude (CONJUVE) no Brasil, sendo implementada uma Política Nacional de Juventude. Em 2014, o governo federal também criou o Sistema Nacional de Juventude (Sinajuve). Outros avanços continuaram acontecendo entre a primeira e a segunda década do século XXI no país, como a Política de Cotas, o Ciência Sem Fronteiras, o Programa Universidade para Todos (ProUni) e o Fundo de Financiamento Estudantil (FIES). A partir da mudança na gestão federal em 2021, passamos a ver essas políticas sofrendo por falta de investimento e continuidade.

Sobre as políticas públicas de juventude, há um histórico de ações do tipo na cidade de Fortaleza, a exemplo dos CUCAs. Segundo Oliveira e Barbalho (2018), a primeira referência desse tipo de política pública foram os “projetos ABC, que tiveram início em 2008 e continuam em execução segundo o site institucional da Secretaria do Trabalho e Desenvolvimento Social (STDS). Esses projetos foram criados para atender crianças e adolescentes de 6 a 17 anos” (p. 6). Por meio da gestão do Governo do Estado do Ceará, os projetos desenvolviam atividades educativas, culturais e esportivas, assim como os CUCAs, visando complementar o papel da escola na vida das crianças. No biênio 2015-2016, algumas de suas unidades (São Francisco, Pirambu, João XXII e Curió) foram municipalizadas.

Voltando mais ainda no tempo e considerando as políticas públicas em âmbito nacional, na década de 70 foram criados os Centros Sociais Urbanos (CSU), a partir do Programa de Ação Cultural do Ministério da Educação (MEC). O objetivo dessa política era proporcionar atividades de lazer, esporte, formação e qualificação profissional (OLIVEIRA, BARBALHO, 2018). Geridos pela Prefeitura Municipal de Fortaleza, os CSUs atendiam primordialmente jovens e idosos do entorno das comunidades onde os Centros foram instalados. De acordo com Oliveira e Barbalho (2018), os Centros Sociais urbanos, em termos de políticas públicas, se aproximam bastante do trabalho desenvolvido pela Rede CUCA, por ser voltado ao público jovem e ter pertencido à própria gestão municipal.

A Rede CUCA busca, como bem trazem Holanda e Frota (2017), promover oportunidades de desenvolvimento econômico e inclusão social, e se propõe a diminuir desigualdades de oportunidades para a população do município, por meio de políticas públicas voltadas para o público jovem. Os autores reconhecem a necessidade de perceber tais políticas

considerando a questão da diversidade, valorizando, assim, “as culturas juvenis” e compreendendo a cultura dos jovens de periferia, que “em sua maioria, tiveram seus direitos violados” (p. 79). Essa realidade ressoa no pouco acesso desses indivíduos ao entretenimento, à arte e ao lazer, além de estarem inseridos em localidades afetadas pela violência urbana, limitando as perspectivas de futuro de uma parcela considerável da sociedade.

Sobre as políticas públicas em rede trabalhadas nos CUCAs, Oliveira e Barbalho (2018) avaliam que esse modelo, a princípio, trouxe características inovadoras, o que proporcionou uma reconfiguração para a gestão pública municipal, dentro do contexto de desigualdade social abordado anteriormente. A partir dessas práticas, a Rede CUCA passou a adentrar em áreas diferentes, tais quais saúde, educação e inclusão social, e passou a promover mais atividades enfatizando temáticas como direitos humanos, empreendedorismo e empoderamento.

Ainda sobre as ações públicas em rede, Oliveira e Barbalho (2018) mencionam o Sistema Único de Saúde (SUS) como a primeira política pública a adotar um sistema integrado em rede. No caso da Rede CUCA, esse modelo foi implementado, o que permitiu a inclusão de outras políticas de juventude, tais quais as Areninhas (palco da CopArena), os Centros de Artes Unificados (CEUs) e as praças da juventude.

Ao buscar ampliar e aprofundar o conhecimento a respeito dos CUCAs, procuramos por trabalhos que tivessem pesquisado esta PPJ. Aqui, destacamos as pesquisas de Alves (2013), Oliveira (2015), Holanda (2017) e Oliveira (2017), identificadas em buscas assistemáticas na Base de Periódicos da Capes.

Oliveira (2015), no campo da Sociologia, aborda algumas questões similares a esta pesquisa, buscando compreender, com base na visão dos jovens frequentadores do CUCA, como eles significam as próprias experiências de vida por meio do uso da Internet, e quais relações se estabelecem entre os espaços *offline* e *online*. Para isso, recorre à etnografia virtual. Os trabalhos da área de Comunicação, de Santos (2017) e Henrique (2017), abordam questões voltadas também para as vivências comunicacionais dos jovens dentro dos Centros Culturais. O primeiro aprofunda as ideias de comunicação alternativa e popular. O segundo busca compreender as construções comunicacionais dos jovens a respeito da periferia. Os dois se utilizam do Programa Conexões Periféricas como objeto de análise e meio de chegar até os jovens. Não foi objetivo desses trabalhos avaliar o Programa de Monitoria de Jovens Comunicadores da Rede CUCA, tanto como política pública quanto processo de formação de jovens comunicadores.

O estudo a respeito da temática apresentada se justifica como pesquisa acadêmica da Comunicação, ao acompanhar a visão de jovens comunicadores a respeito de suas próprias experiências de formação e constituição como cidadãos. Destacamos também a importância da análise de políticas públicas que se propõem a promover inclusão social por meio do acesso aos meios de comunicação.

3.2 A Rede CUCA

A origem do termo “rede” deriva do latim, com o significado de teia (de aranha); rede ou laço. Segundo o Dicionário *Online* de Português, “rede” se trata de um entrelaçamento de fibras, ligadas por nós (REDE, 2021). Com o passar do tempo, de acordo com as definições da Oxford *Languages*, o termo passou a ser usado como metáfora para se referir a conjuntos de pessoas, órgãos ou organizações com objetivos comuns, e trabalhando em conexão (REDE, 2021). A Rede CUCA não tem o nome atual por mera coincidência. As ideias de cooperação, comunidade e horizontalidade são adotadas pela gestão a fim de apresentar esta PPJ, além de buscar conectar as juventudes de diferentes regiões de uma das maiores e mais desiguais cidades do Brasil. Ainda assim, os CUCAs não nasceram como rede e muito menos ao mesmo tempo.

O CUCA Barra, o primeiro CUCA, na época nomeado como CUCA Che Guevara, foi inaugurado em 2009, durante a gestão municipal da prefeita Luizianne Lins, do Partido dos Trabalhadores (PT). O Centro Cultural localizado na Barra do Ceará¹⁷, serviu como modelo para a implementação da Rede CUCA. A política pública se deu a partir de uma demanda do Orçamento Participativo (OP), mecanismo implementado durante a gestão da então prefeita, visando fomentar maior participação popular. O equipamento modelo foi construído no local onde um dia havia o antigo Clube de Regatas da Barra do Ceará. O popular ponto de encontro nos anos 60 acabou entrando em decadência e sendo abandonado com o tempo. Em 2005 foi “desapropriado para a efetivação do CUCA Che Guevara” (HENRIQUE, 2017, p. 40-41).

Ainda durante a gestão Luizianne Lins, em dezembro de 2012, último mês do mandato da prefeita, os CUCAs Mondubim e Jangurussu foram inaugurados, sendo nomeados na época como CUCA Chico Anysio e CUCA Luiz Gonzaga respectivamente, com o objetivo de homenagear personalidades históricas da cultura nordestina. Os equipamentos seguiam o

¹⁷ O bairro Barra do Ceará tem o 19º pior IDH de Fortaleza, com 0,215707870, disponível em: <<https://bityli.com/3XNOe>>. Acesso em: 11 dez. 2019.

mesmo modelo do CUCA da Barra do Ceará, com áreas dedicadas a atividades esportivas, artísticas e de lazer. No início de 2013, uma nova gestão municipal foi implementada e os CUCAs recém inaugurados passaram por uma reavaliação. Foi observada a necessidade de ajustes nos equipamentos, pois, na visão dos novos gestores, não estavam prontos para uso. Na época, o prefeito Roberto Cláudio foi eleito pelo Partido Socialista Brasileiro (PSB), migrando, posteriormente, para o Partido Democrático Trabalhista (PDT). Não estando, ainda, completamente concluídos, nos primeiros meses de 2014, os CUCAs foram ativados. Em 2021, estão em andamento as obras para a instalação de mais dois CUCAs, nos bairros José Walter e Pici, seguindo a mesma linha e estrutura dos Centros Culturais já existentes.

Figura 1 – Fachada do CUCA Mondubim



Fonte: Rede CUCA

Dos 119 bairros de Fortaleza, o Mondubim possui a maior população jovem, com 19.695 pessoas nessa faixa etária. A Barra do Ceará tem a segunda, com 18.251 jovens. Fortaleza é considerada a segunda cidade mais desigual do país. Esses bairros foram escolhidos exatamente por esses motivos, ao serem priorizadas áreas com baixos Índices de Desenvolvimento Humano (IDHs). Mais do que os bairros onde os Centros Culturais estão localizados, a PPJ em questão busca atingir os jovens residentes das respectivas regionais. O CUCA Barra absorve a Regional I (15 bairros e 360 mil habitantes), o CUCA Mondubim a Regional V (18 bairros e 570 mil habitantes) e o CUCA Jangurussu compreende a Regional VI (29 bairros e 600 mil habitantes). Vale ressaltar que um equipamento para cada regional ainda é pouco, pois essas regionais são verdadeiras cidades, com vários contrastes e problemas peculiares a cada uma. A título de exemplo, só a Regional VI compreende cerca de

42% do território fortalezense. Com isso, só de jovens são 400 mil que vivem próximos aos CUCAs.¹⁸

O Instituto de Cultura, Arte, Ciência e Esporte, ou, simplesmente, Instituto CUCA, como mencionado anteriormente, é a associação civil de direito privado, sem fins lucrativos ou econômicos, responsável pela gestão dos equipamentos públicos que compõem a Rede CUCA. Qualificada como Organização Social (O.S.) por meio do Decreto Municipal nº 12.587 de 23/10/2009, além de ser vinculada é financiada pela Prefeitura de Fortaleza e também pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). Em seu Estatuto, no artigo 5º, são encontrados alguns dos princípios institucionais que direcionam as ações do Instituto CUCA. Esses são:

- I - Promoção da autoestima dos segmentos juvenis pelo estímulo ao seu potencial criador e produtor de conhecimentos;
- II - Participação dos jovens como elemento indispensável na elaboração, discussão e implementação de suas ações;
- III - Atividades na área de educação, formação, produção e difusão cultural como vetores fundamentais na geração de oportunidades, de emprego e de renda;
- IV - Reforço da diversidade cultural como fator de riqueza e desenvolvimento sustentável. (ESTATUTO DO INSTITUTO CUCA, 2014, p. 10-11).

Além dos princípios institucionais, também são destacados no Estatuto as finalidades do Instituto de Cultura, Arte, Ciência e Esporte. Tais finalidades podem ser relacionadas a diversas situações relatadas, como veremos a frente, por esta pesquisa, exatamente por nortear as ações práticas do Instituto na Rede CUCA e em seus diversos projetos. Essas são:

- I - Contribuir na reversão do quadro de exclusão que atinge o segmento juvenil, promovendo experiências e vivências construtivas, visando a elevação da autoestima de jovens envolvidos com os estigmas da pobreza, do racismo, do sexismo e discriminação contra jovens portadores de deficiência;
- II - Promover a inserção de jovens em experiências comunitárias inovadoras, que busquem a qualidade de vida, uma vida segura e um desenvolvimento integral;
- III - Incentivar práticas de valorização da vida e de inserção no campo dos direitos, com ênfase na afirmação das conquistas históricas no campo dos direitos humanos;
- IV - Promover conhecimento e fazeres na área ambiental e ecológica, de promoção e prevenção de saúde, de ciência e tecnologia, de participação política, de comunicação democrática, fortalecendo na população atendida uma consciência cidadã, de participação, de jovens como sujeitos;
- V - Constituir-se como espaço de referência para a população jovem, descentralizando equipamentos culturais, revitalizando e requalificando espaços urbanos, contribuindo no desenho de novas ações direcionadas à juventude;
- VI - Promover o empreendedorismo cultural afirmando a área da cultura como fator de desenvolvimento social da população jovem em Fortaleza;

¹⁸ Informações detalhadas no Plano anual de atividades da Rede Cuca, disponível em: <<http://salic.cultura.gov.br/verprojetos/marcas-anexadas?idPronac=215987>>. Acesso em: 19 dez. 2020.

VII - Ser um fator de articulação do conjunto de atores e ações centradas no desenvolvimento integral dos jovens, em especial dos projetos do PIPPIJ (Programa Integrado de Políticas Públicas de Juventude de Fortaleza);

VIII - Realizar e/ou apoiar programas, projetos e ações de educação que contribuam para o acesso de jovens a Instituições de Educação Profissional Técnica de nível Médio, de Graduação e Pós-Graduação;

IX - Realizar e/ou apoiar programas, projetos e ações de Educação nos níveis de Ensino Fundamental, Médio e Educação Profissional Técnica de nível Médio com vista à inserção dos jovens no mercado de trabalho. (ESTATUTO DO INSTITUTO CUCA, 2014, p. 11).

A administração da Rede CUCA é estruturada a partir de diretorias, orientadas por meio de contratos de gestão anuais. Por causa disso, foi observado que, no decorrer dos anos, desde a sua implementação, houveram diversas mudanças estruturais quanto à administração dos Centros Culturais. Atualmente a Rede tem, além da Presidência, três diretorias: 1) Diretoria Administrativa e Financeira, 2) Diretoria de Promoção de Direitos Humanos e Cultura e 3) Diretoria de Formação, Esporte e Trabalho. Cada diretoria serve como guarda-chuva para diversas coordenadorias, responsáveis pelo funcionamento dos mais diversos setores trabalhados por esta política pública.

A Rede CUCA é uma das políticas públicas cuja responsabilidade recai sobre a pasta da Coordenadoria Especial de Políticas Públicas de Juventude da Prefeitura de Fortaleza. Por sua estrutura física de porte e em razão do seu amplo alcance, devido ao número de equipamentos públicos distribuídos pela cidade, atraem muita atenção. Além dos Centros Culturais, outras iniciativas são desenvolvidas pela Coordenadoria, alcançando milhares de jovens fortalezenses. Este é, por exemplo o caso da Academia Enem, projeto que, de acordo com o Canal da Juventude, no site da Prefeitura de Fortaleza, “é um curso gratuito [...] voltado para a orientação e preparação de jovens estudantes, em especial os da rede pública de ensino, para o ingresso na educação superior por meio do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e vestibulares em geral¹⁹”.

Ainda podemos citar: o CredJovem, política de oferta de crédito cujo objetivo é gerar uma maior capacitação de jovens empreendedores que tenham tido educação escolar na rede de ensino pública; e o Juventude na Onda, que apoia projetos sociais que utilizam o surfe como meio principal de engajamento com os jovens. Mais recentemente, foi lançado, no segundo semestre de 2019, o Programa de transferência direta de renda, Bolsa Jovem. Também segundo o Canal da Juventude²⁰, a PPJ contempla até 2.000 jovens, na faixa etária entre 15 e 29 anos de idade. O Bolsa Jovem se diferencia do CredJovem por priorizar jovens

¹⁹ Academia Enem, disponível em: <<https://juventude.fortaleza.ce.gov.br/academia-enem>>. Acesso em: 21 set. 2020.

que atuem nas áreas do esporte, da cultura e da liderança social. O Programa, de acordo com a Prefeitura²¹, tem como objetivo “garantir aos jovens em situação de vulnerabilidade as condições para apoiar o desenvolvimento de forma contínua das [suas] habilidades”.

Visando a aumentar o seu alcance diante da população jovem presente nas regionais, onde os Centros Culturais se encontram, principalmente os oriundos das periferias, a Rede CUCA realiza ações em áreas que vão além do esporte e da arte. Assim, são desenvolvidas atividades de visita guiada para turmas escolares a fim de apresentar os CUCAs aos estudantes, além de atendimento psicossocial e orientação profissional. Há também uma incubadora de economia criativa.

Os três Centros Culturais contam, cada um, com teatros de capacidade para mais de 200 pessoas, salas de cinema com 64 lugares, salas multiuso com diversas capacidades e anfiteatros que comportam até 2000 (duas mil) pessoas. Além disso, a estrutura de cada CUCA conta com salas de artes cênicas, estúdios de música e estúdios de audiovisual e fotografia, cada um com capacidade para 20 jovens. Para as práticas esportivas, a Rede CUCA serve-se de ginásio poliesportivo, pista de esportes radicais, piscina semiolímpica e campo de futebol de areia. Dispõe, também, de salas de aula e laboratórios de informática, visando à formação dos jovens, e de área de convivência para outras atividades de lazer, além das mencionadas.

Os CUCAs estão abertos de terça a sábado, em horários de 8h às 22h, e no domingo, das 14h às 18h. Segundo informações da própria Rede CUCA, mensalmente cerca de 5 mil vagas em cursos e atividades culturais e esportivas são oferecidas de forma gratuita. Para as atividades de formação, cinco linguagens são priorizadas (audiovisual, fotografia, música, teatro e dança). Assim, cursos como fotografia de moda, *stop motion*, roteiro para ficção, teatro do oprimido, canto, danças urbanas e danças folclóricas, são alguns exemplos, dentre tantos outros, das atividades disponíveis aos jovens. Os cursos são alternados entre os Centros Culturais, devido às demandas de cada CUCA e à disponibilidade dos profissionais envolvidos.²²

O setor esportivo traz atividades como basquete, natação, tênis de mesa, futsal, vôlei, entre outras. São 27 modalidades ao todo. Como poderemos ver mais adiante nesta dissertação, os esportes têm grande relevância para a Rede CUCA, envolvendo parte significativa das Diretorias e Coordenações, que, à primeira vista, não parecem ter conexão.

²¹ Bolsa Jovem, disponível em: <<https://juventude.fortaleza.ce.gov.br/bolsa-jovem>>. Acesso em: 21 set. 2020.

²² Informações detalhadas no Plano anual de atividades da Rede Cuca, disponível em: <<http://salic.cultura.gov.br/verprojetos/marcas-anexadas?idPronac=215987>>. Acesso em: 19 dez. 2020.

Existe um esforço na formação e apoio de jovens atletas e na organização de eventos de alcance regional.

Figura 2 – Estruturas para as práticas esportivas



Fonte: Rede CUCA

Mesmo sendo uma política pública para as juventudes, grande parte das ações da Rede CUCA são abertas ao público, sem restrição de idade. Durante o período de observação participante, testemunhei eventos nos Centros Culturais como o Cine Ar Livre, uma sessão de cinema gratuita ao ar livre, como indica o nome.

Os CUCAs fazem parte da vida dos jovens frequentadores. Isto fica evidente na frequência assídua dos monitores no CUCA Mondubim, em praticamente todos os dias úteis da semana. Para a produção de conteúdo, não foram poucos os momentos presenciados em que o Centro Cultural do Mondubim foi cenário ou pauta de gravações. Por determinação institucional ou por variedade de acontecimentos culturais, os monitores estavam sempre correndo pelos corredores do local com câmeras e microfones em suas mãos. Destaco a seguir um trecho revelador desse processo:

Eu, Miguel e Luciana²³ saímos pelo CUCA gravando outras coisas. Miguel queria entrevistar pessoas sobre a vida noturna na Rede CUCA. Para isso, chamou algumas pessoas que recusaram de pronto, até encontrar duas garotas do curso de cabeleireira, que aceitaram falar com ele. [...] Depois, em busca de mais coisas para gravar, Miguel entrou na quadra de vôlei de praia para falar com um professor. Foi gravar imagens pela piscina e pela quadra poliesportiva, onde jovens jogavam basquete. [...] Continuamos andando pelo CUCA Mondubim. Avistamos um grupo de jovens jogando vôlei na praça central. Miguel conseguiu gravar com um deles (DIÁRIO DE CAMPO, dezembro de 2019).

3.3 A Comunicação como Direito das Juventudes

Os meios de comunicação e as formas de se comunicar estão em constante mudança. Hoje, a pessoa com um dispositivo móvel e acesso à Internet pode alcançar milhões de pessoas por meio das redes sociais. Os dados a respeito da conjuntura global demonstram, de acordo com a pesquisa *ICT Facts and Figures* (2019), da União Internacional das Telecomunicações (UIT), agência da Organização das Nações Unidas (ONU), uma inserção da Internet em 86,6% das população de países considerados desenvolvidos. Na Europa, esse número chega aos 82,5%, sendo o continente com maior penetração do acesso. Na África, somente 28,2% se conectam à Internet.

De acordo com a pesquisa TIC Domicílios, em 2018 estimavam-se que 46,5 milhões de residências brasileiras possuíam acesso à Internet, ou seja, 70% do total. Em 2019, a mesma pesquisa apontou um acréscimo de 1%, totalizando 71%. O Nordeste tem 65% dos seus domicílios com acesso à Internet, sendo a região do país com menor acesso. Assim, até mesmo a ausência de contato com a tecnologia revela uma questão social urgente a ser tratada em termos de políticas públicas, pensadas com o intuito de promover a inclusão digital.

Segundo a Pesquisa Brasileira de Mídia, feita pela Secretaria de Comunicação Social (SECOM) da Presidência da República, em 2014, somente um quarto da população do Brasil com acesso à Internet declarava se conectar à rede todos os dias (BRASIL, 2014). Em 2016, a mesma pesquisa apontou que metade dos brasileiros a utilizava todos os dias da semana (BRASIL, 2016). No ano de 2019, de acordo com a pesquisa TIC Domicílios, o número de usuários de Internet com acesso diário chegou a 90% do total.

Esse crescimento de alcance nos últimos anos se deve muito a popularização dos *smartphones* na última década. Os aparelhos celulares já eram bastante populares em 2010, segundo a pesquisa TIC Domicílios 84% dos domicílios do Brasil possuíam algum telefone celular. Em 2019 esse número saltou para 95% das residências brasileiras. A modernização

²³ Todos os funcionários da Rede CUCA tiveram seus nomes alterados a fim de preservar as suas identidades.

desse tipo de aparelho tecnológico foi um dos principais motivos para o aumento do acesso à Internet no país. Isso evidencia como as mudanças provocadas pelas mídias digitais (e os dispositivos móveis) impactaram na ampliação dos hábitos de consumo de conteúdo dos brasileiros.

Ainda assim, a desigualdade é percebida em muitos contextos desses dados sobre acesso no Brasil. Em 2019, somente 16% dos domicílios brasileiros contam com um computador de mesa, e 26% com um *notebook*. Na classe social A, esses números são respectivamente de 79% e 93%, enquanto na DE é de 4% e 6%. Após a pandemia de COVID-19, que restringiu mais ainda o alcance do estado e de suas políticas públicas diante de sua população mais pobre, se faz necessário entender que essa exclusão aqui destacada não se resume ao acesso à Internet puro e simples, mas também à Educação, informação, entretenimento, entre outros direitos básicos garantidos pela Constituição Federal²⁴. A rede conecta todos esses elementos necessários para a sobrevivência e dignidade das pessoas no século XXI. Logo, a forma como o Brasil se conecta hoje é insuficiente para garantir uma sociedade mais justa e menos desigual, pelo contrário, reforça essas contradições (COMITÊ GESTOR DA INTERNET, 2019).

Com isso, buscamos compreender parte desse fenômeno por meio das visões de um grupo específico de jovens, que foi impactado por essas mudanças desde o início de suas vidas, de forma direta ou indireta, através do acesso e da inclusão ou da falta de acesso e, consequente, exclusão. Tendo em vista o quadro geral descrito, creio ser imprescindível que a comunidade acadêmica aprofunde seus estudos sobre a visão e ação dos jovens no mundo tecnológico e mediatizado dos tempos atuais.

Para isso, entendemos o papel relevante das políticas públicas de juventudes (PPJs) voltadas a promover a inclusão digital de parcela significativa da sociedade. O que, para muitas pessoas, pode significar a única forma de acesso possível. Ao acompanhar exemplos concretos de políticas públicas sendo realizadas na área da Comunicação e das juventudes, chegamos até o trabalho desenvolvido pela Rede CUCA, por meio dos seus Centros Culturais. De acordo com Holanda e Frota (2017, p. 76), essa PPJ “busca consolidar um sistema integrado de programas direcionados a jovens, promovendo alternativas para o seu desenvolvimento econômico e sua inclusão social”.

Ramos (2005) aborda o tema das políticas públicas sobre a ótica da democratização da comunicação, defendendo o acesso do público aos meios de comunicação

²⁴ Constituição Federal, disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 24 jul. 2021.

como um dos fatores determinantes para essa democratização. O autor destaca a necessidade da inclusão de todos os atores sociais no resgate do espaço público, sendo um dos desafios enfrentados por um estado democrático. O espaço público que, no capitalismo, “é quase inteiramente constituído pelos meios de comunicação dos quais a maioria desses atores sociais encontra-se hoje quase que totalmente excluída” (p. 251).

Com o crescimento das mídias digitais, a discussão sobre a comunicação como um direito e a democratização da comunicação tomou outra dimensão. Sobre isso, Ramos (2005) traz o exemplo da discussão a respeito do papel da comunicação no fortalecimento da democracia proposta pela Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), entre as décadas de 60 e 70 do século XX.

3.4 O Setor de Comunicação (e o Programa de Monitoria)

Os Centros Urbanos de Cultura, Arte, Ciência e Esporte, como sua nomenclatura sugere, trabalham diversas áreas, buscando integrá-las a partir da sua atuação juntos aos jovens da cidade. A comunicação, essencial para esta pesquisa, é trabalhada dentro da Rede CUCA a partir da Coordenação de Comunicação Comunitária, sendo bastante atuante nas diversas atividades desenvolvidas pelos Centros Culturais.

Em 2016, visando a uma maior estruturação do setor de comunicação nos CUCAs, foi criada a Diretoria de Comunicação Social, responsável pelos projetos sociais e pela comunicação institucional da Rede CUCA. Quase dois anos mais tarde, em 2018, houve nova reestruturação, com a Diretoria de Comunicação Social deixando de existir e as suas atividades sendo anexadas à Diretoria de Formação, Esporte e Trabalho. As constantes mudanças organizacionais afetam as atividades de comunicação na Rede CUCA.

Tabela 2 – Histórico do setor de comunicação no Instituto CUCA

Período	Diretoria	Coordenação
2012 – 2014	Diretoria de Núcleo de Atividades Especiais	Núcleo de Comunicação Popular
2014 – 2016	Diretoria de Promoção de Direitos Humanos	Equipe de Comunicação Popular
2016 – 2018	Diretoria de Comunicação Social	Coordenação de Comunicação Comunitária
2018 – Atualmente	Diretoria de Formação, Esporte e Trabalho	Coordenação de Comunicação Comunitária

Fonte: Rede CUCA

Vinculado à Coordenação de Comunicação Comunitária, existe o Programa Jovens Comunicadores, que, segundo os gestores, visa qualificar a formação de jovens na área da Comunicação. Esse Programa é associado a outros três projetos, cada um com edital próprio e objetivos diferentes. Os projetos são: Conexões Periféricas, Repórter CUCA e Monitoria de Jovens Comunicadores.

Como indicado anteriormente, nesta dissertação nosso foco recai sobre o Programa de Monitoria de Jovens Comunicadores, que, segundo o próprio edital, visa a selecionar 15 jovens com histórico de participação em atividades da Rede CUCA, em qualquer um dos três Centros Culturais ativos. A respeito da alocação dos jovens nos CUCAs, segundo a Coordenação de Comunicação Comunitária, esses escolhiam para onde queriam ir entre as opções disponíveis. Entretanto, a quantidade de participantes para cada CUCA era restrita, o que influenciava diretamente em suas escolhas.

O Programa de Monitoria, realizado em todos os CUCAs, consiste em formar lideranças, desenvolver projetos de produção de conteúdo, qualificar profissionalmente os selecionados e distribuir conteúdo original por meio das plataformas da Rede CUCA, no *YouTube*, com a Juv.TV, e por rádio comunitária, através da Rádio CUCA. O Programa se define como uma espécie de laboratório de criação e de produção de conteúdo, onde os jovens podem desenvolver competências técnicas comunicacionais, utilizando ferramentas das novas tecnologias de mídia e qualificando os envolvidos para o mercado de trabalho. Como missão, o edital²⁵ define da seguinte forma:

- a) ampliar a participação dos jovens comunicadores nas atividades de ensino-aprendizagem da Rede CUCA, bem como fortalecer a mobilização e participação juvenil na comunicação e áreas correlatas;
- b) contribuir para a melhoria dos cursos, projetos, atividades e ações desenvolvidas pela Rede CUCA, compreendendo a comunicação como estratégia neste processo;
- c) desenvolver capacidades de análise e crítica, incentivando o jovem comunicador a adquirir novas competências, habilidades e hábitos de estudo no campo da comunicação;
- d) criar e articular interfaces entre os projetos de comunicação e o mundo do trabalho. (FORTALEZA, 2019, p. 2).

O item “d” do Edital da turma 2019.2, relativo às missões do Programa de Monitoria, que propõe articular os projetos da Rede CUCA ao mercado de trabalho, foi primeiro veiculado no edital do ano de 2018. No primeiro ano do projeto, em 2017, o edital não trazia nada parecido. Isso pode ter se dado por causa da integração do setor de

²⁵ Retirado de <<https://bitly.com/q7VXW>>. Acesso em: 21 set. 2020.

comunicação, por meio da Coordenação de Comunicação Comunitária, à Diretoria de Formação, Esporte e Trabalho.

A carga horária do Programa de Monitoria, em 2019, foi de 12 horas semanais. Ao final, a fim de concluir com êxito, o jovem comunicador deveria cumprir no mínimo 75% de toda carga horária. Na prática, os monitores controlavam isso em conjunto com os técnicos de comunicação, devido à exigente rotina de produção da Monitoria. Os selecionados recebiam mensalmente uma ajuda de custo de R\$ 300,00, destinada a gastos de necessidades básicas, como o transporte até os Centros Culturais, levando em conta que até mesmo o transporte público urbano é pago. Os jovens precisavam, também, entregar relatórios mensais sobre as suas atividades.

Os jovens comunicadores devem ter interesse em áreas como fotografia, audiovisual, comunicação popular e afins, demonstrando certa multidisciplinaridade. Na Monitoria diversos assuntos são tratados, tais como direitos humanos, feminismo e cinema. Em 2019, no CUCA Mondubim o esporte foi tema central da produção comunicacional dos jovens. Desenvolvido através da Coordenação de Comunicação Comunitária, não à toa, o Programa está sob a alçada da Diretoria de Formação, Esporte e Trabalho.

Figura 3 – Praça central do CUCA Mondubim



Fonte: Rede CUCA

Além dos programas esportivos, os jovens comunicadores também participam, pontualmente, dos Programas Repórter CUCA e Repórter CUCA 1 minuto, duas das principais atrações da Juv.TV. O segundo é uma versão *pocket* do primeiro. Por ter sido um dos primeiros projetos comunicacionais desenvolvidos pela Rede CUCA, o Repórter Cuca foi analisado por algumas pesquisas acadêmicas. Henrique (2017, p. 57) destaca o surgimento do Programa em 2013, no CUCA Barra, “época em que [...] a rádio já possuía uma organização de programas há, pelo menos, um ano, mas os profissionais sentiam falta de um viés da

linguagem e abordagem jornalística”. Sobre o andamento dessa formação, desde o seu surgimento até mais recentemente, o Repórter CUCA se faz presente em todos os três Centros Culturais da Rede.

A respeito do direcionamento de conteúdo do Repórter CUCA, Henrique (2017) constata a predominância da divulgação da programação da Rede CUCA, por meio de pautas abordando atividades e ações nos Centros Culturais. Ao serem estimulados a fazer uso das mídias através da produção de conteúdo jornalístico, os jovens do Programa desenvolvem, conforme informações da gestão municipal, seus olhares direcionados para a cidade.

Comumente, na plataforma de vídeos *YouTube*, o conteúdo criado é veiculado sob demanda, não sendo vista como obrigatória uma grade de programação bem definida. Os esforços dos produtores de conteúdo, dessa forma, são direcionados às necessidades do momento. No caso da Juv.TV, canal de distribuição de vídeos da Rede CUCA no *YouTube*, a atividade é constante. São publicados no canal, em média, dois ou três vídeos por dia, respeitando uma programação pré-estabelecida.

A Rádio CUCA também desempenha papel central nas atividades de comunicação da Rede CUCA. Em muitos casos, serve como base para muitos projetos. São produzidos por meio da Rádio diversos tipos de conteúdo, como músicas, *spots* publicitários e educativos, programas radiofônicos e *podcasts*, contando com a participação dos jovens e o auxílio dos técnicos de comunicação. Ao adentrar os Centros Culturais, facilmente se percebe o conteúdo produzido na Rádio CUCA sendo propagado por meio de caixas de som e ressoando através das estruturas públicas. Quando aborda o histórico da Rádio, Henrique (2017, p. 58) traz a seguinte informação: “em 2012, a rádio existia apenas como espaço físico, o que foi sendo modificado com jovens oriundos de oficinas de sonoplastia e interessados na produção de programas, como o Natividades e o Deu a louca no CUCA”.

Dentro da grade de conteúdo produzida pelo setor de comunicação, o esporte é abordado, fundamentalmente, através do programa audiovisual e semanal, CUCA Esporte. Esse, o carro-chefe do Programa e a principal responsabilidade da turma de monitores do CUCA Mondubim. Veiculado pela Juv.TV, o programa esportivo permite aos jovens comunicadores abordarem temáticas como: esporte feminino, transexualidade no mundo esportivo, esporte como direito humano, entre outras. Por vezes, aconteciam de ter participações especiais de jovens vinculados a outros CUCAs e de técnicos de comunicação da própria Rede CUCA na apresentação do CUCA Esporte.

3.5 Observando e Participando (e Finalmente, O Início)

O primeiro dia de pesquisa de inspiração etnográfica aconteceu um pouco depois do que havíamos planejado. A primeira incursão ao campo se deu no dia 16 de outubro de 2019. Naquele dia, Bruno Balacó, jornalista esportivo do jornal O Povo e colega de turma de mestrado, desenvolveria um *workshop* sobre jornalismo esportivo. O evento fazia parte da programação da Semana da Comunicação da Rede CUCA, direcionado para os jovens comunicadores dos diversos Programas dos Centros Culturais. Os monitores do CUCA Mondubim, responsáveis pelo programa CUCA Esporte, estavam todos presentes.

Chegando ao CUCA, encontrei o coordenador de Comunicação Comunitária para discutirmos sobre a minha entrada em campo. O gestor público me informou “que parte dos jovens participantes do Programa de Formação de Jovens Comunicadores haviam sido selecionados para outra política pública de transferência de renda, o Bolsa Jovem” (DIÁRIO DE CAMPO, outubro de 2019). Na época, esse fato foi entendido como relevante para a pesquisa, posto que reduzia os receios envolvendo o tempo reduzido da Monitoria, tendo em conta que parte dos monitores continuariam desempenhando atividades comunicacionais no CUCA Mondubim após o término do Programa. Porém, se tratava de outra PPJ.

Após a conversa, pude andar pelo CUCA Mondubim, a fim de conhecer mais profundamente e detalhadamente o Centro Cultural. Observei a área central do térreo, onde havia um ambiente arborizado, repleto de bancos e revestido por arte urbana nas paredes (grafites fazendo referência aos direitos humanos e à cultura negra). Muitos jovens participavam de atividades de lazer, como tênis de mesa. Funcionários, identificados por uniformes, andavam pelos corredores desempenhando as suas funções. Com o passar do tempo, desloquei-me em busca da sala na qual o *workshop* seria realizado. As atividades culturais e comunicacionais possuem espaços próprios nos três CUCAs, como salas de multiuso, estúdio fotográfico, estúdio de rádio e sala de artes cênicas.

No evento, coloquei-me à disposição da organização para ajudar no que fosse preciso. A ideia de me tornar “participante” no processo de observação estava presente nos meus pensamentos. Busquei “um lugar para sentar enquanto o jornalista organizava a sua apresentação. Aos poucos, a sala, com disponibilidade para 15 pessoas sentadas, foi lotando, tanto de jovens comunicadores quanto de funcionários” (DIÁRIO DE CAMPO, outubro de 2019). A apresentação, exposta por meio de *slides* projetados em uma tela montada à frente dos lugares, girava em torno da temática da comunicação esportiva, direcionada para rádio, televisão e Internet.

Bruno Balacó, ao iniciar a sua fala, pediu a todos os presentes que se apresentassem, o que me ajudou a identificar de forma mais efetiva os participantes do Programa de Monitoria. Todos os monitores do CUCA Mondubim se fizeram presentes, junto com alguns outros dos Centros Culturais de diferentes regionais. Apresentei-me como pesquisador da Universidade Federal do Ceará (UFC) e os jovens me reconheceram, lembrando de quando eu tinha participado, ainda de forma exploratória, de uma reunião do Programa anteriormente.

No dia anterior ao evento, conforme relatado no diário de campo, “um fato marcante havia ocorrido na cidade de Fortaleza: o desabamento de um prédio residencial no bairro Dionísio Torres, deixando várias vítimas fatais”. O jornalista, no início de sua fala, destacou o fato a fim de reforçar a relevância do jornalismo profissional, atentando para o trabalho incansável dos profissionais de imprensa na cobertura de repercussão nacional do acontecimento. Em muitos momentos no decorrer do período em campo, questões relacionadas ao jornalismo profissional foram abordadas dentro do Programa de Monitoria. Destacamos o teor jornalístico de boa parte do conteúdo desenvolvido pelos jovens comunicadores do CUCA Mondubim, sendo, em diversas ocasiões, reforçado institucionalmente durante a formação dos monitores.

Ainda durante a apresentação, Balacó abordou assuntos tais quais o trabalho jornalístico nas mídias sociais e a crescente relevância da Internet como meio comunicacional para a sociedade, embasando-se nas próprias experiências profissionais. Segundo as minhas anotações, foi ressaltado “como essa interação mais direta entre comunicador e público está cada dia mais presente na vida do jornalista profissional e dos produtores de conteúdo independentes” (DIÁRIO DE CAMPO, outubro de 2019).

Até aquele momento, não tinha compreendido a importância da temática esportiva para as vivências e práticas midiáticas dos jovens do CUCA Mondubim durante o Programa de Monitoria. Na época, a relação entre a turma parceira de observação da pesquisa e o setor esportivo da Rede CUCA não havia ficado clara para mim. O CUCA Esporte era visto como apenas mais um programa da Juv.TV e a sua influência para a formação dos jovens comunicadores do Mondubim não tinha sido percebida. Com o decorrer da observação participante, ficou claro que o programa em questão e a sua temática afetava a forma como os jovens se expressavam, se comunicavam. Não poderia ser diferente, os monitores passaram a maior parte do seu tempo durante a Monitoria, pensando em formas de produzir conteúdo sobre esporte.

Um fato relevante, também tratado nesse dia, foi a crescente participação de mulheres no jornalismo esportivo profissional. Coincidentemente, ou não, o número de jovens comunicadoras do CUCA Mondubim, responsáveis primordialmente pela cobertura comunicacional do setor esportivo da Rede CUCA, é quatro vezes maior do que o de homens, já que dos cinco monitores, só um é homem.

A participação feminina na comunicação esportiva, como apontam Gebhardt, Negrini e Nunes (2019), vem aumentando nas últimas duas décadas, sendo visível, por exemplo, em programas esportivos de grandes canais de televisão. O ingresso das mulheres no jornalismo brasileiro aconteceu de forma tardia. Os primeiros registros de jornalistas do sexo feminino datam a partir da terceira década do século passado, cerca de cem anos depois do início da imprensa no Brasil. Não obstante, as pioneiras eram relegadas a temáticas específicas do mundo feminino, ou o que era convencionado como interesse das mulheres (BUENO, MARQUES, 2020).

Santos e Espindola (2019) apontam que

Em 1986, 36% dos jornalistas do Brasil eram mulheres, em 1996, esse número subiu para 40%, e em 2006 a porcentagem de jornalistas mulheres chegou a 56% no país. [...] o ingresso da mulher no jornalismo esportivo aconteceu mais devagar, devido ao fato de que as mulheres antigamente precisavam entrar no vestiário dos jogadores para fazer a entrevista, o que não acontece hoje em dia, por existirem salas específicas para entrevistar jogadores (p. 8).

As portas do jornalismo esportivo foram se abrindo para elas, segundo Oliveira (2017), mais por uma questão de *merchandising* do que pelo reconhecimento do mérito. Os editores perceberam que mulheres apresentando matérias sobre esportes apelavam ao público masculino. Ainda assim, os passos iniciais foram dados. A primeira jornalista esportiva do país foi Maria Helena Rangel, na década de 40 do século XX, e as primeiras a serem destaques na TV brasileira foram Luciana Mariano e Claudete Troiano, já na década de 80 (RAMOS, 2010).

A luta feminina pela conquista de espaço continua até os dias atuais. Como argumentam Bueno e Marques (2020, p. 114), a participação feminina na mídia é de extrema importância, desempenhando diversas funções, sendo “diretoras, produtoras e escritoras em diferentes formatos e segmentos mediáticos”. Isso é relevante para a construção das diferentes representações femininas na sociedade, de forma mais adequada e coerente com a realidade concreta das mulheres no Brasil e no mundo.

Tentei observar ao máximo a participação dos jovens comunicadores durante o *workshop*. O engajamento dos monitores foi impressionante. Conforme as anotações, “todos prestavam atenção e quando sentiam que tinham algo a contribuir, falavam” (DIÁRIO DE CAMPO, outubro de 2019). O único jovem comunicador de sexo masculino do CUCA Mondubim, era o que mais interagiu.

Miguel, um dos jovens comunicadores, começou um diálogo com Bruno sobre a Rede Bandeirantes estar voltando a transmitir a NBA, liga de basquete norte-americana e a mais popular do mundo. O monitor comentou ter interesse em basquete, por ter jogado o esporte por alguns anos. A conversa passou a ser sobre o time de Fortaleza participante na Liga Nacional de Basquete, o Basquete Cearense, e como todos os jogos do time eram transmitidos por diferentes meios de comunicação. O que rendia diversas pautas para a imprensa esportiva cearense. Miguel mostrou-se bastante interessado na conversa, entrando na questão da dificuldade de transmissão do basquete na rádio, devido, principalmente, à linguagem (DIÁRIO DE CAMPO, outubro de 2019).

A fala passou a ser um diálogo entre as partes. Com o tempo, funcionários entraram na conversa, relatando as suas experiências na área, principalmente com a rádio esportiva. Também resolvi contribuir, ainda no assunto do basquete, falando que era “preciso criar uma cultura em torno do basquete, para a linguagem ser aceita e entendida de forma mais natural. O que já acontece com o futebol” (DIÁRIO DE CAMPO, outubro de 2019). Então, o futebol, esporte mais popular do país, entrou em pauta, sendo esse o momento mais interativo de todo o dia. As pessoas demonstravam maior envolvimento com esse esporte e o que o cerca, como clubes e seleções, sendo muito difícil se manter indiferente ao assunto discutido.

Após o término do *workshop*, os monitores do CUCA Mondubim entrevistaram o jornalista Bruno Balacó para o CUCA Esporte. A jovem comunicadora, Luna, montou o equipamento de gravação com o auxílio de um técnico de comunicação da Rede CUCA. Miguel cumpriu a função de repórter, fazendo perguntas para Bruno a respeito da sua fala no evento. Balacó respondeu à pergunta e destacou, também, a estrutura disponível nos Centros Culturais e a importância da inserção dos jovens no mercado de trabalho da comunicação (DIÁRIO DE CAMPO, outubro de 2019).

Momentos como esse marcaram a experiência cotidiana do processo de observação participante. Assim, pude me ambientar com algumas das dinâmicas institucionais presentes no setor de comunicação do CUCA Mondubim, e, conhecer, de forma mais profunda, cada um dos cinco monitores daquele Centro Cultural. Conforme a pesquisa foi se desenvolvendo, fui, com dificuldades, buscando entender melhor o meu lugar naquele

contexto, bem como a relação entre observação e participação. Ainda assim, diversas vezes me obriguei como pesquisador a ter uma participação maior dentro daquele espaço e cotidiano tão natural aos jovens comunicadores e técnicos de comunicação. Exatamente por ser uma posição mais cômoda, a observação pura e simples não foi suficiente para esta análise.

4 O JOVEM COMUNICADOR DO CUCA MONDUBIM

Neste capítulo focaremos nas narrativas registradas no diário de campo, trazendo diversas vivências do período de observação participante, compostas por diálogos, gestos, ações e todo tipo de conduta que fosse percebida como relevante para responder à pergunta norteadora e atingir os objetivos da pesquisa.

Mesmo se concentrando em um pequeno grupo dentre os milhares de frequentadores da Rede CUCA, esta dissertação busca entender como a comunicação é trabalhada pela PPJ em questão na formação dos jovens. No que concerne às avaliações, valorizamos a perspectiva dos próprios jovens comunicadores, logo, elas partem da compreensão deles a respeito das questões levantadas pela pesquisa. Para isso, as transcrições das entrevistas semiestruturadas foram essenciais.

Voltando ao pensamento de Geertz (1989), não se pode, devido à importância da observação, entender a pesquisa etnográfica como um exercício meramente de observação e descrição, mas sobretudo de interpretação. Para o autor, o que chamamos de dados coletados se trata da “nossa própria construção das construções de outras pessoas” (p. 7), buscando entender acontecimentos, rituais, costumes, ideias e tudo mais que esteja imbuído de significado e subtexto.

O período de observação participante foi marcado pelas dinâmicas dentro dos CUCAs e fora deles. Com isso, três questões foram percebidas e se destacaram ao longo de todo o trabalho. A primeira foi de ordem técnica, representada pela padronização da comunicação desenvolvida por meio dos jovens, desde a gravação à edição. A segunda dizia respeito às institucionalidades da Rede CUCA, a exemplo dos direcionamentos da gestão pública para o tipo de comunicação desenvolvido pelos monitores. Finalmente, a terceira era sobre convivência, tanto entre os jovens comunicadores e os funcionários, técnicos e gestores, quanto no que se refere à relação entre os co-pesquisadores jovens e o pesquisador.

Segundo Malinowski (2018), é preciso deixar clara a distinção entre o resultado das observações diretas, por meio do diário de campo, e as inferências do autor, provenientes das suas próprias avaliações, o que o autor entende como bom senso e intuição psicológica.

Laplantine (2004, p. 9-10) descreve essa atividade como “a sensibilidade do etnólogo, mais particularmente a vista, e, mais precisamente ainda, [...] o olhar”. O conceito de descrição etnográfica, de acordo com o teórico, não pode ser reduzido apenas ao exercício do ver, mas proporcionar aos outros o ver. E isso se dá a partir da escrita.

Ainda sobre este capítulo, apoiamo-nos em dois projetos desenvolvidos pelos monitores durante o período do Programa de Monitoria. Os projetos em questão renderam momentos marcantes, o que ficou transparecido na escrita e terminou por ajudar na criação do arco de acontecimentos aqui narrado e analisado. Isso foi importante para o entendimento sobre como a Rede CUCA afeta a forma que os monitores se compreendem como comunicadores. O primeiro desses projetos, o CUCA Esporte, perpassou todo o período de observação participante. O segundo foi o programa de Retrospectiva de 2019, cuja função era fechar as atividades anuais da Coordenação de Comunicação Comunitária da Rede, além de retratar, de forma resumida, as atividades nos Centros Culturais durante aquele ano.

Segundo Geertz (1989), o etnógrafo “inscreve” o discurso social, transformando o que antes era acontecimento passado, preso ao momento do ocorrido, em relato, a ser consultado, revisto e analisado o quanto necessário. Procurei fazer isso, acompanhando as ocasiões descritas nos parágrafos anteriores, registrando por meio do diário de campo, sempre atualizando após os dias de observação participante. Também, busquei treinar o olhar a fim de observar as vivências ao lado dos jovens comunicadores, em consonância com as questões e os objetivos desta pesquisa, e, a partir disso, registrá-los. O que foi muito importante para a análise dos dados.

A fim de uma melhor exemplificação do fazer etnográfico e dos seus desafios, Geertz (1989, p. 7) o compara como a tentativa de construção da leitura de “um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos”. O que explica como a escrita e a análise são importantes, tendo em vista a multiplicidade e a complexidade dos dados após a coleta. É como uma gaveta apinhada de fios eletrônicos, sobrepostos e alinhados, os quais você terá que desalinhá-los, organizá-los e dar significado a todos eles, um a um.

4.1 O CUCA Esporte (e a Influência Institucional)

Para a organização da produção do CUCA Esporte, carro-chefe do Programa de Monitoria do CUCA Mondubim da turma de 2019.2, todas as sextas-feiras os monitores e os técnicos de comunicação daquele Centro Cultural se encontravam para a reunião de pauta. Era

um momento em que discutiam sobre as produções das últimas semanas e o que iriam produzir nas próximas. Cada um recebia suas tarefas, em comum acordo entre as partes. As tarefas variavam entre construção de pautas, apresentação, gravação de cabeças e edição, à medida em que cada monitor priorizava algumas delas. Mesmo assim, o direcionamento da gestão era para que cada um participasse de todas as etapas do processo de produção midiática dos programas.

Durante o período do Programa de Monitoria foram desenvolvidos alguns quadros dentro do CUCA Esporte, com o objetivo de possibilitar aos jovens oportunidades adicionais para trabalharem com diversos formatos de conteúdo, como entrevista e reportagem. Com isso, cada um poderia desenvolver habilidades de criação de pautas, produção e edição de vídeo e áudio, além de técnicas de entrevista e apresentação. Os episódios eram distribuídos semanalmente pelo canal do *YouTube*, Juv.TV, e tinham média de 13 minutos de duração, com três ou quatro quadros. Os monitores do CUCA Mondubim produziram 25 programas do CUCA Esporte, com o primeiro sendo publicado no dia 8 de julho de 2019 e o último em 23 de dezembro do mesmo ano.

O “Rolê Esportivo” visava informar sobre o que estava acontecendo no cenário esportivo da capital cearense, como festivais e eventos. O “Você no CUCA Esporte” buscava criar um relacionamento mais direto com a audiência do programa, dando um retorno àquelas pessoas que deixavam comentários nos vídeos ou marcavam o programa em fotos e vídeos, através da *hashtag* #CUCAEsporte. Para possibilitar o desenvolvimento de listas e *rankings*, foi criado o “Top 5”, abordando os benefícios do esporte na vida das pessoas. O “Desafio CUCA” trazia pessoas para enfrentarem, como o nome do quadro mesmo diz, um desafio, como relatei sobre uma “matéria [que] seria gravada na piscina e era com uma pessoa que tinha medo de água” (DIÁRIO DE CAMPO, dezembro de 2019). No “Repórter por 1 dia” uma pessoa ficava no lugar dos jovens comunicadores como repórter do CUCA Esporte, sendo, geralmente, de fora da Coordenação de Comunicação Comunitária da Rede CUCA:

Quando pensávamos que a gravação estava prestes a se encerrar, o convidado que acreditávamos ter faltado, chegou, mesmo bastante atrasado. Era Geovar Macedo, coordenador de Esporte da Rede CUCA. Ele se mostrou pronto para participar e pediu a pauta. Começou a ensaiar as suas falas (DIÁRIO DE CAMPO, dezembro de 2019).

Parte da linguagem utilizada no CUCA Esporte havia sido estabelecida em temporadas anteriores do Programa de Monitoria, de vinhetas a formato e apresentação, e isso é visível nos primeiros programas produzidos pela turma de monitores. O cenário era o

mesmo, composto por um *backdrop* para assessoria de imprensa, geralmente utilizado para entrevistas, onde apareciam as marcas da Rede CUCA e do Programa de Jovens Comunicadores. O que perdurou por várias edições do CUCA Esporte. Conforme o programa amadurecia nas mãos dos jovens da turma de 2019.2, foi surgindo em tela um cenário mais trabalhado, com fundo de madeira, fotografias de atletas da Rede CUCA na parede e maior profundidade de campo. É facilmente identificável a evolução na produção e apresentação do programa durante esse período.

A mudança no cenário do CUCA Esporte, de acordo com os jovens comunicadores, foi uma das mais relevantes implementadas por eles, pois criou mais possibilidades para a apresentação do programa. Em entrevista, Miguel apontou que, por ser muito alto, o *backdrop* limitava a sua movimentação. Em vários momentos durante as entrevistas, os jovens frisaram o seu desejo de dar maior dinamicidade e naturalidade ao programa esportivo. Eles buscavam inspiração em canais do *YouTube*, citando o canal Desimpedidos como referência, e revelaram o desejo de mudar não somente o cenário, mas todo o formato de apresentação do CUCA Esporte. O programa seguia um roteiro, sem muita espontaneidade, por isso os monitores pensavam em mudar o estilo de apresentação para uma conversa informal sobre esporte, entre dois ou mais apresentadores, estilo utilizado pelo canal referenciado. Ao analisar o trabalho de comunicadores nos movimentos sociais, Bona, Ribeiro e Giuvanesi (2013) perceberam que os comunicadores eram influenciados pelas produções midiáticas as quais consumiam. Isso impactava na forma como eles se expressavam. Percebemos isso no trabalho dos jovens comunicadores do CUCA Mondubim.

Ainda assim, mesmo querendo implementar essas mudanças, não conseguiram e a justificativa da maioria dos jovens para a falta de êxito foi a falta de tempo. Segundo os monitores, eles estavam o tempo todo ocupados com as demandas existentes do Programa de Monitoria, o que os limitava a continuarem fazendo o estipulado desde o início. Um dos resultados foi a fadiga criativa dos jovens comunicadores por estarem toda semana repetindo os mesmos processos de produção.

Os monitores conseguiram, contudo, implementar mudanças na forma como as páginas institucionais da Rede CUCA nas redes sociais eram trabalhadas. Eles passaram a alimentar as contas no *Instagram* e *Facebook* com conteúdo. No canal da Juv.TV, no *Youtube*, além de distribuírem o conteúdo audiovisual produzido através da plataforma, os

jovens comunicadores começaram a criar *thumbnails*²⁶ para os vídeos, um atrativo para influenciar o público a clicar no vídeo. Foram os primeiros monitores entre todos os CUCAs a executarem isso e inspiraram os jovens dos outros Centros Culturais a fazerem o mesmo. Não obstante, o plano inicial era intensificar mais ainda o trabalho nas redes sociais, o que não foi possível devido à falta de tempo pelas múltiplas demandas, como a apresentação, a produção e a edição do CUCA Esporte.

No início do Programa de Monitoria, os monitores do CUCA Mondubim tinham dividido as suas responsabilidades. Assim, Gabriela ficaria responsável pela Rádio CUCA, Ágata pelas redes sociais, Miguel priorizaria a CopArena, Luiza chefiaria a edição dos vídeos e Luna se responsabilizaria pela produção dos programas. Todavia, conforme foi observado durante o período no campo, essa organização não foi implementada de fato. Há um momento que exemplifica o porquê disso: “sobre a organização das redes sociais da Rede CUCA [...] fiquei sabendo que, mesmo tendo sido designada para isso, Ágata não tomou a frente das páginas. A realidade do Programa a fez se dedicar a outras coisas” (DIÁRIO DE CAMPO, novembro de 2019). Por causa desse contratempo ou dessa realidade, todos os monitores ajudavam um pouco com a divulgação dos programas nas redes sociais.

A rotina de produção realmente se revelou bastante desgastante. Não foram raros os momentos em que me encontrava literalmente correndo atrás dos jovens, tentando acompanhar os seus passos. Esse era o cotidiano de todas as pessoas do setor de comunicação da Rede CUCA com as quais tive contato. “Parecia que estavam sempre ocupados. Era um ritmo acelerado” (DIÁRIO DE CAMPO, dezembro de 2019).

Sobre a rotina no Programa de Monitoria, destacamos um momento quando, durante um dia de trabalho na ilha de edição do CUCA Mondubim, os jovens comentaram sobre o Cine Ar Livre. O evento aconteceria naquele mesmo dia, à noite. Os monitores estavam combinando de ficar no Centro Cultural após o término do expediente para assistirem ao filme que seria exibido. Finalmente teriam um momento de lazer. Após o acordo de ficarem para prestigiar o evento, um(a) jovem comentou que queria se divertir, logo, estava torcendo para não serem escalados para a cobertura.

Por outro lado, alguns jovens admitiam gostar daquela correria da Monitoria. Um(a) jovem se expressou da seguinte forma: “Você aprende muito mais com perrengue.” O que destaca a influência de uma formação prática e produtivista na forma como esses jovens

²⁶ *Thumbnail* é uma versão em miniatura de imagens usadas na Internet para facilitar as buscas. O nome em inglês significa “unha do polegar”, indicando algo pequeno. Disponível em <<https://rockcontent.com/br/blog/thumbnail/>>. Acesso em: 22 ago. 2021.

enxergam o trabalho. O “perrengue” é o cotidiano, e isso é visto de forma positiva. Ainda sobre essa questão, um(a) monitor(a) fez uma comparação entre o seu aprendizado no Programa de Monitoria e nos cursos da Rede CUCA: “Não querendo minimizar a importância dos cursos, mas é como se fosse realmente a teoria indo à prática, assim é mil vezes melhor.”

Figura 4 – Gravação do CUCA Esporte



Fonte: Foto do autor

Como pode ser visto na figura 4, optamos por esconder o rosto dos jovens comunicadores do CUCA Mondubim, a fim de manter a confidencialidade garantida pela pesquisa.

A gravação dos programas revelava como era trabalhada a formação técnica dos jovens durante a Monitoria, bastante voltada para a prática da produção de conteúdo. Sempre acompanhados e orientados pelos funcionários da Rede CUCA, os monitores se revezavam entre apresentação e produção, muitas vezes desempenhando as duas funções, tanto a frente quanto atrás das câmeras. Em muitos momentos, os jovens tiravam dúvidas com os técnicos de comunicação, buscando melhorar o conteúdo. A permanência dos funcionários nos períodos de transição entre as turmas contribuía para o amadurecimento do Programa, mas também reforçava a linha editorial previamente estabelecida.

Subimos para a gravação do CUCA Esporte, eu, Luciana, Luís, Alexandra e Miguel, que tinha ficado responsável por apresentar o programa e estava decorando as suas falas. Luciana, com a ajuda dos garotos Luís e Alexandra, organizou o estúdio para a gravação e configurou a câmera. Ainda assim, não ficou da forma ideal e, por isso, chamou outro técnico, mais especializado no trabalho com câmeras. Após configurar tudo, começaram a gravação. O roteiro do CUCA Esporte 41 tinha três folhas. O programa, por estar no final do ano, transmitia um clima natalino. Miguel estava de gorro de Papai Noel e cantou uma música parodiando o clássico “Então é Natal”. No conteúdo da paródia, falava sobre o programa daquele dia e introduzia o CUCA Esporte. De início, Miguel pedia para as pessoas se inscreverem no canal do

YouTube da Juv.TV, seguindo um formato estabelecido pelos *youtubers* na Internet. Assim, gravou várias vezes a fim de transmitir animação. Para isso, precisou usar as mãos, gesticulando, porém, respeitando o enquadramento para não passar do quadro (DIÁRIO DE CAMPO, novembro de 2019).

Durante a gravação do Especial de Natal, Luciana, técnica de comunicação, “pediu ao Miguel para explicar os motivos do cenário e do figurino serem aqueles” e depois orientou o olhar do jovem para as câmeras, sendo a câmera 1 (mais ampla) e a câmera 2 (mais fechada). Lívia, também funcionária da Rede CUCA, deu a dica para que o monitor sorrisse ao final de suas falas. Antes de ser contratada pela Rede CUCA para o seu quadro de funcionários, Lívia participava das atividades voltadas para a comunicação nos Centros Culturais (DIÁRIO DE CAMPO, novembro de 2019).

Os técnicos de comunicação, colaboradores da Rede CUCA, não são servidores públicos, o que configura uma das fragilidades da PPJ em questão. A Rede CUCA os define como agentes públicos e são divididos por cargos de confiança, celetistas e terceirizados, fato que não garante qualquer estabilidade aos profissionais. Em 2021, essa é uma realidade cada vez mais recorrente no Brasil, que acarreta fluidez constante no quadro de funcionários do setor público, devido a mudanças de gestão ou cortes de gastos. Vale salientar que esses funcionários, nas condições atuais, são altamente demandados, em termos de produtividade, gabarito técnico e capacidade pedagógica. Destaca-se a participação desses colaboradores na formação dos jovens participantes dos Programas dos Centros Culturais – mesmo, com grande parte desses funcionários, não tendo formação para esse tipo de atuação (OLIVEIRA, BARBALHO, 2018).

Essa limitação de capital humano revela uma das muitas dificuldades dessa política pública em atender a demanda das mais variadas juventudes de Fortaleza, principalmente aquelas em situação de risco e com acesso limitado à bens culturais, artísticos e científicos. Como constatam Oliveira e Barbalho (2018), isso demonstra que apenas uma parcela pequena dos jovens da capital cearense é atendida por essa PPJ.

Esses técnicos são, em sua maioria, jovens, segundo a determinação de faixa etária do Estatuto da Juventude. Eles vivem situações muito parecidas com as quais os participantes das atividades na Rede CUCA estão acostumados. Como constatado pela pesquisa, parte desse corpo técnico participava das atividades nos Centros Culturais como qualquer outro jovem e, com o tempo, entraram para o quadro de funcionários da Rede CUCA. Segundo Holanda e Frota (2017, p. 80), esse fato gera identificação entre os jovens e os colaboradores, “estabelecida através dos processos de similitudes das trajetórias de vidas”.

Assim, por terem histórico de vida similar aos jovens, partilham de gostos e interesses parecidos, logo, escutam as mesmas músicas, assistem aos mesmos filmes e conversam sobre assuntos do interesse de ambos.

Essas similitudes foram percebidas ao longo do período de observação participante. Conversando com os jovens comunicadores, houve uma ocasião em que estávamos reparando na *playlist* criada por Luciana, uma das técnicas de comunicação, transmitida pela Rádio CUCA. Os monitores a elogiavam por ser bastante eclética, pois ouvia ritmos musicais que iam do forró ao rock. Por conseguirem despertar identificação, serem acessíveis e desempenharem papéis de orientação para os monitores, os colaboradores se tornavam referências para os jovens. Holanda e Frota (2017) destacam que isso

acaba representando, para alguns [jovens], uma possibilidade para as suas próprias trajetórias, constituindo uma alternativa de ser e viver, como ocorreu com alguns jovens que atualmente são educadores sociais e relataram que começaram a frequentar o CUCA, participaram de diversos cursos e quando abriu seleção para vagas de educadores inscreveram-se no processo seletivo, conseguiram aprovação, e atualmente estão trabalhando no equipamento (p. 80).

Nas anotações do diário de campo, havia a seguinte constatação: “Conforme os dias foram passando, pude perceber o quanto Luciana era importante para o funcionamento da Coordenação de Comunicação Comunitária da Rede CUCA. Ela assegurava, junto aos outros técnicos, a evolução nos trabalhos dos jovens comunicadores e dos projetos desenvolvidos ali.” A autoridade da técnica em relação aos jovens não partia somente de uma posição hierárquica, mas de liderança conquistada. Os monitores a enxergavam como parte do grupo. Com isso, orientava e determinava ações para todos, dando o exemplo por meio do seu próprio trabalho, sem parecer uma figura de autoridade.

Figura 5 – Ilha de Edição



Fonte: Foto do autor

Em conjunto com os técnicos de comunicação, os jovens comunicadores do CUCA Mondubim também participaram de transmissões da CopArena²⁷ e da Supercopa Rede CUCA²⁸, também organizados pela Coordenadoria de Juventude de Fortaleza. Os eventos foram abordados muitas vezes pelo CUCA Esporte, rendendo várias matérias divulgadas por meio da Juv.TV. No caso da CopArena, o troféu de campeão do campeonato passou a fazer parte do cenário onde os monitores apresentavam o programa. Ainda sobre a importância desse evento para os monitores do CUCA Mondubim, em diversas ocasiões os jovens se revezaram para cobrir momentos importantes do campeonato, como as finais masculinas e femininas. É importante destacar também o fato deles terem produzido 13 vídeos sobre o evento que não viraram quadro do CUCA Esporte. O intitulado Álbum da CopArena dava destaque aos personagens da edição de 2019.2 da CopArena, como jogadores amadores e funcionários das Areninhas, geralmente pessoas invisibilizadas devido a sua condição socioeconômica. Assim, essas pessoas tinham parte de suas histórias contadas e tornavam-se figurinhas no álbum dedicado ao campeonato regional. Esse material foi divulgado como programa pelo canal da CopArena no *YouTube* e como quadro do programa Futebolês na TV Jangadeiro.

O Álbum da CopArena foi destacado pelos monitores como a produção institucional, dentre tantas, em que eles puderam apresentar de forma mais efetiva os seus olhares e sua expressividade. Na ocasião, a TV Jangadeiro acertou com a Coordenação de Comunicação Comunitária sobre a possibilidade de os jovens comunicadores produzirem um quadro temático da CopArena. O fato de o quadro ter a chance de ser exibido por um programa esportivo na televisão empolgou os monitores. Assim, foi passado aos jovens a chancela do programa, e cabia a eles a idealização do quadro, no formato em que eles quisessem.

Sobre como surgiu a ideia do programa, Luna contou: “A gente estava andando na rua, e o Miguel disse: ‘E se fosse um álbum de figurinhas?’. Nasceu daí.” Com isso, puderam contar histórias de diferentes pessoas, indo dos atletas até a “tia do dindin”. Exploraram também vários locais e regiões da cidade, onde as Areninhas estavam localizadas. Para definir

²⁷ A CopArena, de acordo com a Prefeitura de Fortaleza, é a maior competição de futebol não profissional do estado do Ceará, e reunindo times de vários bairros. Os confrontos acontecem nas Areninhas – campos de futebol urbanizados e requalificados pela Prefeitura de Fortaleza, localizados em bairros com alto índice de vulnerabilidade social. Disponível em <<https://bit.ly/3bF4yrf>>. Acesso em: 15 nov. 2020.

²⁸ As Supercopas Rede Cuca, de acordo com a Prefeitura de Fortaleza, são eventos esportivos que visam difundir e promover modalidades esportivas entre os jovens de Fortaleza, oportunizando a participação da juventude cearense na competição. Equipes de toda a cidade podem participar das competições. Disponível em <<https://catalogodeservicos.fortaleza.ce.gov.br/categoria/juventude/servico/431>>. Acesso em: 18 jun. 2021.

quem seriam os personagens do álbum de figurinhas, contactavam os responsáveis pela organização do evento para passar os contatos dos treinadores dos times amadores. Por sua vez, os treinadores direcionavam os jovens comunicadores até os jogadores e as diferentes pessoas com histórias de vida vistas por eles como mais interessantes.

Segundo os monitores, o período da produção do Álbum da CopArena foi de bastante cooperação entre todos, desde os jovens comunicadores até os técnicos de comunicação e os gestores. Todos os cinco tiveram que apresentar ao menos um episódio. Todos se envolveram e participaram. Para ter uma ideia do sentimento dos jovens a respeito do quadro, um(a) monitor(a) considerava o projeto como o seu “neném”.

Figura 6 – Print da abertura dos vídeos do Álbum da CopArena



Fonte: Canal do *YouTube* da Juv.TV da Rede CUCA

Durante a cobertura da CopArena, os jovens comunicadores eram incentivados pelos técnicos e gestores públicos a extraírem o máximo possível da experiência do que é fazer uma comunicação profissional. No dia 14 de dezembro de 2019, acompanhei a cobertura da final da CopArena, na Areninha do Pirambu, realizada pela monitora, Gabriela, com apoio de alguns técnicos de comunicação da Rede CUCA. Esse dia foi significativo para o entendimento do papel exercido por eles na cobertura jornalística profissional do esporte na Rede CUCA. O evento contava com a presença de equipes de televisão regionais de grandes empresas de comunicação, “todos bem arrumados, alguns uniformizados, com seus equipamentos grandes, pesados e caros” e foi televisionado, contando com a narração do jornalista esportivo, Jussie Cunha, nome renomado do jornalismo esportivo cearense (DIÁRIO DE CAMPO, novembro de 2019).

No evento, alguns fatos chamaram a atenção. Por se tratar de um evento público, organizado pela Coordenadoria de Juventude, assumiu um caráter institucional. Como destacado no diário de campo, Gabriela fez a escolha, por conta própria, de entrevistar o então coordenador de Juventude, Julio Brizzi, sobre o evento. O prefeito de Fortaleza, Roberto

Cláudio, estava presente para dar o pontapé inicial do jogo. A jovem não gravou entrevista com ele, porém, conseguiu imagens do momento de participação do político. Esses processos institucionais da PPJ em questão são importantes de serem destacados, devido à influência desempenhada nas vivências formativas dos jovens comunicadores. Isso teve repercussão na forma como os monitores se entendem como comunicadores dentro do espaço da Rede CUCA.

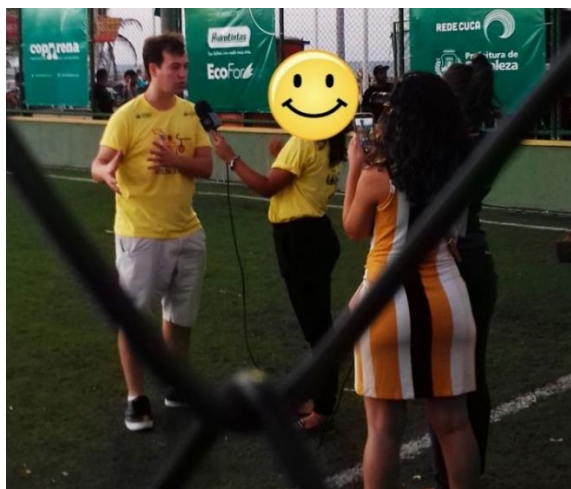
Os jovens entendiam esses direcionamentos quanto ao tipo de conteúdo produzido como algo definido de cima para baixo. As propostas a respeito do tipo de conteúdo feito pelos monitores eram disponibilizadas pela gestão. O que os jovens comunicadores mais faziam, pelo menos quanto à edição aqui acompanhada, era alimentar os programas. Produziam conteúdo levando em consideração diretrizes estipuladas, buscando criar a partir de novos quadros, cenários diferentes e uma edição mais dinâmica dos programas. Todavia, as amarras institucionais eram visíveis.

Por serem vinculados à Prefeitura de Fortaleza, alguns assuntos não podiam ser discutidos. Um(a) jovem comunicador(a) constatou que críticas à gestão não entravam nos programas. Houve uma entrevista durante o Festival da Juventude, em que o entrevistado criticou a atuação da Prefeitura, expondo como aquele evento era limitado a uma parcela pequena da população, quando, na verdade, deveria ocorrer para toda a periferia. O trecho foi cortado do vídeo.

Os jovens não estranhavam isso, encaravam como parte do processo e não questionavam muito. “Vinha de cima para baixo, mas só a ideia. Depois era com a gente”, disse um monitor a respeito dos direcionamentos institucionais. Entendiam as suas situações como a de qualquer colaborador de um ambiente de trabalho. Então, para eles, era normal, fazia parte do procedimento. Trabalhavam lá, logo precisavam seguir as determinações da gestão. Um(a) jovem explicou esse pensamento da seguinte forma: “A gente tem que obedecer, em todo lugar tem isso. Não seria na Rede CUCA que seria diferente.” Outro(a) monitor(a) completou: “É OK porque tem que fazer.”

Quando os jovens eram direcionados para entrevistar figuras públicas, como prefeito, secretários e demais gestores, alguns monitores gostavam. A situação era vista como uma oportunidade. Ter uma figura conhecida em seus portfólios poderia ajudar no mercado de trabalho, abrindo mais possibilidades e oportunidades de emprego. Isso era visto pelos jovens comunicadores como comum, parte do procedimento.

Figura 7 – Monitora entrevistando o coordenador de Juventude



Fonte: Foto do autor

A fim de fortalecer os fatos descritos, trazemos para a discussão o conceito de competências. Devido à forte ênfase do Programa de Monitoria em competências e habilidade técnicas, buscamos na teoria pesquisas com enfoque em formações voltadas para essa prática. O que também dialoga com a questão da empregabilidade tratada ao longo das formações dos jovens comunicadores na Rede CUCA.

Marinho-Araujo e Almeida (2016, p. 1) abordam o conceito de competências tendo como prioridade o estabelecimento de um diálogo sobre o desenvolvimento de um perfil profissional com base na Educação, principalmente, o ensino superior. Como sabemos, a formação formal dos profissionais que atuam nas mídias atualmente se dá por meio da educação superior, quando não por processo autodidata. O ensino básico e fundamental, mesmo incorporando algumas tecnologias para o processo formativo, também atua ainda de forma insuficiente sobre o que seria uma formação crítica voltado para o virtual, sem considerar a interligação entre o que chamamos de *online* e *offline*.

Ainda segundo Marinho-Araujo e Almeida (2016, p. 2-3), o termo “competência” foi sendo mais e mais associado com atividades profissionais. Principalmente nas últimas décadas, o conceito passou a ser entendido como ferramenta ou recurso cuja função é determinar se o sujeito é apto a atuar em determinado contexto. Com isso, outros conceitos passaram a ser associados com competências, tais quais *know-how*, qualificação, performance, entre outros, sempre ligados ao mundo do trabalho, o que pode ser visto como uma abordagem tecnicista.

O direcionamento para a comunicação profissional e o mercado de trabalho também foi um aspecto observado durante o acompanhamento das atividades no dia da final da CopArena, como relatado a seguir:

Gabriela, assim como os outros jovens comunicadores que cobriram a Copa Arena, tinha acesso a cabine de transmissão do jogo. Ela decidiu ir até lá e me chamou para acompanhá-la. A cabine estava montada num caminhão que eu já tinha visto antes do jogo, mas que não fazia ideia de que ali era onde estava montada toda a estrutura de transmissão da partida. Quando entramos, tudo estava escuro, as únicas luzes vinham das várias TV's com as imagens das câmeras. Era um ambiente climatizado e três funcionários trabalhavam dentro. Pedimos licença e ficamos observando por algum tempo. Fiquei atrás da Gabriela, tentando captar algumas de suas reações. Ela parecia estar observando o trabalho dos profissionais e a estrutura da cabine com bastante atenção. Os funcionários ficavam se comunicando, mudando as câmeras de tempo em tempo para obter sempre a melhor imagem (DIÁRIO DE CAMPO, dezembro de 2019).

Por meio dessa experiência, pude relacionar o que era trabalhado ali com aquilo que eu acompanhei durante boa parte da minha vida, ao assistir um jogo de futebol do campeonato cearense, por exemplo. Aquela estrutura era o que acontecia por trás das câmeras, para que pudéssemos obter a experiência de acompanhar uma partida ao vivo. Ao conversar com a jovem comunicadora, entendi que ela sentia o mesmo. Foi uma experiência de contato direto entre a monitora e o mundo profissional da comunicação esportiva. Esse espaço visitado pelos jovens destaca a atuação do Programa de Monitoria, dentro do que é proposto desde o edital como uma de suas missões, para aproximar os projetos de comunicação com o mundo do trabalho. Isso afeta a forma como os monitores trabalham a sua presença naquele espaço de comunicação institucional.

Figura 8 – Interior da cabine de imprensa



Fonte: Foto do autor

Ao final da partida, entrei em campo com as comunicadoras da Rede CUCA. A técnica de comunicação estava captando imagens enquanto Gabriela buscava entrevistar os jogadores. A jovem comunicadora reparou durante as entrevistas como os jogadores amadores repetiam os “macetes” e vícios de linguagem dos jogadores profissionais. Na verdade, todo aquele evento, do ponto de vista midiático, parecia uma emulação das coberturas jornalísticas das partidas de futebol profissional. Para finalizar, a equipe filmou a festa do time campeão. O time da casa, do bairro Pirambu, local da Areninha onde a final foi disputada, gritava músicas típicas de campeonatos de futebol, como “É campeão!”, e outra canção popularizada nas comemorações de título do time do Flamengo de 2019, “Festa na favela”.

Um fato relevante para o entendimento sobre a turma do Programa de Monitoria do CUCA Mondubim de 2019.2 foi a presença quase hegemônica de mulheres. Como relatado, dos cinco monitores, quatro eram do sexo feminino. Os impactos desse fato foram sentidos durante a pesquisa de campo. A presença das mulheres nos projetos da Rede CUCA também foi percebida em outros momentos, como quando dezenas de participantes dos projetos da Coordenação de Comunicação Comunitária participaram de uma excursão ao Centro Cultural Dragão do Mar, em Fortaleza. Naquele dia ocorreu a exibição de um filme produzido pelos participantes do Programa Conexões Periféricas. Os jovens foram prestigiar o trabalho dos colegas de Centro Cultural. O filme tinha como temática central a força de três mulheres trabalhadoras e batalhadoras, uma bibliotecária comunitária, uma professora do jardim de infância e uma cuidadora de idosos. O documentário exibia as mulheres narrando sobre os seus cotidianos, suas vidas, dificuldades e alegrias. Ao fim da exibição, a mediadora chamou a dupla de jovens mulheres responsáveis pelo filme para discutirem sobre o trabalho. A discussão, como o tema do documentário, girou em torno das mulheres e as suas batalhas.

Questões de representatividade foram frequentemente discutidas durante o período de observação participante, mesmo que informalmente, principalmente pelas jovens comunicadoras. Durante uma reunião de pauta, Miguel tinha faltado e nenhum técnico de comunicação homem se fazia presente, enquanto todas as mulheres estavam lá: Gabriela, Luna, Luiza e Ágata, juntamente a duas técnicas de comunicação. Elas batizaram esse momento de o “Dia das Garotas”.

Ainda sobre essa temática, em outro momento, Luiza revelou seu incômodo relacionado ao prêmio americano de cinema, o Oscar, e o fato da lista dos melhores diretores cinematográficos de 2019 ter saído sem nenhuma diretora mulher presente. Essa indignação foi compartilhada por suas colegas de Monitoria.

Figura 9 – “Dia das Garotas”



Fonte: Foto do autor

Essas questões, quando em contraste com a determinação institucional de ter o CUCA Mondubim e os seus jovens comunicadores como responsáveis pelo CUCA Esporte, ganham ainda mais relevância. Sabendo do histórico de domínio masculino na comunicação esportiva, buscamos entender o que isso significou para os monitores envolvidos. Além da questão de gênero envolvida, é válido refletir acerca de quais relações eles tinham com a temática esportiva antes da Monitoria, e como eles encaram essa realidade.

Dos cinco monitores, dois demonstravam interesse por esportes antes do Programa de Monitoria, como informaram nas entrevistas. Entre os dois mais interessados, um(a) seguia com mais afinco a mídia esportiva. O(a) outro(a) somente assistia aos jogos do seu time de futebol. Por não terem interesse em esporte, a maioria dos jovens não tinha vontade anterior ao Programa de produzir conteúdo sobre o assunto. Um(a) jovem disse em entrevista, “Eu só me interess[o] [por esporte] na Copa do Mundo”. Assim, predominantemente os monitores não tinham contato regular com a temática e, conseqüentemente, não acompanhavam a mídia esportiva, tanto por meio de veículos tradicionais de comunicação, como televisão, jornal e rádio, quanto através da Internet.

Sobre o porquê de o CUCA Esporte ter ficado sob a responsabilidade dos jovens comunicadores do CUCA Mondubim, não encontramos a resposta definitiva por parte da gestão municipal. Quando questionamos os gestores sobre essa determinação, fui informado que os próprios monitores tinham decidido seguir esse caminho. Isso contradiz a informação fornecida pelos jovens, de que isso foi simplesmente determinado previamente, sem a participação deles.

Durante as entrevistas, perguntei o que pensavam sobre essa determinação institucional e a maioria dos monitores entendia como parte do processo. “A gente tinha que fazer esporte porque o CUCA Esporte era do Mondubim”, enfatizou um(a) jovem. Um(a) monitor(a) relatou ter ficado um pouco “de birra” no início do Programa de Monitoria, por não gostar do tema. Entretanto, com o tempo, mudou o seu pensamento. “A partir do momento em que você enfatiza que aquilo é importante para alguém e você está responsável por passar aquela informação, você tem que se empenhar, mesmo não gostando daquele assunto”, ponderou. Completou dizendo que no mercado de trabalho não seria diferente, o que evidencia a ênfase no processo de profissionalização.

A questão da aprendizagem foi muito mencionada pelos jovens comunicadores nas entrevistas. Um(a) jovem passou a pensar naquele processo como uma forma de aprendizagem. Ao aprofundar o seu raciocínio sobre o processo de produção do CUCA Esporte, outro(a) o definiu como tendo dois lados. Um lado do qual não tinha muito conhecimento a respeito da temática esportiva e outro por meio do qual conseguira viver uma experiência legal e de muita aprendizagem.

A verdade é que os jovens não sabiam como iria ser o Programa de Monitoria. Eles se inscreveram por se tratar de uma experiência prática e de formação na área da Comunicação, mas não sabiam que iriam trabalhar com esporte, pois no edital não foi detalhada a estrutura da formação, a bibliografia, o programa pedagógico, apenas as missões, os objetivos e o funcionamento do processo seletivo da política pública em questão. Ainda assim, de acordo com os monitores, provavelmente fariam a mesma escolha de participar do Programa, caso soubessem anteriormente que trabalhariam com esporte. A experiência era o mais importante para eles.

Numa ocasião na ilha de edição, estava conversando com Miguel sobre futebol cearense. Um dos gestores públicos da Coordenação de Comunicação Comunitária estava lá e se interessou pela conversa e admitiu não saber muito sobre esporte, apesar de se esforçar para aprender a respeito do tema, exatamente por ser uma das maiores forças da Rede CUCA.

O esporte está em todo lugar nos Centros Culturais, basta uma simples caminhada pelas estruturas para enxergar esse fato. O que precisa ser entendido é como explorar isso de uma forma mais livre e interativa para os jovens do setor de comunicação, tendo em vista a vastidão de personalidades ali presentes e a multiplicidade de histórias e modalidades a serem exploradas dentro dos CUCAs. O esporte é somente uma delas.

Não obstante, todos os monitores se orgulhavam de terem sido parte fundamental da produção de um programa esportivo feito, em maioria, por mulheres – um diferencial

daquele trabalho. Foi comentado também a respeito do preconceito envolvido nesse processo. Em alguns momentos sofreram por meio de comentários como o de que mulher não entendia de esporte e que não deveriam fazer aquele trabalho. No entanto, isso só aumentava o orgulho das garotas diante das produções de qualidade.

O único homem da turma de monitores do CUCA Mondubim revelou ter tido algumas dificuldades no início. Ele também era o único, desde o início, envolvido com produções esportivas e que tinha real interesse no assunto. Talvez por isso gostava de ter maior controle sobre as produções, o que com o tempo aprendeu a abrir mão. Segundo o jovem, percebeu que, sim, tinha mais entendimento do que as garotas sobre esporte, por questão de interesse pessoal, mas também entendeu que elas possuíam conhecimento superior ao seu em outras áreas, indispensáveis para o trabalho feito na Monitoria. Isso garantiu a ele um aprendizado a respeito do trabalho em equipe. “Para fazer as coisas acontecerem, precisava de todo mundo”, ponderou o monitor.

Sobre a forma como o CUCA Esporte é produzido dentro dos Centros Culturais, de acordo com a Coordenação de Comunicação Comunitária, o modelo anterior, analisado por esta pesquisa, foi alterado no ano de 2021. O programa esportivo está sendo fechado em outro Centro Cultural, não mais no CUCA Mondubim. Para isso, estão contando com a participação de jovens de toda a Rede CUCA (não apenas do Programa de Monitoria, mas de todos os Programas do setor de comunicação). O que reforça o ponto de que algumas críticas levantadas aqui, já podem ter sido consideradas pela gestão pública vigente.

4.2 O Programa de Retrospectiva da Rede CUCA

A primeira vez que eu comecei a observar a relação dos jovens com o programa de Retrospectiva foi no dia 3 de dezembro, na última reunião geral do Programa de Monitoria. Eu havia participado de uma dessas reuniões, mas ainda de forma exploratória. Na segunda oportunidade, por meio da observação participante e anotações no diário de campo, pude obter mais dados a fim de entender com mais propriedade a dinâmica daquele momento.

As reuniões gerais tinham, na ocasião, foco em discutir questões institucionais e produção de conteúdo, de forma mais ampla. O objetivo era criar um diálogo entre os gestores públicos, técnicos de comunicação e monitores. Dessa forma, a presença dos jovens comunicadores era requerida, sendo condicionada desde o edital de seleção como uma obrigação de todos os 15 selecionados, dos três CUCAs. Não obstante, conforme as notas de campo atestam, mesmo contando com a presença de todos os cinco monitores do CUCA

Mondubim, houveram algumas ausências de monitores dos CUCAs Barra e Jangurussu. Um dos fatores para justificar essas faltas é o fato da reunião acontecer no Centro Cultural do Mondubim, o que pode dificultar a locomoção de alguns jovens.

O coordenador de Comunicação Comunitária ficou à frente da turma, assumindo uma “postura quase professoral” (DIÁRIO DE CAMPO, dezembro de 2019), organizando a pauta da reunião no quadro. Fui apresentado, novamente, aos jovens presentes, “caso não me conhecessem ou não se lembrassem de mim”. Vale salientar que, realmente, não tive muito contato com vários dos monitores dos CUCAs Barra e Jangurussu, com exceção daqueles que costumavam ir ao CUCA Mondubim com mais frequência.

Figura 10 – Reunião do Programa de Monitoria



Fonte: Fotos do autor

Na figura 10, os jovens que não têm seus rostos escondidos também fazem parte do Programa de Monitoria, todavia, dos outros Centros Culturais. Por não serem acompanhados, não vimos sentido em escondê-los.

A reunião tinha como pauta central a realização do último evento do setor de comunicação do ano, a gravação da Retrospectiva Rede CUCA 2019. O Programa de Monitoria de Jovens Comunicadores se encerraria, oficialmente, no dia 27 de dezembro, porém, na prática, as atividades seriam finalizadas no dia 20. A ideia posta pelo coordenador era produzir um programa de auditório, com gravação ao vivo, em um teatro para 200 pessoas, também no último dia das atividades, em 20 de dezembro. Para tudo ocorrer de forma bem-sucedida, realizariam nos dias 18 e 19 ensaios gerais da gravação. Após a introdução da ideia, foi aberto espaço para os monitores darem as suas opiniões. A reação da

maioria dos jovens foi receosa, devido ao pouco tempo e à grandiosidade do evento, tendo em mente que a maior parte do trabalho envolvido na execução da Retrospectiva seria deles.

Mesmo com alguma relutância, os jovens aceitaram a ideia. Então, foi dado início à organização da Retrospectiva 2019. Como referência, usaram o programa do ano anterior. Assim, foi definido pelos gestores que seriam três blocos; cada bloco contaria com dois ou três segmentos, sendo esses: direitos humanos, arte e cultura, empregabilidade, esportes, comunicação, cursos e formação e política de juventude.

No que diz respeito à produção do evento, os jovens comunicadores questionaram sobre como seria montada a estrutura para a gravação. Apontaram defeitos em possíveis locações: o teatro teria como problema não dar público suficiente para lotar os assentos e o local seria muito grande; e o cineclube cumpriria bem essa função, pois a sala poderia ser preenchida com facilidade, entretanto, o palco não daria profundidade de campo o suficiente para as câmeras filmarem os apresentadores.

O entendimento dos jovens a respeito da logística envolvida para essa gravação, demonstra como eles entendiam o que seria necessário para a realização daquela proposta na prática. A ideia foi aceita pelos monitores, mas eles entendiam as suas responsabilidades junto a Rede CUCA, e pareciam reticentes em aumentá-las, tendo em mente as demandas pendentes que estavam sendo trabalhadas naquele momento. Os gestores públicos, seguindo o objetivo de proporcionar vivências comunicacionais inéditas ou pouco experienciadas aos jovens, focavam na formação e produção.

O coordenador de Comunicação Comunitária, demonstrando empolgação, sugeriu dedicar parte do conteúdo do programa de Retrospectiva às expectativas para o ano de 2020 na Rede CUCA. Os jovens poderiam ir até as obras em andamento dos novos Centros Culturais e entrevistar o prefeito Roberto Cláudio, elaborando eles mesmos as perguntas ao político. Os monitores pareceram gostar da ideia, mas continuaram reticentes sobre a viabilidade prática dessa programação. Ainda assim, a diretriz veio por parte dos gestores e visava pôr em tela os jovens comunicadores contemplados pela PPJ municipal e o prefeito da cidade, abordando os CUCAs com base em uma visão institucional, com a roupagem jornalística comum aos programas da Rede. O fato de os monitores terem gostado da ideia, principalmente por ser com o principal gestor público da cidade, me fez pensar em como os jovens estavam, de certa forma, condicionados a pensar o conteúdo produzido a partir do ponto de vista dos gestores, não questionando, em regra, sobre se havia ali uma liberdade de fato na condução da pauta.

Continuando com as sugestões, o coordenador pensou em dividir os segmentos do programa de Retrospectiva por Centro Cultural. Com isso, cada grupo de jovens comunicadores dos três CUCAs ficaria responsável por diferentes temáticas. Esse era considerado o formato padrão do programa de Retrospectiva, utilizado por turmas de monitores anteriormente.

Muitos jovens foram à reunião com um pensamento diferente, queriam uma maior variação dos temas entre as diferentes sedes. O exemplo mais marcante disso foi quando as garotas do CUCA Mondubim relataram uma certa saturação dos trabalhos, quase exclusivos, com temáticas esportivas, e pontuaram que gostariam de abordar outros assuntos. Miguel, o único homem da turma de monitores do Mondubim, não ficou satisfeito com isso. Ele enfatizou o seu desejo de continuar cobrindo o setor esportivo da Rede CUCA e demonstrou chateação com a atitude das garotas. Sempre muito unidas, reforçaram mais uma vez os laços entre elas, e brincaram “sobre estarem oprimindo-o”. Com base nessa discordância, foi decidido, entre gestores e monitores, mesclar os segmentos com pessoas diferentes dos três CUCAs. “Miguel pôde continuar cobrindo esporte junto à monitora de outro CUCA” e mais pessoas resolveram se dividir pelas temáticas, seguindo os seus interesses pessoais, com uma parte das meninas se dedicando a assuntos voltados para o feminismo e a outra para o cinema (DIÁRIO DE CAMPO, dezembro de 2019).

Ainda assim, havia casos em que muitas pessoas queriam os mesmos segmentos. Nesses momentos, decidiram incorporar a sugestão anterior, onde cada CUCA ficaria responsável por um segmento concorrido. Ao final da reunião, ficou a cargo de cada monitor trabalhar nas produções de conteúdo dos segmentos que escolheram por participar e os quais foram demandados. No segundo caso, para a definição de quais segmentos ficariam com cada CUCA, seria feito um sorteio. Para isso, o coordenador

resolveu me chamar para participar do sorteio, por me considerar imparcial. Os jovens brincaram comigo. O sorteio foi realizado, e, coincidentemente, para o desespero das meninas e alegria do Miguel, o CUCA Mondubim pegou o segmento de “esportes”. Ficaram também com “arte e cultura” e “empregabilidade” (DIÁRIO DE CAMPO, dezembro de 2019).

Nos dias posteriores, enquanto acompanhava os jovens comunicadores nas atividades do Programa de Monitoria, busquei me informar sobre o andamento da produção do programa de Retrospectiva. Geralmente, quando eu encontrava os jovens, perguntava como seriam seus dias. Mais do que uma programação, o que iniciavam comigo era um diálogo, atentando para a flexibilidade e os imprevistos recorrentes no cotidiano dos

monitores. Em 4 de dezembro, um dia após a reunião geral, durante um dia de mudanças na estrutura do setor de comunicação do CUCA Mondubim, perguntei aos monitores a respeito do desenvolvimento das matérias. A maioria deles não tinha começado ainda a trabalhar nisso, por sua vez, Gabriela respondeu já “ter terminado, tanto roteiro como gravação, da matéria para o Girl Power²⁹”, programa da Juv.TV produzido por jovens comunicadores de outra sede da Rede CUCA, “representando o CUCA Mondubim” (DIÁRIO DE CAMPO, dezembro de 2019).

Os dias estavam passando e o evento final se aproximava. Conforme relatado pelos jovens comunicadores, boa parte das propostas elaboradas e definidas durante a última reunião geral estavam longe de estarem consolidadas. Devido à minha limitação de tempo, alguns processos institucionais não puderam ser acompanhados em sua completude. Não obstante, busquei ser minucioso ao observar esses processos durante os dias em que lá estive. Percebi que o receio inicial dos jovens havia se confirmado, e exatamente por terem uma noção mais real do cotidiano de produção, sabiam o que era possível e o que não era. Isso revela como os monitores entendiam o funcionamento do Programa de Monitoria e, com isso, a sua própria formação, em muitos casos, de forma mais precisa do que os gestores públicos, responsáveis pelo funcionamento daquela PPJ. Com o tempo, ficou clara a necessidade de uma adaptação do escopo do programa de Retrospectiva Rede CUCA 2019. Nesse dia, em diálogo com Luna,

Lembrei da enorme quantidade de conteúdo que os monitores se propuseram a desenvolver. Luna me respondeu que muitas matérias programadas iriam acabar não saindo, tendo sido, inclusive, canceladas. Por isso, a última semana estava transcorrendo normalmente, sem muita correria. Mesmo assim, ela reitera o planejamento firmado antes, que o programa final seria ao vivo (DIÁRIO DE CAMPO, dezembro de 2019).

Esse tipo de elucidação a partir da pesquisa de campo, reforçou a minha convicção no que diz respeito à escolha por entender o fenômeno do que é ser comunicador por meio da compreensão dos próprios monitores do CUCA Mondubim. Eles entendiam os processos de maneira mais complexa do que qualquer um. Eles vivenciavam.

Assim, pude compreender melhor alguns aspectos práticos de uma política pública como a do Programa de Monitoria, a qual envolve diversos atores, públicos e civis, cada um com sua complexidade. Apresentamos como exemplo, a dificuldade de

²⁹ Programa produzido pelos jovens comunicadores do Programa de Monitoria da Rede Cuca, distribuído através do canal no *YouTube* da Juv.TV, com o objetivo de trazer um conteúdo voltado para a temática do empoderamento feminino.

implementação da visão idealizada pelos gestores a respeito do que deveria ser a Retrospectiva e o que ela estava se tornando de fato, a partir dos recursos humanos, financeiros e infraestruturais disponíveis.

No decorrer desta pesquisa, percebemos relações entre a argumentação a respeito da formação no ensino superior e aquela desenvolvida na Rede CUCA. Não à toa a maioria dos monitores se desenvolviam enquanto comunicadores nessas duas frentes, ambas sofrendo com descompassos em relação à construção desses processos juntos aos jovens. Um fato dentre os acontecimentos aqui narrados ilustrou bem o caso desse descompasso entre a proposta ofertada aos jovens comunicadores e a realidade do cotidiano. No dia 18 de dezembro, fiquei sabendo que a transmissão do programa de Retrospectiva não seria mais ao vivo. A gravação seria planejada em um formato que simularia ser ao vivo, sem cortes. Inclusive, Luna já havia gravado as cabeças³⁰ do programa e Miguel apresentaria sua parte em conjunto com outra pessoa.

Marinho-Araujo e Almeida (2016, p. 3) acreditam na possibilidade de entender as formações que se baseiam em competências para além das demandas produtivistas e ligadas à lógica de mercado. Para não se ver refém dessas demandas, argumentam ser necessário uma formação que possibilite aos formandos uma maior compreensão a respeito do contexto que os cerca como um todo. Para isso, seria trabalhado junto aos alunos desde o cenário sócio-político-econômico até o mundo do trabalho ao qual estão inseridos.

No último dia das atividades do Programa de Monitoria, em 20 de dezembro, o setor de comunicação do CUCA Mondubim estava muito movimentado, com jovens comunicadores de todos os Centros Culturais. Não era um dia comum, era a última gravação do ano, a Retrospectiva Rede CUCA 2019, ou o que havia sobrado dela desde a sua idealização. Numa correria de última hora, os equipamentos de filmagem eram transportados para o estúdio de audiovisual. Disponibilizei-me para ajudar:

Raul, o técnico que eu havia conhecido no segundo dia de pesquisa etnográfica, tinha voltado para essa gravação específica. Ele estava chamando as pessoas para organizar o local e os equipamentos. Fiquei sabendo que Ágata estava no andar de baixo. Nesse momento, Raul pediu a minha ajuda, para eu segurar alguns equipamentos de som, enquanto ele cuidava da produção do dia. O cenário estava sendo montado. Os jovens comunicadores de todos os CUCAs estavam por todos os lados, ajudando o técnico de comunicação na produção. Raul começou a me ensinar a colocar o equipamento de áudio nas câmeras (DIÁRIO DE CAMPO, dezembro de 2019).

³⁰ Texto gravado pelo apresentador a fim de informar o espectador qual matéria será exibida a seguir.

Essa iniciativa não partia somente de mim. Durante todo o período pelo qual eu estive no estúdio, o técnico de comunicação fazia questão de envolver a todos no processo, destacando o papel socioeducativo, além de técnico, desses profissionais. “Raul tentava me envolver na produção, assim como fazia com os jovens comunicadores, seja me pedindo para auxiliá-lo com o áudio (microfones) até para manusear a câmera de vídeo” (DIÁRIO DE CAMPO, dezembro de 2019).

Figura 11 – Técnico de comunicação e monitores montando a estrutura



Fonte: Foto do autor

Da mesma forma como fiz nos últimos dias, tentei entender como seria realizada a gravação da Retrospectiva. Soube que não seria mais ao vivo em auditório, como tinha imaginado ao chegar no local. O teatro do CUCA Mondubim estava reservado para outras finalidades. Por isso, decidiram gravar no estúdio, pela praticidade.

Enquanto organizavam a iluminação para a filmagem, o coordenador de Comunicação Comunitária apareceu, falou com todos e buscou saber quais segmentos da Retrospectiva estavam prontos. O gestor assumiu a sua posição de liderança. Traçou um planejamento para o dia, usando, para isso, a janela de vidro entre o estúdio audiovisual e a ilha de edição, como quadro, e um pincel para escrever os segmentos à vista de todos e marcando os que estavam concluídos. Isso auxiliou bastante no andamento da produção.

Figura 12 – Coordenador de Comunicação Comunitária planejando a gravação



Fonte: Foto do autor

Houve outros momentos em que a improvisação foi necessária para o desenrolar dos trabalhos naquele dia. Tanto os técnicos de comunicação quanto os jovens buscavam sempre realizar as suas tarefas da melhor forma possível com as ferramentas e estruturas disponíveis a eles no momento. Isso promove momentos de pura criatividade e abre margem para o surgimento de problemas, como acidentes. Um dos exemplos disso, foi o desenvolvimento de um *teleprompter* improvisado, utilizado para auxiliar o trabalho de apresentação dos jovens comunicadores:

Na correria para organizar tudo, era necessária uma televisão para ser usada como *teleprompter*. Tinha uma na sala de edição de vídeo. Eu estava lá quando o Miguel foi buscá-la. Ao fazer isso, tropeçou, caindo com a televisão gigante, mas segurando-a e colocando-a para cima, para não a quebrar na queda. Um jovem comunicador ajudou, de pronto, segurando-a também e eu acabei sendo atingido pela televisão e servindo para parar o seu avanço. Me machuquei um pouco, mas nada muito sério. Somente alguns arranhões. [...] Dessa vez, para agilizar as coisas, os jovens teriam a sua disposição um *teleprompter* montado, na hora, com uma televisão e um computador, pelos técnicos e os monitores. Ágata e Natan, jovem comunicador de outra sede, gravaram juntos. Em seguida, Miguel e outra jovem comunicadora – que era mais baixa que ele, e, por isso, Raul havia pedido para eu colocar um tijolo para a garota pisar e ficar numa altura mais equivalente – gravaram a parte deles. Luna estava responsável pelo *teleprompter* (DIÁRIO DE CAMPO, dezembro de 2019).

Figura 13 – A improvisação do *teleprompter*



Fonte: Fotos do autor

Nos exercícios típicos da prática comunicacional, o fundamento técnico é indispensável para esse tipo de formação. O trabalho midiático exige daquele que o desempenha, diversos conhecimentos a respeito do funcionamento de equipamentos eletrônicos, a título de pré e de pós produção, e métodos de comunicação, oral e gestual, como exemplos. Ainda assim, trata-se de um ofício criativo, no qual o elemento humano acaba sendo predominante. O exemplo do *teleprompter* é revelador de uma situação em que os jovens comunicadores foram incentivados, por meio da sua formação institucional na Rede CUCA, a buscarem formas e meios para que a mensagem trazida por eles fosse entendida pelo público da melhor forma possível. O que, dentro da lógica da produção de conteúdo da Rede, muitas vezes passa por técnicas e métodos que procuram emular a forma comunicacional do jornalismo televisivo profissional.

Ainda sobre essa “emulação”, destacamos alguns momentos para melhor discutir o assunto. Os jovens costumavam passar o texto da pauta em voz alta. Com isso, se ouviam e percebiam como as palavras escritas soariam quando faladas. O que chamava atenção era o tom de voz utilizado pelos monitores, muito parecido com o estilo utilizado pelos telejornalistas das grandes redes televisivas. Era um padrão seguido, em muitos casos, pelos jovens comunicadores do CUCA Mondubim.

A própria rotina de trabalho dos monitores tentava, de certa forma, emular o dia a dia profissional de empresas de comunicação mais tradicionais. Em alguns casos, os jovens variavam a distribuição das suas cargas horárias semanais, tendo em vista que, em algumas ocasiões, era necessário desempenhar as suas tarefas em fins de semana e horários fora do expediente comum.

Vimos nesses processos a prioridade conferida pelo Programa de Monitoria ao desenvolvimento de competências e habilidades técnicas. Marinho-Araujo e Almeida (2016, p. 2-3) argumentam que, dentro do contexto sociopolítico contemporâneo, é perceptível a premência de formações que priorizam suporte técnico e componentes relacionados à prática, ou experiência, do dado perfil profissional. Entretanto, os autores apontam que existe uma tendência a alternativas de formação, sendo elas voltadas para outras competências. Como explicado anteriormente, essa formação não se basearia somente em competências e habilidades técnicas, mas na aprendizagem ativa por parte dos estudantes, que propiciaria o desenvolvimento de competências como “agilidade, criatividade, autonomia, postura inquisitiva e tomada de decisão”. (MARINHO-ARAÚJO, ALMEIDA, 2016, p. 2-3).

A respeito dos processos criativos dos monitores, os jovens eram muito mais aguçados quando desafiados a improvisar, a resolver um problema no momento. No início da

observação participante, ao acompanhar dois monitores durante uma gravação, testemunhamos um desses momentos de improvisação. Os jovens haviam pedido a um técnico de comunicação para imprimir o roteiro para a gravação em duas folhas, pois iriam usar o material para a apresentadora ler o material durante a gravação. Para isso, dobraram as duas folhas e montaram um *teleprompter* improvisado, um cone feito de papel e fita adesiva. Assim, enquanto um(a) monitor(a) apresentava, o(a) outro(a) segurava o roteiro, girando o texto conforme a apresentação era realizada.

Competências como a criatividade são mais fáceis de transpor para o dia a dia e para novas situações e realidades diferentes. Levando em conta o cenário de constante avanços técnicos, em que ferramentas e *softwares* se defasam ano após anos, sendo substituído por outras tecnologias, as práticas formativas precisam entender essa realidade, a fim de cumprir o seu papel diante dos jovens (MARINHO-ARAÚJO, ALMEIDA, 2016, p. 6). A noção polissêmica de competência, que convoca diversos “conhecimentos, saberes, habilidades e [...] recursos pessoais”, precisa ser entendida para que se coloque em prática ou não as atividades propostas. No caso da Coordenação de Comunicação Comunitária da Rede CUCA, o enfoque predominante em empregabilidade tem limitado os jovens a situações voltadas para atividades tecnicistas, sem uma compreensão geral a respeito do que está sendo produzido ali. Corre-se o risco de estarem formando, por meio de políticas públicas, replicadores, não comunicadores.

Voltando a produção do programa de Retrospectiva, após a montagem da estrutura (equipamentos e cenário), todos os jovens comunicadores teriam que participar da gravação, inclusive aqueles mais tímidos que, durante o Programa de Monitoria, restringiam-se a produção, como, no caso do CUCA Mondubim, Luna e Luiza. Cheguei à conclusão de que Raul, depois de um período de ausência, tinha voltado para auxiliar nessa filmagem específica, exatamente devido à complexidade dela. Era interessante, também, ver vários monitores dos três CUCAs, em meio à correria do dia, pararem para ensaiar as suas falas e passar o texto.

As gravações aconteceram seguindo a seguinte ordem: 1º) as duplas e 2º) as apresentações individuais. Na prática não aconteceu dessa forma, pois alguns jovens moravam mais distante do que os outros e eles acabaram sendo priorizados. Mesmo assim, depois da correria para montar tudo, tudo passou a fluir com mais calma e naturalidade.

A respeito das apresentações dos jovens comunicadores diante das câmeras, durante todo o período no campo, percebi como os monitores destacavam as qualidades dos seus colegas. Os jovens reconheciam entre si quem conseguia se expressar melhor e

comunicar mais efetivamente. Então, nas tarefas cotidianas do Programa de Monitoria os jovens se diferenciavam, reconheciam essas diferenças e falavam sobre elas. Não obstante, sem nenhuma exceção, todos os monitores se mostraram perfeccionistas, principalmente nas gravações. Não foram raros os momentos durante os quais eles pediam para regravar as suas falas, quantas vezes fosse necessário, até que ficasse bom o suficiente para o programa.

No dia da gravação do programa de Retrospectiva, quando me dei conta já era noite, por volta das 19h00. Só restava a gravação da dupla Luna e Gabriela. Em seguida foi executada com sucesso. “Durante a gravação tirei fotos das garotas a pedido delas”. Os monitores costumavam pedir para que eu fizesse fotografias deles enquanto desempenhavam as atividades das PPJs para publicarem na rede social *Instagram*, através da ferramenta *stories*, marcando as páginas da Prefeitura de Fortaleza e da Coordenadoria de Juventude e *hashtags* com referências a Rede CUCA e, em alguns casos, ao Bolsa Jovem. As páginas institucionais marcadas costumavam compartilhar as publicações dos jovens. Entendi essas práticas como uma forma de prestação de contas, tanto por parte dos monitores para com a gestão pública, quanto da gestão com a população fortalezense (DIÁRIO DE CAMPO, dezembro de 2019).

Figura 14 – Print de story do Instagram de uma jovem comunicadora



Fonte: *Instagram* pessoal da jovem comunicadora

No decorrer do dia de gravação do programa de Retrospectiva, soube que as jovens comunicadoras do CUCA Mondubim, Ágata, Luna, Gabriela e Luiza haviam preparado uma surpresa para os técnicos de comunicação, Carla, Luciana e Diogo, ausente no dia. Ao fim da gravação, as garotas se dirigiram até a rádio para entregar presentes à Luciana e Carla. Foi um momento de troca entre pessoas que conviveram juntas, cotidianamente, durante meses. As monitoras homenagearam as duas mulheres funcionárias da Rede CUCA, com falas exaltando o papel delas para o crescimento e desenvolvimento das garotas como comunicadoras, servindo como referências de atuação na produção de conteúdo comunicacional.

5 O JOVEM COMUNICADOR NO SÉCULO XXI

Segundo o Dicionário *Online* de Português, do latim *communicator*, comunicador é “O que comunica” (COMUNICADOR, 2021). Já o dicionário Michaelis traz algumas definições similares, mas adiciona “Profissional que cria e/ou transmite mensagens”, “Apresentador ou animador de programas de rádio ou de televisão”, uma visão encontrada comumente em programas de entretenimento de massa, e “Especialista em comunicação; comunicólogo”, mais relacionado à área acadêmica (COMUNICADOR, 2021).

A fim de estabelecer um parâmetro mais assertivo a respeito do comunicador no século XXI, e, assim, conversar com os entendimentos dos jovens do CUCA Mondubim a respeito do que caracteriza essa figura, buscamos evidenciar o cenário atual da participação popular nos espaços de comunicação. Por se tratar de um estudo que visa a debruçar-se sobre esse jovem comunicador, trouxemos também um levantamento bibliográfico sobre o conceito de comunicador.

Para organizar o levantamento, procuramos especificamente por trabalhos com títulos contendo as palavras-chave “comunicador” e/ou “comunicadores”. A fim de estabelecer um recorte mais preciso, optamos por não incluir outros termos atribuídos a profissionais da Comunicação. Assim, não entraram pesquisas com títulos contendo “cineastas”, “apresentadores”, “publicitários”, “jornalistas”, entre outros.

Por se tratar de uma base de dados muito ampla, delimitamos o levantamento a um contexto latino-americano – o termo “comunicador” é comum ao português e espanhol. Os trabalhos compilados estavam disponíveis no Portal de Periódicos da Capes, no dia 9 de junho de 2019, e foram selecionados devido a sua abrangência temática e relevância na área da Comunicação.

O levantamento evidenciou a predominância de estudos a respeito da figura do jornalista profissional como comunicador. Em vários desses estudos, não havia sequer uma tentativa de fazer qualquer distinção entre ser “jornalista” e ser “comunicador”, ou localizar o “jornalista” – ou *periodista*, em espanhol – como um tipo de “comunicador” entre vários outros (URDANETA, 2007; VIDALES, 2001).

Além desse levantamento bibliográfico, para atingir os objetivos específicos do trabalho, contrastando a presença dos jovens comunicadores nos diferentes espaços de expressão, analisamos uma série de produções que contaram com as suas respectivas contribuições. Com isso, pudemos identificar as semelhanças e diferenças da participação deles nos espaços de comunicação, e como eles percebem isso.

Para isso, utilizamos da Análise do Discurso (AD), tendo como base o pensamento de Foucault (1996) a respeito do discurso nas sociedades, em que a sua produção é organizada e direcionada a fim de atender a uma ordem dominante. Nos termos do autor: “ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências [...] Mais precisamente: nem todas as regiões do discurso são igualmente abertas e penetráveis; algumas são altamente proibidas” (p. 37).

5.1 As Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs)

O entendimento a respeito do comunicador vem mudando nas últimas décadas, seguindo a tendência das transformações nas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). O avanço técnico tem resultado em diversas implicações, o que vem sendo estudado por uma série de pesquisadores ao longo das últimas décadas (SANTAELLA, 2003; CASTELLS, 2005; ROBERTO, FIDALGO, BUCKINGHAM, 2015). Santaella (2003, p. 23) destaca como algumas esferas determinantes para a estruturação da sociedade foram afetadas por essas transformações, tais quais “o trabalho (robótica e tecnologias para escritórios), gerenciamento político, atividades militares e policiais (a guerra eletrônica), consumo (transferência de fundos eletrônicos), comunicação e educação (aprendizagem a distância)”. Houve, com isso, uma mudança na cultura como um todo.

Fragoso, Recuero e Amaral (2011) apresentam algumas perspectivas referentes às pesquisas sobre a Internet e sua relação com a cultura. As autoras destacam as teorias da Internet como cultura e a Internet como artefato cultural. Na primeira, a Internet é vista como um espaço *online* distinto do *offline*. Comunidades e mundos virtuais são compreendidos a partir de um contexto cultural particular. Na segunda, a Internet é compreendida como parte

do cotidiano comum a todos, portanto, vista como um elemento parte da cultura, e não separado. Os ambientes *online* e *offline* são vistos de forma integrada. “A noção de Internet como artefato cultural oportuniza o entendimento do objeto como um local intersticial no qual as fronteiras entre *online* e *offline* são fluidas e ambos interatuam” (FRAGOSO, RECUERO, AMARAL, 2011, p. 42).

Sobre a relação entre real e virtual, Rifiotis (2002) explica que a noção de virtual implica em muitos equívocos. O primeiro deles é a oposição implícita entre real e virtual. O virtual é tratado a partir de uma polarização, herdando ideias provenientes de estudos mais limitados sobre o tema. Por causa dessa confusão envolvendo a noção de virtual, os trabalhos vêm optando pela utilização dos conceitos de *online* e *offline*, compreendendo-os como partes de um mesmo contexto cultural e realidade comum. Nesta dissertação, sujeitamo-nos ao segundo entendimento.

Castells (2005), ao discutir as questões decorrentes da estrutura social fundamentada nas redes provenientes das TICs, aborda o conceito da sociedade em rede. Tendo por base uma estrutura global envolvendo computadores conectados entre si, é distribuída informação decorrente do conhecimento acumulado dentro da própria rede. A sociedade em rede transcende as fronteiras geográficas e a sua lógica de funcionamento alcança inúmeros países numa esfera global, difundindo-se mediante poderes estabelecidos, desde econômicos e comunicacionais até científicos e tecnológicos.

Sobre as implicações dos avanços nas TICs, Castells (2005) salienta o papel da sociedade, com os seus valores e interesses particulares, na forma como a tecnologia é utilizada. A Internet age como uma rede de comunicação global, onde as pessoas podem acessar, buscando os mais variados tipos de informação, além de, em tese, poderem entrar em contato com qualquer pessoa no mundo. O que em momentos anteriores da nossa história era possível somente nas ficções científicas, atualmente é uma realidade, em constante transformação.

Uma das implicações do fenômeno em questão é a reconfiguração dos espaços de comunicação. Como Castells (2005) analisa, o mundo corporativo estava dominado pelas organizações de grande porte e características verticais. Houve, de acordo com o autor, após a consolidação da Internet, maior segmentação em termos de produção e consumo de conteúdo, o que permitiu uma expansão da produção de conteúdo independente, um dos fenômenos comunicacionais da primeira metade do século XXI. Ainda assim, as grandes corporações continuam a existir de forma determinante na organização do espaço comunicacional. Os exemplos mais evidentes são as redes sociais (*YouTube, Facebook, Twitter e Instagram*).

Hine (2016) ressalta como as tecnologias digitais estão transformando a paisagem midiática. A autora argumenta que, conforme a Internet foi se popularizando, “as pessoas se tornaram capazes de influenciar umas às outras de novas maneiras, formando grupos sociais que se diferem significativamente daqueles criados através [...] das interações sociais distanciadas mediadas pela mídia de massa” (p. 11). Visando ao lucro, as corporações midiáticas foram se transformando, criando novos produtos, formatos e negócios. A vida cotidiana foi alterada e com ela as formas como as pessoas experimentam os espaços públicos e privados. Isso se deve à popularização das tecnologias móveis, o que fez com que as comunicações e interações sociais fossem incorporadas também pelas dinâmicas da Internet.

Tendo em mente o cenário apresentado, Gabriel (2010) ressalta o papel dos dispositivos móveis (especialmente os *smartphones*) nos rápidos avanços tecnológicos. Isso permite que as interações sociais ocorram em tempo real e na maioria dos lugares e incentiva a crescente participação popular em redes sociais. Portanto, as tecnologias são postas como facilitadoras das interações e da comunicação humana.

Ainda de acordo com Gabriel (2010), as redes sociais crescem e difundem-se por todo o planeta, influenciando a forma como nos comportamos e nos relacionamos uns com os outros. O sucesso dessas plataformas de relacionamento *online* tem ocasionado um crescimento vertiginoso da produção de conteúdo voltado para a Internet. Todavia, tanto a produção quanto a distribuição desse conteúdo não compreendem a sociedade em sua totalidade, o que evidencia as desigualdades de acesso entre as pessoas.

Comparato (2001) destaca como a criação dos caracteres móveis da imprensa, cinco séculos atrás, viabilizou a existências dos jornais e da popularização da palavra escrita, multiplicando o número de leitores no mundo. Outro exemplo é como o aparelho de televisão, possibilitado por mais avanços técnicos, permitiu a exibição de obras que, antes, eram restritas à exibição em salas públicas. Também de forma profunda, a era da comunicação global advinda com a Internet nos permite testemunhar uma reorganização da produção de conteúdo em todo o mundo.

As atividades das pessoas na Internet, inclusive a mais trivial ação virtual, deixam “rastros”. Com isso, as corporações utilizam essas pegadas comunicacionais para amplificar o seu poder e a sua influência. Assim, coletam e categorizam os dados provenientes desses rastros, elaborando “perfis de hábito, consumo, empregabilidade, longevidade etc.” (BRUNO, 2016, P. 34). Esse conhecimento gerado, traduzido em meio a um mundo de informações infinitas e caóticas, é usado por empresas para ações que vão muito além da propaganda e do *marketing*. Como exemplos, podemos citar a utilização dessa inteligência para segurança

privada e de Estado, desenvolvimento de produtos, consultoria financeira, militância política, vigilância, entre diversas outras possibilidades implementadas e ainda por vir.

De acordo com Bruno (2016), esses rastros vão além das informações divulgadas de forma voluntária pelos usuários na Internet, tais quais *posts*, curtidas, compartilhamentos e dados de perfil. A autora ressalta que “toda ação efetuada na rede – navegação, busca, simples cliques em links, downloads [...] – deixa potencialmente um rastro, um vestígio, uma inscrição mais ou menos explícita, suscetível de ser capturada, recuperada, classificada” (p. 35). O rastro é um vestígio.

Lemos (2019), por sua vez, argumenta que controle, *software* e algoritmos existiram desde o advento da Internet, e talvez muito antes disso. A diferença é que “eles não atuavam de forma ampla e integrada, como um demônio no meio dos sistemas, chupando dados e induzindo ações sobre o que se deve conhecer, fazer, comprar, com quem se relacionar, ou quais lugares e comidas conhecer”. Ainda segundo o autor, essa lógica nos deixa reféns dos algoritmos. Mais especificamente, daqueles das empresas dominantes na Internet, as *Big Tech*, ou *Big Five: Google, Amazon, Facebook, Apple e Microsoft*.

É isso que caracteriza a atual fase do “capitalismo de vigilância” (Zuboff), ou capitalismo de dados, criando modelos de inclusão e exclusão, ciclos de antecipação produzindo o que é relevante com promessas de eficiência e customização, entrelaçando práticas, produzindo públicos, suas opiniões e demandas. A cultura digital é hoje um amplo sistema de governança algorítmico agenciando, pela PDPA, a forma pela qual a sociedade como um todo se transforma. Por algocracia (Danaher) compreende-se a tomada de decisões pela performance dos algoritmos através da ampla dataficação (Mayer-Schönberger e Cukier) e plataformação da sociedade (van Dijck, Poell e de Wall). (LEMOS, 2019).³¹

Caso encaremos os rastros ou vestígios como produções comunicacionais e formas de expressão, chama a atenção como essa produção, criada por milhões de pessoas e pertencente a somente alguns empresários, vem alterando diversas formas de relações sociais e econômicas.

5.2 As TICs e A Participação Popular nos Espaços de Comunicação

Palfrey e Gasser (2011) apontam que a celeridade das mudanças provocadas pela revolução tecnológica das últimas décadas, vem afetando a sociedade em velocidade atípica na história. Para uma melhor exemplificação, os autores apresentam o fato da imprensa, após

³¹ LEMOS, André. Os Desafios Atuais da Ciberultura. Lab404, 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/3vCp2ZC>>. Acesso em: 17 dez. 2020.

sua invenção, ter sido acessada por apenas poucas pessoas, num espaço temporal de séculos. Por outro lado, a popularização da Internet por meio das TICs e a sua adoção por grande parte da população mundial vêm ocorrendo em ampla escala e no decorrer de poucas décadas.

Os nascidos na geração pertencente a um mundo *online*, são foco central nos estudos de Palfrey e Gasser (2011). Ao marcar presença na cultura digital, esses jovens podem vir a exercer um nível maior de influência na sociedade contemporânea. Isso acontece, principalmente, por meio da produção e distribuição de conteúdo. Os autores explicam isso como um passo do desenvolvimento da espécie humana, tendo em conta que os seres humanos desde sempre buscam formas de expressar suas próprias crenças e visões, compartilhando com os outros. Guardadas as devidas proporções e contextos, o que há 30 mil anos era pintura nas cavernas, hoje são vídeos no *YouTube*, textos em *blogs* e fotos no *Instagram*.

Ainda assim, a linguagem digital ainda não foi incorporada ao vocabulário de grande parte dos jovens no mundo. De acordo com Palfrey e Gasser (2011, p. 24), para “bilhões de pessoas no mundo [...] os problemas que os Nativos Digitais estão enfrentando são meras abstrações.” A própria caracterização de “nativo digital” deve ser problematizada, tendo em vista não só o fato de pressupor que o nativo digital estaria inserido num contexto onde as TICs estavam presentes desde o início da sua vida, mas por revelar uma visão ingênua da questão, sabendo que nascer cercado por tecnologia não faz com que a pessoa automaticamente saiba lidar com a complexidade da comunicação que nelas se realiza.

Roberto, Fidalgo e Buckingham (2015), ao abordarem o conceito de nativos digitais num contexto de exclusão digital, destacam como essa realidade está associada à desigualdade social. Mesmo com os jovens crescendo em uma sociedade na qual a tecnologia tem um papel central e evolui com velocidade, isso não significa maior equidade de oportunidades e acesso a recursos para muitas crianças e jovens. A desigualdade social continua sendo um fator determinante na forma como esses jovens estão se desenvolvendo.

A ideia de nativos digitais deve ser problematizada, ainda mais quando se afirma como pretensa competência midiática dos jovens e das crianças. Fantin (2016) argumenta que, ao abordar essa temática, é necessário esclarecer alguns pontos relacionados ao contexto aos quais os jovens em questão estão inseridos:

- a) condições de pertencimento econômico e social de crianças e jovens, ainda mais num contexto de exclusão digital; b) qualidade dos usos da tecnologia, visto que a maioria dos jovens que usa a internet diariamente não demonstra usos inovadores e extraordinariamente criativos, comunicando, interagindo nas redes sociais e trocando informações de modo trivial; c) competências midiáticas e digitais na

perspectiva crítica, instrumental, produtiva, visto que apenas uma minoria de crianças e jovens é verdadeiramente “empoderada” e “fluyente” tecnologicamente, o que pode ser observado em certas dificuldades com usos competentes das ferramentas de busca e ao não considerar critérios de confiabilidade das informações pesquisadas na internet; d) condições de cidadania, em que o “poder” de crianças e jovens se evidencia mais nas práticas de consumo e não tanto na perspectiva da cidadania (p. 9-10).

Esses pontos servem para destacar as grandes disparidades existentes na forma como os chamados nativos digitais usam as TICs, e põem em dúvida o quão apropriado é o conceito para uma melhor compreensão sobre a realidade contemporânea das juventudes (ROBERTO, FIDALGO, BUCKINGHAM, 2015). Isso fica mais evidente quando pensamos na figura do nativo como um sujeito natural de um lugar ou uma realidade, pertencente e conhecedor do ambiente que o cerca.

Segundo Comparato (2001), as consequências da transformação técnico-econômica suscitada com a revolução tecnológica provocada com os dispositivos móveis, mídias digitais, redes sociais, entre outros, não foram incorporadas plenamente na esfera política, no que concerne a definição coletiva da vida pública, nem do ponto de vista do pensamento teórico, tampouco como ordenamento jurídico.

Comparato (2001, p. 13) ressalta, portanto, que nessa “era da comunicação global”, a comunicação social, como princípio fundamental, “é matéria de interesse público, isto é, pertinente ao povo” numa democracia. Dessa forma, não se pode “admitir nenhuma forma direta ou indireta de controle particular sobre os meios de comunicação de massa”. Na prática, contudo, isso acontece desde o surgimento da imprensa, resultando num “debate público sobre as grandes questões da vida política e econômica da nação [...] estruturalmente falseado”. Sobre a autenticidade do debate público, Comparato destaca a necessidade da liberdade para o exame da verdade, exemplificando isso através do exemplo histórico e clássico de Atenas³², onde

a democracia fundava-se muito mais na isegoria, isto é, na igualdade de palavra nas assembleias públicas, do que na isonomia. As grandes decisões políticas – a guerra e a paz, a nomeação dos principais governantes (notadamente o estrategista) e a tomada de suas contas após o término do mandato eletivo – ocorriam sempre na ekklesia e comportavam o mais amplo debate, do qual podiam participar, pessoalmente, todos os cidadãos. (...) A falta de debate público, aliás, era vista como um sintoma de grave doença do corpo político, uma abulia ou desfibramento da vontade cidadã (p. 12).

³² Apenas os homens livres, filhos de atenienses, nascidos em Atenas e maiores de 18 anos eram considerado cidadãos. Ou seja, somente um décimo da população tinha participação política. Mulheres, estrangeiros e escravos eram excluídos. Disponível em <<https://brasilecola.uol.com.br/historiag/democracia-ateniense.htm>>. Acesso em: 7 jul. 2021.

Peruzzo (2007), ao abordar a relação entre democracia e comunicação, destaca que apesar do reconhecimento do Direito à Comunicação como um direito humano, a temática em questão não possui visibilidade pública a altura de sua importância, nem tem gerado o engajamento popular necessário para assegurá-lo.

O reconhecimento da comunicação como política pública, encontra, no capitalismo, resistência de grandes conglomerados de mídia, atribuindo qualquer ação de controle social dos meios de comunicação como um ato de censura e defendendo a ideia do livre fluxo da informação como principal garantidora da liberdade de mercado. O desafio de compreender a comunicação como direito vai muito além de um simples remanejamento dos emissores estabelecidos, mas trata-se de uma questão extremamente complexa. A temática carece “de discussão e ação enquanto política pública essencial, tal como políticas públicas para os segmentos de saúde, alimentação, saneamento, trabalho, segurança, entre outros” (RAMOS, 2005, p. 250).

Segundo Peruzzo (2007), no processo comunicacional é necessário trazer os meios de comunicação o mais próximo possível dos interesses do povo. Com isso, desempenhando “um papel importante da democratização da informação e da cidadania, tanto no sentido da ampliação do número de canais de informação e na inclusão de novos emissores, como no fato de se constituir em processo educativo” (p. 3).

Como reconhece a autora, a cidadania comunicacional só pode ser exercida em sua plenitude conforme as desigualdades sociais forem sendo superadas. Dentre os empecilhos para o exercício da cidadania, estão, entre outros, a dificuldade de acessar a infraestrutura e os conhecimentos teóricos e práticos para a utilização das novas tecnologias. Palfrey e Gasser (2011) alegam que o fato de estarmos nos direcionando para uma cultura *online* globalizada é benéfico, ao possibilitar maior participação popular e, com isso, o fortalecimento das democracias. A visão desses autores é, sem dúvida, demasiado otimista.

Esse pode ser um pensamento ingênuo, levando em consideração a apropriação dessa participação popular pelas grandes corporações de tecnologia. Essa participação não se realiza nos marcos dos interesses de quem a exerce, mas é conformada por uma série de interesses comerciais de plataformas e anunciantes, que operam sem muita restrição ou fiscalização. Segundo Bruno (2016), o argumento de que os processos de utilização dos rastros ou vestígios digitais pelas *Big Tech* pautam-se por uma lógica da neutralidade, é falso. Isso acontece devido à falsa impressão de objetividade dos algoritmos e do uso das Inteligências artificiais, que opera mediante a coleta de dados para promover o

impulsioneamento de conteúdo para determinados públicos. Ainda assim, essa automatização não dispensa mediadores e mediações.

O conhecimento gerado nesses processos tem um propósito de intervenção, que vai além do mero conhecimento sobre as interações e relações sociais. Ele orienta e define rumos para o futuro dos indivíduos e das sociedades. Os rastros não indicam o caminho do passado, mas a projeção do futuro. As ações antes do ato ganham forma e significado. Bruno (2016, p. 35) denomina isso de “memorial do futuro”.

Dessa forma, a mesma configuração responsável pelo aumento da participação popular nos espaços de comunicação, ao possibilitar a criação de novos lugares de expressão, é simultaneamente controlada por interesses privados, apropriando-se da livre participação dos indivíduos para seus próprios fins. Por isso, buscamos investigar como jovens, que se desenvolvem em meio ao contexto comunicacional aqui abordado, nesse início do século XXI, compreendem essa realidade complexa e, em certa medida, contraditória, e como eles compreendem o seu lugar como comunicadores.

5.3 A Formação Continuada do Jovem Comunicador

Por meio do levantamento bibliográfico sobre o comunicador, melhor explicado na introdução deste capítulo, identificamos que um dos aspectos mais abordados pelas pesquisas acadêmicas diz respeito a formação (CANTARERO, 2002; GONÇALVES, AZEVEDO, 2006). Nesse caso, a formação do comunicador é pensada associada ao ambiente acadêmico, que, além de promover seu desenvolvimento intelectual, lhe atribuiria a responsabilidade de buscar a verdade e pautar sua conduta pelo interesse público (PRIETO CASTILLO, 1983; SOBRINO, 2012). Nesta visão, o chamado “comunicador-intelectual” é associado a uma postura teórica e científica constituída no interior desse campo da Comunicação. Esse estudioso da Comunicação, ou comunicólogo, assume papel ativo na divulgação dos resultados de suas investigações, na condição de comunicador dos dados, das análises e dos resultados das pesquisas (LINARES HERRERA, NÁPOLES BETANCOURT, 2013).

Considerando as diversas realidades que se apresentam no mundo, pensadores se dedicam há décadas a refletir sobre novas formas de “ser comunicador”. Alarcón (1992) propõe um redesenho da compreensão do comunicador com base no processo formativo deste:

O novo comunicador social deve ser um personagem do Renascimento: Humanista, versátil, generalista e artesão. Deve ser capaz de pensar e atuar em um contexto planetário, nacional, regional e de vizinhança. Os que tentam formar e capacitar a esses profissionais devem redesenhar radicalmente seus programas e currículos (p. 65, tradução nossa).

O autor concebe uma figura do comunicador, pautado por um viés humanista, cujo perfil se voltava, de modo prevalente, para a atividade puramente intelectual, característica da percepção latino-americana do século XX sobre o fazer comunicacional. Não à toa, parte significativa dos grandes escritores à época advinham das redações de jornais.

Estamos em sintonia com Alarcón (1992) em relação à necessidade de redesenho das práticas de comunicadores e, nesta dissertação, ampliamos o olhar da academia para outras experiências de formação de comunicadores. Também entendemos que o redesenho na formação dos comunicadores já vem ocorrendo pela alteração das experiências formativas promovidas pelas Tecnologias de Informação e Comunicação.

A discussão a respeito do impacto contínuo das transformações técnicas na formação do comunicador é objeto de atenção de muitas pesquisas (ROCHA, 2002; BERGERO, ESNAOLA, 2006; BENASSINI FÉLIX, 2006). O cenário atual redesenhou a figura do comunicador, o que exige das formações uma atenção para novas realidades e problemáticas. Ainda assim, as formações tendem a privilegiar o foco no aspecto profissional do fazer comunicacional, restringindo o campo ao ensino superior, ao menos na forma como este é organizado atualmente. Portanto, a maioria das pesquisas a respeito dos comunicadores foca no papel da universidade na formação dos profissionais da área, destacando a necessidade de promover uma adaptação dos cursos, a fim de preparar os estudantes para uma nova realidade, cada vez mais tecnológica (ACEDO, LAZO, MARINO, 2012).

Segundo Sandoval (2011), o desenvolvimento tecnológico das últimas décadas tem sido o estopim para crises em diversas profissões. Como exemplos, as profissões dos educadores e dos comunicadores; educadores exerciam a posição do conhecimento dentro das salas de aulas e comunicadores obtinham a informação e decidiam o que fazer com ela. No século XXI, isso vem sendo desafiado, uma vez que os dispositivos móveis nas mãos das pessoas transformaram essas relações de poder (RAMÍREZ, 2001). Não obstante, essas transformações trouxeram novas possibilidades de ensinar, de fazer comunicação e de profissionalização (MARÍN, 2003).

Fantin (2016) ressalta como, nesse cenário, as pesquisas vêm apontando que as mediações escolares estão sendo condicionadas a mudar, devido ao desenvolvimento da relação entre as juventudes e as informações. Práticas anteriores estão sendo problematizadas

por jovens e crianças. A exposição constante às diversas telas, cada uma apresentando milhares de conteúdos diferentes, suscita novas práticas. As formações trabalhadas nas escolas e universidades nas últimas décadas, foram desestabilizadas pelo processo de revolução tecnológica advindo da Internet. Isso impôs “novas formas de apropriação nesse espaço em que as interseções entre vida cotidiana, internet, mídia, escola podem favorecer os processos de aprendizagem mais significativos e sintonizados com as culturas infanto-juvenis” (p. 22).

Os jovens comunicadores do CUCA Mondubim possuem entendimentos próprios a respeito de suas vidas acadêmicas. Para a maioria dos monitores, a universidade e o Programa de Monitoria se complementam.

Como trazido no diário de campo, tive uma conversa no dia 3 de dezembro de 2019 com Miguel e uma monitora do CUCA Jangurussu. O diálogo girou em torno de um jornalista e colega meu da época de graduação, que estava ganhando notoriedade no cenário do jornalismo esportivo cearense. O profissional em questão havia se formado por uma universidade particular bastante popular no estado do Ceará, pertencente ao mesmo grupo empresarial dono do conglomerado de mídia onde ele estava trabalhando no momento. Mesmo com méritos, o simples fato de ter tido condições de estudar em uma das universidades mais caras de Fortaleza tinha aberto uma série de portas negadas a muitos outros.

Ao seguir essa pauta, a discussão caminhou para o assunto de oportunidades profissionais na área da Comunicação. Chegamos ao consenso de que na maioria das instituições de ensino superior, mais acessíveis em termos financeiros, as circunstâncias não são tão favoráveis. Isso era evidente pela própria estrutura acadêmica de tais instituições. Na universidade do jovem jornalista de sucesso existia uma televisão universitária, com estúdios, câmeras, gravadores, computadores e todo o aparato técnico necessário para viabilizar o melhor aproveitamento dos estudantes, além do corpo de funcionários dedicados a auxiliar aqueles dispostos a aproveitar as oportunidades ali disponíveis.

Os dois jovens comunicadores da Rede CUCA eram estudantes de graduação em instituições de ensino que não proporcionavam essas oportunidades. Nesse sentido, eles reconheciam nos CUCAs um papel complementar para as suas formações acadêmicas, tendo em conta que nos Centros Culturais podiam desenvolver habilidades técnicas a partir do aparato e da estrutura disponibilizada pelo estado. Com isso, montavam seus portfólios e construíaam redes de contatos. Mesmo assim, o Programa de Monitoria desempenhava um

alcance muito pequeno, se considerarmos a quantidade de jovens que apresentam essas mesmas dificuldades.

Esteves e Abramovay (2007), ao falar sobre os jovens na contemporaneidade, destacam como as mudanças nos campos socioeconômicos vêm afetando a transição desse grupo etário para a fase adulta. O consumo ostentatório característico das sociedades capitalistas expõe constantemente as juventudes a aspirações que, em diversos casos, resultam em frustrações. Isso se dá pelas condições desiguais com as quais a maioria dos jovens precisam lidar.

No que diz respeito a essa complementaridade das formações, Luna afirmou ter levado o pensamento artístico desenvolvido nos seus estudos universitários para a Rede CUCA. A mudança do cenário do CUCA Esporte, comentada no capítulo anterior, teve contribuição direta da jovem e dos parâmetros visuais trazidos por ela nesse aprimoramento. Para os outros monitores e técnicos de comunicação, ela passou a ser a referência visual, a quem podiam consultar em caso de necessidade.

A formação do Programa de Monitoria, de acordo com os jovens, os estimulava a serem mais comunicativos – pelo menos três deles se definiram como pessoas tímidas. Vale ressaltar que o desenvolvimento de habilidades de comunicação e apresentação pessoal tornava os monitores mais participativos nas aulas da graduação, o que é um indício da perda de uma timidez paralisante que limitava a participação dos jovens nos mais diferentes espaços de expressão.

Sobre isso, um(a) das monitoras relatou ter comentado sobre suas experiências na Rede CUCA durante algumas aulas do seu curso universitário. Isso aconteceu pois passou a se sentir mais confiante em relação ao domínio dos temas em discussão pelos professores, adquirido principalmente por meio de vivências nos Centros Culturais, até porque a faculdade a qual o(a) aluno(a) pertencia não oferecia muita estrutura, disponibilizando para o corpo discente somente uma rádio universitária.

Quando perguntados sobre como a Monitoria contribuiu para as suas trajetórias, Ágata disse ter se tornado uma pessoa mais corajosa, não tinha mais medo de expor as suas ideias, se tornou mais comunicativa, além de ter obtido uma noção mais aprofundada sobre a Comunicação em si. Ela afirmou que antes não sabia diferenciar publicidade de *design* nem tinha compreensão teórica alguma sobre fotografia, mas com as atividades na Rede CUCA, a jovem aprofundou os seus conhecimentos na área.

Gabriela, por sua vez, destacou a perda do medo de falar em público, o que ajudou em sua trajetória, e do medo de errar porque sabia que, caso fizesse algo equivocado durante o

Programa de Monitoria, alguém a ajudaria, e ela faria de novo até acertar, fato que a tornava confiante. Miguel também disse ter se tornado uma pessoa mais comunicativa, além de ter aprendido noções de vídeo, fotografia e áudio.

Em alguns casos, as experiências na Rede CUCA possibilitaram aos jovens descobertas a respeito das suas inclinações e vocações. Foi através das atividades nos Centros Culturais que Gabriela pôde obter mais certezas sobre as suas escolhas. A estudante de 'Publicidade e Propaganda' que, antes do Programa de Monitoria, apresentava dúvidas se havia feito a opção correta de curso, enfatizava: "É isso mesmo que eu quero fazer". Ainda assim, mesmo com propósito definido de continuar seguindo na área da Comunicação, a monitora relatou ter enfrentado outras dúvidas a partir das experiências no CUCA Mondubim. Isso porque os Programas eram mais voltados para o jornalismo do que para a publicidade, fazendo com que colegas recomendassem a troca de um curso por outro, o que ela não fez, e afirmou não ter se arrependido.

Para os jovens universitários, o Programa de Monitoria também serviu como uma espécie de estágio profissional, logo, os monitores puderam utilizar o período como jovem comunicador do CUCA Mondubim, a fim de preencher os requisitos necessários para conseguir os créditos das disciplinas de atividades complementares. Temos aqui, então, uma relação mais institucional das duas formações.

Outra relação mais clara de vínculo entre a Rede CUCA e as universidades foi notada em outro Programa de apoio e formação das juventudes fortalezenses, o Bolsa Jovem. Antes de entrarmos nos detalhes dessa relação entre as universidades particulares e os Programas da Prefeitura, cabe uma contextualização mais precisa a respeito desta PPJ. Desde o primeiro dia da nossa observação participante, o Bolsa Jovem vinha sendo mencionado, principalmente por parte da gestão pública, como uma forma dos jovens comunicadores continuarem desenvolvendo atividades nos Centros Culturais.

No dia 3 de dezembro de 2019, durante a reunião geral do Programa de Monitoria, como parte considerável dos jovens comunicadores de todos os CUCAs tinham sido aprovados para o Bolsa Jovem, a reunião era propícia para que os monitores pudessem tirar dúvidas a respeito de suas participações no Programa. O gestor presente explicou que os jovens poderiam participar da Monitoria e do Bolsa Jovem ao mesmo tempo. Se esta fosse a escolha, quando a Monitoria chegasse ao fim, poderiam se dedicar exclusivamente ao Bolsa Jovem.

No CUCA Mondubim, dos cinco monitores, três foram aprovados para participar do Bolsa Jovem, os outros dois preferiram não participar do processo seletivo. Para participar

desta PPJ, os selecionados precisavam apresentar um projeto sobre o que fariam com o financiamento da Prefeitura, durante um período de 13 meses. Esse projeto deveria conter quais eram as metas dos jovens e como iriam realizá-las. Nas metas deveriam estar previstas participações em eventos e congressos acadêmicos na área da Comunicação.

Na reunião geral, a justificativa apresentada foi a existência de uma parceria celebrada entre a Rede CUCA, o Bolsa Jovem e as respectivas universidades às quais os participantes do Programa estavam vinculados. O incentivo à participação em eventos científicos ocorre de forma mais recorrente em universidades mais consolidadas no Brasil, em especial Instituições Públicas que contam com financiamento federal e estadual, além de algumas universidades particulares de maior envergadura, como uma forma de incentivo à iniciação científica. Podemos supor que, por trás deste tipo de iniciativa, pode haver uma tentativa de suplementação, via poder público, do trabalho que essas universidades deveriam estar fazendo, mas esta discussão se distancia dos objetivos centrais dessa dissertação e não será desenvolvida aqui.

Outro impasse foi a falta de clareza a respeito do papel dos jovens comunicadores no Bolsa Jovem. No dia 13 de dezembro de 2019 foi recomendado aos monitores que iriam participar do Bolsa Jovem a continuarem desempenhando o mesmo trabalho do Programa de Monitoria, sem alterações, pelo menos até o fim do ano. Segundo um gestor público, o Bolsa Jovem seria um Programa flexível, podendo ser uma continuação da Monitoria. Todavia, o processo seletivo da PPJ em questão, como mencionamos anteriormente, exigia projeto e plano de metas específicos, o que a princípio não indica flexibilidade. Isso deixava os jovens confusos.

Todos os jovens comunicadores parceiros de observação nesta pesquisa tinham relação anterior com o Programa de Monitoria vinculado à Rede CUCA. Com exceção de um jovem, todos os monitores participaram de outros Programas da Coordenação de Comunicação Comunitária, como o Repórter CUCA e o Conexões Periféricas. Quando questionados sobre suas motivações para participar da Monitoria, os jovens mencionaram: “Algo natural”, “Um próximo passo”, “Um complemento”, revelando avaliarem com naturalidade o trânsito entre Programas da Rede CUCA. Essa era inclusive a prática corrente, sabendo que os jovens comunicadores transitaram/transitam entre os Programas de formação disponíveis nos Centros Culturais. Em entrevista, um(a) monitor(a) explicou a suas relações com essas formações da seguinte forma:

Como eu te falei no começo, o Repórter CUCA foi bem: “Ah, eu vou!”. Eu queria passar por essa experiência. Pensei: “Vou ver se me encontro lá”. Porque eu sou muito de momentos, eu me apaixono pelo que eu estou fazendo. Então quando eu estava no curso de fotografia eu queria fotografia. Quando eu fiz o curso de audiovisual, eu queria trabalhar com vídeo. Realmente queria. Então, minha paixão é pelo que eu estou fazendo no momento. E aí fui para o Repórter CUCA por ser a junção de tudo isso, fotografia e vídeo. Eu também gosto de falar, então foi a junção perfeita. Só que eu descobri isso depois, porque eu tinha dúvidas sobre ser repórter. Mas eu fui e acabei gostando. Como eu disse, sou muito ampla, então eu gosto de um pouco de *design*, de elaborar roteiro e produção, de pós-produção, [...] então eu fui.

Essa formação continuada era estimulada pela Rede CUCA. Os jovens falaram que os técnicos e gestores públicos sempre os estimulavam a se inscreverem nos Programas quando abria algum processo seletivo. Como pudemos observar, existia um percurso mais comum que os jovens comunicadores costumavam seguir. Eles iam dos cursos para o Repórter CUCA ou Conexões Periféricas, depois para o Programa de Monitoria e, finalmente, para o Bolsa Jovem. Torres (2020), ao pesquisar os jovens do Conexões Periféricas, enxergou entre essas iniciativas do setor de comunicação dos CUCAs certa organicidade. Existia uma “interrelação entre os projetos, onde se tem muitos jovens participando de vários ao mesmo tempo” (p. 42). O pesquisador também compreendia esse tipo de ação como uma espécie de formação continuada, usando como exemplos os jovens que, além de realizarem parte de suas formações na Rede CUCA, tornam-se técnicos de comunicação dos Centros Culturais.

Apesar dos benefícios, a formação de jovens comunicadores traz consigo limitações. Isso ficou evidente quando um(a) monitor(a), durante a entrevista semiestruturada, revelou ter se afastado dos Centros Culturais por medo de ficar “estagnado”, optando por se dedicar totalmente a sua formação universitária e a ingressar no mercado de trabalho. Essa escolha, em sua visão, evitaria que ele(a) se conformasse com bolsas de apoio de valor reduzido. O(a) jovem tinha necessidades econômicas urgentes, que não eram resolvidas por meio da sua participação nas atividades do setor de comunicação da Rede CUCA.

Roberto, Fidalgo e Buckingham (2015) salientam como as condições socioeconômicas exercem papel fundamental em como os jovens, que crescem em meio a essa revolução tecnológica, desempenham suas funções no mundo. Em questão de oportunidades, aqueles nascidos em famílias de classes sociais altas terão mais do que os que vêm dos setores populares. Isso evidencia como as condições dadas e, logo, as formas como as juventudes fazem uso das tecnologias, variam completamente de situação para situação.

Cabe o questionamento se o direcionamento prioritário para o mercado de trabalho por parte da Rede CUCA não se torna contraproducente, por seu caráter inibidor dos processos de criação e experimentação. O que precisamos entender é qual tipo de profissional

está sendo formado nos Centros Culturais, e mais importante ainda, qual tipo de ser humano, dada a relevância de se problematizar também as condições das relações de trabalho no cenário atual, em que a precarização da força de trabalho e de seus direitos ganha força dia após dia.

Martín-Barbero (2001, p. 23, tradução nossa), sobre a formação do comunicador na América Latina, ressalta que, por “não ser constituído por uma disciplina, mas sim por um conjunto de saberes e práticas pertencentes a várias disciplinas e campos, o estudo da comunicação apresenta dispersão e amálgama.” Surge daí a tentação tecnocrática por fragmentar o estudo e as práticas, o que resulta no ganho de espaço dos ofícios definidos pelo mercado de trabalho nas formações. Isso gera uma atenção primordial e, muitas vezes, exclusiva, que visa atender demandas laborais, e que envia o olhar para a comunicação como um todo, ofuscando a visão dos profissionais sobre as mudanças que estão ocorrendo ou que estão para ocorrer na área.

Além das questões condizentes às profissões, existem outras problemáticas associadas a essa interferência mercadológica nas formações, como atesta Martín-Barbero (2001):

Por outro lado, nos encontramos rodeados por um ambiente de interesses que, combinando descaradamente o maior otimismo tecnológico ao mais radical pessimismo político, converte o poder da mídia na onipresença mediadora do mercado. Ao perverter o sentido das demandas políticas e culturais, que de alguma forma encontram expressão na mídia, qualquer questionamento de uma ordem social que somente o mercado e as tecnologias permitiriam moldar é deslegitimado (p. 21, tradução nossa).

A maioria dos jovens do Programa de Monitoria estava matriculada no ensino superior. Cabe refletir o porquê de eles terem se interessado também por participar das atividades na Rede CUCA. Uma das possibilidades está relacionada às questões da capacitação técnica e do preparo para o mercado de trabalho. Os próprios monitores, sem exceção, revelaram em entrevistas como o Programa tinha sido importante para aquisição de experiências laborais, montagem de portfólios e redes de contato e, finalmente, conquista de vagas de emprego. Não coincidentemente, de acordo com os jovens comunicadores matriculados em cursos de graduação, esses pontos eram deficiências em suas respectivas formações acadêmicas.

Em nossa visão, é importante para a PPJ e os seus gestores públicos refletirem a respeito desse direcionamento. Afinal, as formas, os meios e os espaços de comunicação estão sendo transformados todos os dias e é fundamental reinventar as práticas formativas, para

além das formações pautadas apenas nas competências técnicas, sabendo que a tecnologia muda todos os dias. Isso não quer dizer que o desenvolvimento de habilidades técnicas não deva ocorrer, mas é preciso ter claro que ela é insuficiente para a formação de um comunicador, de fato, competente.

Em relação ao processo de formação de competências e a articulação ou conflito entre prática e teoria nas formações, Kuenzer (2002) argumenta que nem a teoria nem a prática isoladamente são suficientes para o desenvolvimento destas. A autora argumenta em favor da necessidade de se potencializar perspectivas formativas com enfoque crítico-prático, ou seja, relacionando a dimensão teórica e reflexiva à prática.

A noção de competência, de acordo com Marinho-Araujo e Almeida (2016), vai além da pura capacidade de resolver problemas, do cumprimento de tarefas práticas e de determinadas habilidades que alguém precisa desenvolver a fim de atingir objetivos específicos. Segundo os autores, “competência não se define apenas como um conjunto de habilidades ou capacidades utilizadas para um determinado fim.” (p. 4) Para ser competente, é necessário mobilizar-se perante uma situação-problema, e sistematizar de forma articulada os recursos disponíveis dentro de um contexto social, a fim de tomar a melhor decisão possível. Não se trata somente do resultado, mas do processo em si.

A formação de competências não se baseia puramente na aquisição de conhecimentos teórico-abstratos, ainda que tenha essa aquisição como uma aliada. Há de ter, então, uma mediação entre “a construção do saber e a ação cotidiana” (MARINHO-ARAÚJO, ALMEIDA, 2016, p. 4-5). O objetivo do desenvolvimento de competências é capacitar o indivíduo a saber mobilizar os conhecimentos adquiridos, por meio de atividades práticas, técnicas, críticas e reflexivas, a fim de aplicá-las da melhor forma possível, de acordo com cada contexto e situação. Conhecimentos, habilidades, afetos, crenças, atitudes, esquemas mentais, comportamentos são alguns dos recursos a serem identificados, mobilizados e utilizados, a fim de construir uma determinada competência.

Até mesmo se considerarmos a prática voltada ao mercado, de acordo com Le Boterf (2000), Wittorski (1998) e Zarifian (2001), é no enfrentamento de situações concretas a melhor maneira de desenvolver competências. Vieira e Marques (2014) vão além e reconhecem o papel de importância das experiências laborais e dos estágios profissionais, tanto no desenvolvimento individual, quanto no coletivo. Mesmo nesses casos, a formação precisa pressupor a mudança, portanto, ir além da técnica.

A visão funcionalista pode ser percebida na busca por atender demandas mercadológicas por parte das PPJs discutidas aqui. Durante a observação participante, o

caráter prestador de contas de determinadas ações institucionais da Rede CUCA foi visto como exemplo disso. Destacamos quando as páginas institucionais ligadas aos Centros Culturais pediam aos monitores para que divulgassem suas atividades em seus perfis pessoais nas redes sociais, marcando-as para que pudessem compartilhar ao público. Isso mostrava muito superficialmente a realidade daqueles jovens. Dessa forma, políticas públicas como a Rede CUCA justificam as suas razões para existir perante a sociedade, ou seja, as suas funções, que, no caso do Programa de Monitoria, estão associadas com questões de empregabilidade. Caso contrário, o risco é a descontinuidade do trabalho. Como argumenta Groppo (2004), o medo da disfunção, do caos, da anormalidade, ao menos do que se concebe, ou pré-concebe como tais, relega as juventudes a um estado naturalmente problemático. Seguindo essa lógica, a solução é a domesticação constante e o encaixe no modelo estabelecido.

A ideia de comunicação presente no Programa de Monitoria tem limitações pois ainda é muito centrada nas convenções do jornalismo tradicional, facilmente identificadas nos telejornais das grandes redes de televisão brasileiras. Desse modo, perde-se a oportunidade de explorar outras linguagens, formas e mídias, como cinema, grafite e artes visuais. Muitas dessas vêm sendo trabalhadas dentro dos Centros Culturais através de outros Programas e cursos, o que pode vir a complementar a ideia de inter-relação entre as áreas e projetos, além de expandir as noções a respeito do fazer comunicacional e do que seria um jovem comunicador.

O termo “jovem” remete a ideia de novo, de renovação, de algo diferente. Mesmo sendo um agrupamento heterogêneo, algumas características são comuns as juventudes, como “a procura pelo novo; a busca de respostas para situações e contextos antes desconhecidos; o jogo com o sonho e a esperança; a incerteza diante dos desafios que lhes são colocados ou inspirados pelo mundo adulto” (ESTEVEZ, ABRAMOVAY, 2007, p. 26). Essas ideias vêm ganhando força desde a derrubada do absolutismo monárquico e afirmação do capitalismo como principal forma de organização social, política e econômica no mundo. Houve, desde então, uma exaltação da novidade. Logo, ao mesmo tempo que as juventudes causam receio, elas representam um valor relevante para essa sociedade, talvez pelo mesmo motivo, a possibilidade de transformação.

Por isso, limitar a atuação do jovem comunicador à replicação de modelos e padrões tradicionais de comunicação, de modo a satisfazer necessidades imediatas do mercado, é, na verdade, um imenso desperdício de potencial. Frente a essa problemática, é necessário escutar as vozes dos próprios jovens, pois é por meio de sua participação efetiva

que outros caminhos se abrirão. Portanto, um Programa que se propõe a trabalhar juventudes não só pode como deve desafiar modelos e ter a ousadia de inovar junto aos jovens.

5.4 O Comunicador Profissional

O mercado de trabalho é importante para o entendimento da figura do comunicador por parte dos monitores do CUCA Mondubim. Questões relacionadas à empregabilidade, preparação para o mercado de trabalho e desenvolvimento de competências técnicas foram vistas durante todo o processo de coleta de dados. Por isso, propomos a reflexão sobre algumas das possibilidades existentes no fazer comunicacional profissional.

Se no final do século XX existiam profissões muito bem estabelecidas na área da Comunicação, como jornalistas, publicitários, radialistas, cineastas, atualmente outros tipos de profissionais estão surgindo, como blogueiros, influenciadores, *YouTubers*, *storymakers*, *designers* de experiência de usuário, *creators*, e tantos outros. Para além das ocupações, existe uma gama de pessoas que consomem o conteúdo realizado, tanto pelos profissionais, quanto pelos produtores amadores, e que ocupam papel ativo nesse processo, replicando, compartilhando, comentando e se apropriando de ideias e visões disseminadas na rede destacar as suas próprias opiniões e reflexões ou ressaltar a sua própria identidade.

A expansão de possibilidades na área da Comunicação nas últimas décadas, devido aos constantes avanços das TICs, ressoa no exercício profissional dos comunicadores. As experiências atuais demonstram que se prioriza cada vez mais o contato direto entre o comunicador e o seu público, construindo uma espécie de relacionamento, pautado principalmente pela instantaneidade e pela reciprocidade na distribuição de conteúdo (BARRIOS RUBIO, 2014).

Em diversos momentos durante a pesquisa, percebemos que os jovens comunicadores formados na Rede CUCA destacavam o fato de estarem sempre produzindo conteúdo sobre diversas áreas e assuntos diferentes. Essa é uma característica da comunicação profissional também, na qual comunicadores como jornalistas, publicitários, cineastas, entre outros, estão a todo momento sendo expostos a diferentes realidades. Um publicitário precisa criar uma campanha para uma empresa de refrigerantes em um dia e no outro fazer uma peça para uma ONG de combate à fome. No jornalismo não é diferente, com profissionais se inserindo constantemente em contextos distintos e reportando notícias a respeito deles, buscando fazê-lo da melhor forma possível, em circunstâncias profissionais que nem sempre favorecem a devida investigação e o trato qualificado de informações. Existem exceções, nos

casos em que um profissional se especializa em determinada área e se torna uma referência nela, mas essa não é a regra.

Fazemos uma relação com características apresentadas pelos comunicadores dos movimentos sociais e populares de ONGs. Segundo Bona, Ribeiro e Giuvanese (2013), os comunicadores dos movimentos sociais possuem grande polivalência profissional, trabalhando com diversas mídias e formatos de produção, e atuando em múltiplas funções – pesquisador, redator, editor, revisor, distribuidor, analista, entre outras. Parte dessas funções vão além, inclusive, da sua formação acadêmica, muitas vezes devido à falta de recursos disponíveis para maior investimento por parte dessas organizações. Os autores ilustram esse fato tendo por base uma situação na qual “um jornalista sendo o assessor de uma determinada ONG [...] acaba desempenhando a função de fotógrafo em alguns eventos, de *design* gráfico na criação e produção de folders, banners, cartilhas, de relações públicas, entre outros” (p. 90).

Os autores (2013) destacam ainda algumas estratégias comunicativas que buscaram abrir maior espaço comunicacional para grupos sociais não hegemônicos, principalmente nas décadas de 70 e 80. Neste contexto, os trabalhadores recorriam a soluções alternativas aos meios de comunicação de massa, como “panfletos caseiros, pasquins, cartazes, realizar passeatas, [...] rádio-corneta, [...] filipetas voadoras, tevê de rua” (p. 83). Nas últimas décadas, os movimentos de cidadania se aproveitaram do surgimento de “formas de produção de comunicação mais abrangentes, como as rádios comunitárias e a rede mundial de computadores, a Internet” (p. 84). Esse período é definido como uma espécie de “abertura democrática”, ainda que tímida.

Retomando, brevemente, a reflexão sobre as formações, Martín-Barbero (2001) destaca que uma das discussões mais populares no campo da Comunicação tem sido o debate se o ensino, cada vez mais tecnicista, deve focar no desenvolvimento de comunicadores mais generalistas ou especialistas. Segundo o teórico, o que mais importa nessa questão é a capacidade das escolas de Comunicação de refletir a respeito dos significados correspondentes ao papel central das Tecnologias de Informação e Comunicação na atual revolução tecnológica. Ou seja, o campo se vê diante da problemática de redesenhar os seus processos formativos, cada vez mais voltados para os ofícios, as profissões, tradicionais e modernas, sem perder o sentido crítico e analítico no qual o trabalho do comunicador deve se sustentar.

Sobre as novas possibilidades de comunicação, Bentes (2009, p. 54) destaca como a cultura das favelas e periferias se aproveitou disso para pôr em cena “novos mediadores e

produtores de cultura: rappers, funkeiros, b-boys, jovens atores, performers, favelados, desempregados, subempregados, produtores da chamada economia informal”. Esses discursos surgem com teor político próprio, independente de partidos políticos, universidades e demais instituições, para revitalizar a cena cultural urbana. Ainda de acordo com a autora, essa nova cena criada pelas próprias comunidades e pessoas de periferia evita o roubo de capital simbólico e o que ela chama de “lavagem social”, ou seja, a apropriação do discurso das periferias por entidades de classes dominantes a fim de ganhar mais capital social, intelectual e econômico.

Para Bentes (2009), com o início do século XXI e o barateamento de algumas Tecnologias de Comunicação, como câmeras, gravadores de áudio, computadores pessoais e *softwares* de edição, houve uma maior descentralização dos meios para a produção de conteúdo. Entretanto, essa linha de pensamento, por mais real que tenha sido durante as duas primeiras décadas do século no Brasil, vem sendo desafiada nos últimos anos. O brasileiro vem perdendo poder de compra devido a fatores relacionados às constantes crises econômicas que vêm acometendo o país. O dólar alto vem encarecendo os produtos tecnológicos importados, o que, em contraste com salários cada vez mais depreciados, dificulta muito o acesso aos meios de comunicação.³³

Por sua vez, a circulação de conteúdo digital gratuito vem sofrendo reveses, dada a realidade de grandes empresas de mídia que vêm intensificando a proteção de suas marcas e de seus produtos na Internet e combatendo o uso de suas propriedades intelectuais por produtores de conteúdo independente. Com isso, algumas possibilidades criativas, presentes no início do século, vêm sendo reduzidas.

Essas questões são importantes, na perspectiva de Martín-Barbero (2001), pois são condizentes com o papel reflexivo do comunicador no que diz respeito às mudanças constantes das tecnologias comunicacionais nas sociedades. O pensador vai identificar, ainda, quatro ideologias predominantes no fazer comunicacional: a do empregado, cujo objetivo é a segurança profissional, dedicando-se à execução ou administração; a do investigador, mais facilmente encontrado em acadêmicos envolvidos com pesquisa; a do animador ou promotor, que proporciona atividades para a participação popular; e a do artista ou criador, cujo horizonte prioritário é a autonomia do seu trabalho, geralmente ligado à experimentação e à inovação. Essas ideologias são percebidas nos mais diversos ofícios do comunicador.

³³ Moeda perdeu 81% do poder de compra desde o início do Plano Real. Disponível em <<https://economia.estadao.com.br/blogs/no-azul/moeda-perdeu-81-do-poder-de-compra-desde-o-inicio-do-plano-real/>>. Acesso em: 7 jul. 2021.

Todos os jovens comunicadores do CUCA Mondubim, após o Programa de Monitoria, ingressaram no mercado de trabalho, de uma forma ou de outra. Um(a), nos últimos semestres da faculdade, passou a integrar a equipe de um jornalista político aposentado, que passou a se dedicar ao seu *blog* sobre política regional. Outro(a) jovem começou a trabalhar no setor de *marketing* de uma empresa grande de varejo no estado, ao mesmo tempo que narrava jogos ao vivo da Liga Cearense de Basquete. Um(a) outro(a) jovem está estagiando em dois supermercados durante o turno da manhã, enquanto à tarde trabalha para uma produtora de eventos, gerenciando as redes sociais da empresa. Mais um(a) ex-monitor(a) desempenha atualmente o trabalho de *social media*, atribuindo o seu êxito em conseguir a vaga ao período que passou nos CUCAs. Para finalizar, o(a) último(a) jovem trabalha como editor(a) de vídeos sobre arquitetura, área com a qual nunca tinha tido contato antes. Em entrevista, afirmou estar atuando de forma bem segmentada na edição de vídeo, diferente de antes, quando estava “lidando com muitas coisas”. Completa: “às vezes [é bom] segmentar, deixar bem especificado o que eu estou fazendo para poder me especializar naquilo”.

Neste processo de ingresso no mercado de trabalho e início de suas trajetórias como comunicadores profissionais, algumas dificuldades foram encontradas e relatadas pelos jovens: a falta de tempo, pois trabalhavam muito, indo além da jornada de trabalho determinada; a ausência de reconhecimento da prática de produção de conteúdo como um trabalho sério, uma profissão, ainda presente na sociedade; e o nível elevado de resultados demandados pelas empresas, fazendo que os jovens recém iniciantes no mercado tivessem um choque de realidade.

5.5 O Lugar de Expressão dos Jovens nos Espaços de Comunicação

Como discutido ao longo desta dissertação, as mudanças ocorridas com as constantes transformações nas Tecnologias de Informação e Comunicação vêm alterando a forma como as pessoas se informam e se comunicam, e, conseqüentemente, os espaços de comunicação. Para analisar como os jovens se expressam e entendem as próprias atuações nesses diferentes espaços, delimitamos as observações aos espaços institucionais da Rede CUCA e pessoais de suas produções independentes.

Os espaços institucionais são aqueles relacionados à atuação dos jovens comunicadores dentro do Programa de Monitoria da Rede CUCA. Trata-se da produção de materiais comunicacionais, que seguem as diretrizes da PPJ em questão, para a distribuição

realizada pelos Centros Culturais por meio de suas redes. Os espaços pessoais correspondem aos meios disponíveis aos jovens, nos quais são eles os responsáveis pela produção e compartilhamento de conteúdo.

Os jovens comunicadores relataram algumas semelhanças e diferenças entre suas atuações nas redes sociais de forma institucional pela Rede CUCA e de modo independente por meio de suas produções pessoais. Segundo os monitores, a principal diferença correspondia à linha de raciocínio empregada na hora de produzir o conteúdo. Quando desenvolvem algo mais autoral, eles não precisam seguir diretrizes determinadas por uma hierarquia institucional.

Assim, pudemos estabelecer paralelos entre as diferentes formas de se criar comunicação abordadas na dissertação, tanto com enfoque institucional quanto pessoal para, por meio de suas práticas e depoimentos, alcançar a compreensão dos jovens comunicadores sobre o que é ser comunicador nos tempos atuais.

Antes de analisarmos as peças, é importante trazer algumas informações sobre a relação dos jovens com a Rede CUCA, salientando questões condizentes aos seus entraves e liberdades na forma de possibilitar um espaço de criação e comunicação para os monitores. O Bolsa Jovem, uma política pública que, em sua concepção, demandava dos jovens a elaboração de projetos pessoais, é um bom exemplo para isso.

Os monitores participantes do Bolsa Jovem desenvolveram os próprios projetos. Um(a) jovem comunicador(a) criou um projeto em parceria com a Juv.TV. Em comparação com o Programa de Monitoria, neste projeto o(a) jovem era o(a) principal responsável por trazer as ideias primordiais, o que o(a) permitia se expressar de forma mais livre. Contudo, maior independência implica em maior responsabilidade, pois tinha menos apoio e não participava de uma equipe. Isso muda a lógica de produção, já que passa a desempenhar sozinho(a) a maioria das funções. Torna-se produtor(a), apresentador(a), roteirista, editor(a), *designer*, e o que mais fosse necessário para viabilizar o projeto.

Outro(a) monitor(a) relatou algo semelhante sobre um *podcast* desenvolvido durante o Bolsa Jovem, em parceria com os CUCAs. Sentiu falta de apoio técnico e, ao contrário do(a) jovem citado(a) anteriormente, lamentou a constante contestação de suas ideias a respeito do projeto por parte da gestão. Na concepção do(a) jovem, as sugestões feitas pelos parceiros da Rede CUCA pareciam mais ordens a serem seguidas.

Um(a) jovem comunicador(a) enfatizou alguns dos problemas com a lógica de produção institucional do Programa de Monitoria. Segundo o(a) monitor(a), era difícil pôr em prática o seu processo criativo de produção na Rede CUCA, por ter de se encaixar no formato

determinado pela gestão. O seu processo pessoal tinha foco na criatividade. “Criatividade não é limitação”, dizia o(a) jovem. O processo seguia a seguinte ordem: 1) Pesquisa, pois “Uma ideia não cai do céu, nunca. [...], uma ideia é sempre uma junção de todo o seu conhecimento, do seu universo, do seu mundo com outros mundos, e aí você pega um pouco de cada coisa e constrói algo novo” – acontece que no CUCA não dava tempo de pesquisar muito; 2) Testes e experimentações; 3) Observação do que está sendo feito; e 4) Busca de ideias em vídeos de *design*.

A questão da liberdade foi bastante citada pelos jovens. É importante destacar que liberdade para sugerir não é o mesmo que liberdade para criar, inclusive, um(a) jovem comentou que gostaria de ter tido suas sugestões mais acatadas durante a Monitoria. Em sua visão, suas ideias estavam sempre sendo barradas, o que limitava o exercício da sua criatividade.

A passagem a seguir, extraída do diário de campo, exemplifica bem essa limitação encontrada pelos jovens: “Ágata acabou de terminar uma edição e não queria diminuir o tamanho do vídeo, o que era necessário para caber no formato estabelecido pela Rede CUCA. Achava que estava do jeito que devia ficar.” A monitora estava contente com o programa, todavia, precisou cortá-lo, a fim de ficar de acordo com os padrões institucionais estabelecidos.

Ainda sobre esse aspecto, os jovens declararam se sentir mais livres em suas contas pessoais nas redes sociais. Nesse espaço, podem falar, opinar e se comunicar de forma mais livre, o que não quer dizer que os jovens se sentiam desconfortáveis ao fazer a comunicação da Rede CUCA. Gabriela disse em entrevista se sentir confortável, pois os CUCAs transmitiam mensagens que tinham a ver com a sua visão de mundo. Completou dizendo que não faria trabalhos que transmitissem mensagens contrárias ao que ela acredita – a não ser que estivesse precisando muito.

Por sua vez, um(a) dos jovens comunicadores destacou que essa falta de liberdade fazia que as “coisas do CUCA fossem muito mecânicas” e travadas. Isso gerava uma contradição, tendo em vista que a PPJ em questão e a comunicação produzida na Rede CUCA era direcionada ao público jovem. O(a) monitor(a) acreditava que faltava mais descontração no conteúdo dos Centros Culturais. O ideal seria produzir um estilo de conteúdo por meio do qual o público sentisse que o(a) apresentador(a) estava falando diretamente com ele. A institucionalização da Rede, contudo, acabava travando isso, na sua leitura. O(a) jovem citou como exemplo contrário desse modelo mais engessado, as suas narrações para o seu projeto pessoal, em que ele(a) podia improvisar mais e usar mais humor. Segundo o(a) jovem

comunicador(a), essas travas podem ser vistas também no jornalismo esportivo profissional, sendo esse um dos principais motivos pelo qual optou por não seguir nessa direção em sua carreira, já que queria trabalhar de forma mais irreverente, menos “travada”.

Cada um(a) dos jovens comunicadores tinha aptidões e interesses diferentes. Como pudemos ver ao longo desta dissertação, existiram diversos momentos em que esses jovens demonstraram essas particularidades para criar conteúdo. No caso da comunicação institucional ligada à Rede CUCA, a fim de reforçar o ponto aqui levantado, destacamos um trecho demonstrando como Ágata pôs em prática o desenvolvimento de um programa temático, usando de suas habilidades de maquiagem para comunicar o tema:

A matéria discutida por eles era do quadro Repórter CUCA, sobre uma série de eventos acontecendo pela cidade, entre eles: Rock no Dragão, com um nome bem autoexplicativo. O quadro, dessa vez, seria temático sobre o Halloween, e Ágata, a apresentadora da vez, já estava maquiada dentro do tema, com uma reprodução de sangue pelo rosto e um escurecimento dos seus olhos (DIÁRIO DE CAMPO, outubro de 2019).

Em vários momentos durante a pesquisa de campo, Ágata era convocada para atuar como fotógrafa. Pude acompanhá-la em, pelo menos, dois momentos em que isso aconteceu. O primeiro foi quando ela tirou fotos do grupo de dança da Rede CUCA, enquanto preparavam um novo espetáculo, na sala de dança do CUCA Mondubim. O segundo, em um outro dia, aconteceu durante um evento em uma das salas também do CUCA Mondubim, onde acontecia uma dinâmica de grupo entre dezenas de jovens.

Em regra, os jovens eram perfeccionistas, participativos, criativos, sabiam trabalhar em equipe e reconhecer as qualidades dos colegas. A respeito das individualidades deles e de como isso afetava suas produções, salientamos que cada um(a) tinha alguma inclinação desde a infância, seja em como preferia se expressar ou no que mais gostava de criar. Um(a) preferia esporte, enquanto outro(a), fotografia, e assim por diante. Além disso, desde cedo se expressavam por meio da escrita ou de projetos pessoais na Internet, em *blogs* e redes sociais.

Miguel revelou que a Rede CUCA o ajudou a desenvolver o seu projeto pessoal, o Miguel Esporte Clube. No Programa de Monitoria, o jovem comunicador teve acesso a clubes profissionais e amadores. Quando era designado para cobrir eventos esportivos, aproveitava a oportunidade para produzir conteúdo para o seu projeto também, para isso utilizava de técnicas de entrevista aprendidas durante a Monitoria. Seus projetos pessoais, no entanto, não

tiveram continuidade, pois, segundo o monitor, ele estava precisando de renda o quanto antes, por isso tinha que dedicar seu tempo para encontrar um emprego que o remunerasse.

Além da pesquisa de campo, na qual pudemos observar as práticas cotidianas desses jovens e registrar muitos de seus depoimentos, solicitamos aos monitores que nos indicassem um material institucional e um mais autoral, vinculado aos seus projetos pessoais, que tenham gostado de participar. Pedimos também que explicassem as suas razões para as escolhas. Dessa consulta, recebemos cinco vídeos institucionais, três vídeos, um arquivo de áudio e uma ilustração digital. A seleção desse material respeitou o desejo dos monitores que formularam suas justificativas para a escolha de tais produções.

Tabela 3 - Relação dos monitores e de suas produções

Monitores	Produção Institucional	Duração (Inst.)	Produção Independente	Duração (Ind.)
Luna	Vídeo Álbum da CopArena	1m. 39s.	Vídeo	1m. 42s.
Luiza	Vídeo CUCA Esporte	11m. 6s.	Áudio	3m.
Gabriela	Vídeo CUCA Esporte	13m.	Ilustração digital	*
Miguel	Vídeo CUCA Esporte	9m. 47s.	Vídeo	10m. 15s.
Ágata	Vídeo Álbum da CopArena	1m. 47s.	Vídeo	5m. 17s.

Fonte: Tabela desenvolvida pelo autor

Destacamos que todos os jovens comunicadores escolheram vídeos diferentes entre aqueles produzidos durante o Programa de Monitoria, tendo por base diferentes motivações. Luna escolheu uma das primeiras produções do Álbum da CopArena, ou seja, da série de reportagens feitas para a TV Jangadeiro. Segundo a monitora, havia outros programas dos quais ela gostava, mas esse tinha sido muito significativo e carregado de experiências por ter sido uma das primeiras figurinhas do programa idealizado pelos monitores.

O programa começa com uma vinheta de abertura, e em seguida são apresentadas imagens da Areninha do bairro José Walter e de jogadores utilizando o campo de futebol, com uma narração em *off* de um dos jovens comunicadores. O texto evidencia as pessoas que

ocupam e protagonizam a vida naquele espaço público, como Sandro de Sousa, que há 25 anos vive o futebol, a figurinha da vez do Álbum da CopArena. O homem, responsável pela administração da Areninha do José Walter, aparece no vídeo falando sobre a sua relação com o futebol no bairro. Ele destaca a importância daquela política pública e do seu trabalho para a revelação de atletas profissionais cearenses. O programa enfatiza a vocação de Sandro, de trabalhar e viver do esporte. O sonho dele é de comandar um grande time um dia. A mensagem do vídeo, ao final, é a de nunca desistir dos sonhos, usando o exemplo de Sandro para isso.

Contando com uma edição bem ajustada e imagens de qualidade profissional, Luna optou por esse trabalho por motivos técnicos e relacionados com a sua experiência prática. Os temas abordados no vídeo não fazem referência aos gostos e interesses pessoais da jovem. Ainda assim, há ali um fator humano muito forte, principalmente ao destacar as experiências pessoais de personagens nem sempre protagonistas na mídia esportiva.

Figura 15 – Print de vídeo do Álbum da CopArena (Luna)



Fonte: Canal do *YouTube* da Juv.TV da Rede CUCA

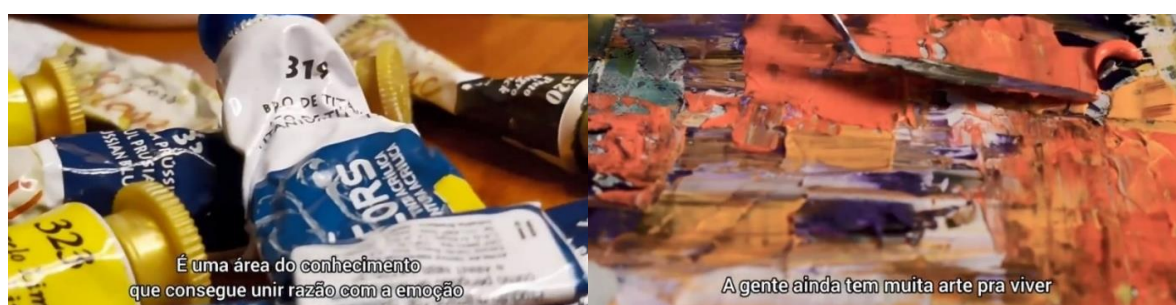
Ao escolher uma produção feita para suas próprias redes, Luna justificou a sua escolha afirmando que a criação tinha se dado de forma mais espontânea e natural, sem roteiro e sem planejamento. Por isso, tinha carinho não somente pelo resultado final como também pelo processo de produção do material. O vídeo começa com a imagem de uma mão pintando lentamente um papel com pincel e tinta vermelha. O que chama atenção, logo de início, é a audiodescrição. Tudo o que é mostrado em tela é descrito por áudio nos primeiros segundos do vídeo, um recurso utilizado para promover maior acessibilidade de pessoas com deficiência visual.

Após a introdução, novas imagens de ferramentas das artes plásticas (pincéis, tubos de tinta) são postas em tela, dessa vez com uma narração em *off* realizada por, ao menos, três vozes femininas. A primeira frase desse texto sintetiza o tema do vídeo: “Arte para mim eu acho que é uma necessidade.” A relação pessoal dos produtores da obra é constantemente levantada pelo texto. Há uma relação direta entre a expressividade necessária para se fazer arte e o quão pessoal é essa expressividade. A arte é sintetizada como uma forma de existir através de ideias extraídas de si.

Ao fundo, uma música incidental dá ritmo ao vídeo e complementa o caráter inspiracional da obra. O vídeo trata de uma espécie de ensaio sobre o significado da arte para aquelas produtoras. Em seguida, novos elementos são inseridos em tela, como livros e uma tela e um teclado de computador. Então, a narração destaca um dos projetos que Luna protagoniza. Trata-se de um ambiente virtual na plataforma *Instagram*, com o intuito de possibilitar uma maior visibilidade aos artistas locais e independentes.

O texto continua trazendo o elemento pessoal, ou seja, o significado particular deste projeto para cada uma das narradoras. Ao final, a arte em si é propositalmente confundida com a Galeria, o que revela o principal objetivo do vídeo: evidenciar a arte como o propósito único e indissociável da Esquadros Galeria. O vídeo se encerra com a imagem de uma mão suja de tinta e as seguintes frases: “A gente ainda tem muita arte para viver. Afinal, ela é nosso instinto.”

Figura 16 – Prints de vídeo independente (Luna)



Fonte: *Instagram* do projeto da jovem comunicadora

Luna, em vários momentos durante a pesquisa, destacou a importância da arte para a sua vida. A produção trazida pela jovem reforça esse entendimento e traz luz para a sua relação com a expressividade, com a criatividade, tão evidenciada e buscada por ela. As possibilidades de expressão dessa produção, trazem toques pessoais para o discurso, o que contrasta com a produção institucional realizada para a Rede CUCA.

No que lhe diz respeito, Luiza destacou a semana da diversidade como fundamental para a escolha do vídeo institucional indicado. O vídeo escolhido teve como entrevistada a mulher transexual Lynda Maria e a ideia de tê-la no programa partiu da própria monitora, a fim de contemplar a temática da semana. Assim, os jovens acompanharam durante alguns dias a rotina de Lynda Maria praticando esporte. A entrevista aconteceu na Rádio CUCA e Luiza foi a editora do vídeo.

O CUCA Esporte começa com um(a) jovem comunicador(a), sem ser a Luiza, apresentando o programa. Uma legenda surge em tela, referenciando o nome de quem apresentava. A forma de apresentar é inspirada, claramente, em programas esportivos da mídia tradicional, em que o comunicador fala um texto previamente escrito, sem muitas improvisações. Entra a vinheta, uma animação representando atletas de diferentes esportes, como basquete, futebol e vôlei. Volta para a apresentação e a primeira informação trazida é sobre o Bolsa Jovem. Em seguida, inicia a matéria sobre Lynda Maria, uma das atletas apoiadas pelo Bolsa Jovem.

O VT sobre Lynda Maria mostra a jovem praticando a arte marcial *taekwondo* junto a outras pessoas no CUCA Mondubim. A atleta aparece aplicando golpes em seus adversários e companheiros de treino, enquanto ao fundo, é narrada a trajetória da lutadora. Em cada matéria, ao final, os devidos créditos são dados aos profissionais que atuam nas seguintes categorias: narração, imagens e edição. Quando o vídeo volta para o cenário principal, o(a) apresentador(a) está ao lado de Lynda Maria. O caráter institucional desses momentos é absolutamente evidente, tendo em mente que a todo instante as falas destacam o papel positivo da Prefeitura na vida dos beneficiados pelo Bolsa Jovem.

A matéria traz uma entrevista com a atleta. A primeira pergunta é sobre como ela conheceu o Bolsa Jovem. Há seis meses, o *taekwondo* havia sido inserido na programação esportiva da Rede CUCA, e foi aí que Lynda Maria começou sua participação. Quando foi lançado o Bolsa Jovem, o professor responsável pelo ensino da arte marcial incentivou os seus atletas a se inscreverem. A jovem destacou a importância do dinheiro recebido, justificando que ajudou nos pagamentos das passagens e das inscrições nas competições. O professor responsável auxiliou os jovens no processo seletivo da PPJ.

A segunda pergunta se dedicou a entender a importância do Bolsa Jovem no desenvolvimento da jovem como atleta. Lynda Maria reforçou o lado positivo do Programa, considerando o pouco incentivo aos atletas no estado. A terceira questão insistiu, ainda, sobre o mesmo ponto, indagando se ela tinha recebido outro apoio como esse, e ela respondeu que não. Registramos aqui o questionamento: numa abordagem conduzida com ampla liberdade

pelos jovens, seriam mesmo essas as perguntas sobre as quais recairiam interesse primordial dos jovens?

Na sequência da matéria, questões sobre preconceito foram abordadas, levando em conta que a atleta é uma mulher transexual e o ambiente das artes marciais é dominado por homens. A jovem atua na categoria masculina em campeonatos, contudo, seus documentos a apresentam como uma mulher, o que gera uma confusão burocrática nos eventos. Outros lutadores, de acordo com a atleta, costumam ficar preocupados e confusos, não entendendo bem o porquê de ela lutar com eles. Segundo Lynda Maria, isso gera certo incômodo, mesmo nunca tendo sofrido com agressões verbais ou físicas.

Para a entrevista, Lynda Maria trouxe três medalhas conquistadas em campeonatos. Ela destacou a dificuldade de cada uma de suas conquistas, trazendo a informação de que ela tinha feito terapia hormonal, e com isso apareceram muitos problemas de saúde, dos ossos até os pulmões, o que trouxe dificuldades de respiração. Esse percurso ressalta o orgulho da atleta por suas conquistas.

Para finalizar, Lynda destacou o esporte como um fator de inclusão para todos, não importando sexo, classe social, cor etc. Ela destacou também o papel dos professores da Rede CUCA para esse processo de inclusão. A entrevista terminou com uma mensagem da entrevistada para os jovens não desistirem dos seus sonhos.

Figura 17 – Print de vídeo do CUCA Esporte (Luiza)



Fonte: Canal do *YouTube* da Juv.TV da Rede CUCA

Em determinado momento da entrevista, o teor institucional e propagandístico em relação ao Bolsa Jovem e à Prefeitura foi desaparecendo, e a conversa passou a girar em torno da vida da atleta. Ao abordar de forma mais profunda as dificuldades, preconceitos e vitórias da jovem transexual, entendemos melhor a razão da escolha de Luiza. A monitora, mesmo

com uma personalidade mais contida, tinha posicionamentos fortes e uma vocação para olhar a comunicação de forma mais humana. Aos poucos, a apresentadora conseguiu dar mais ritmo à entrevista, e Lynda Maria se viu mais à vontade para abordar assuntos relacionados às suas vivências como membro da comunidade LGBTQIA+.

Luiza também escolheu uma matéria radiofônica, realizada em parceria com uma amiga e colega de faculdade, ao indicar uma produção não vinculada à Rede Cuca. Tratava-se de uma reportagem sobre o rio Cocó e foi criada com o objetivo de participar do prêmio da Rádio CBN. A entrevista era com um senhor que trabalhava no rio há anos. Apesar de a matéria não ter sido a premiada, foi um trabalho muito gratificante para a equipe que a concebeu e produziu, que demandou bastante tempo para ser elaborada, pois contou com gravações externas, produção e edição.

A matéria, completamente em áudio, de três minutos de duração, inicia com o senhor responsável pelos passeios de barcos que fazem no rio citado há 25 anos, dizendo: “Sejam bem-vindos e bem-vindas ao rio Cocó e ao quarto maior parque urbano da América Latina.” Em seguida, surge uma narração de uma jovem falando sobre o rio Cocó, com informações sobre a geografia do local, e como os processos naturais estão sofrendo com a ação humana. A fala ressalta que o problema é a ameaça ao meio ambiente e indica que a solução seria uma dragagem, que retira areia e lodo do fundo do rio.

O processo de dragagem, sua importância e adequação como recurso para enfrentar o problema, é explicado por um geógrafo da Secretaria Estadual do Meio Ambiente, por meio de entrevista. Ele explicou todo o processo realizado pelo poder público. Em seguida, outra pessoa entrevistada, uma funcionária da Secretaria das Cidades, também fala sobre o projeto. E, para finalizar, ouve-se a fala do senhor que dirige os barcos e habituado ao rio Cocó. A matéria seguiu o formato padrão das reportagens radiofônicas tão presentes nas estações de rádio.

Os dois materiais selecionados pela monitora focavam a maior parte de suas atenções em pessoas específicas. No primeiro caso, uma jovem atleta transexual, e no segundo, um senhor que dedicou grande parte de sua vida a um rio. São histórias bem particulares e, ao mesmo tempo, cotidianas, pois além de focarem nas vivências dessas pessoas, trazem problemas comuns da realidade brasileira, como o preconceito e o descaso. Luiza demonstra um olhar apurado para histórias de vida. Suas escolhas expressam o seu desejo de se comunicar com o outro, ou de olhar com mais profundidade esse outro. Em nossa visão, para ela, comunicar é destacar as histórias do dia a dia que não são facilmente vistas no *mainstream* midiático.

Gabriela, ao realizar sua escolha, destacou um programa do CUCA Esporte, mais precisamente, a primeira matéria em que se sentiu confiante com seu trabalho. A jovem disse ter recebido vários comentários elogiosos e enfatizou ter gostado bastante do resultado. O vídeo é apresentado por dois jovens, nenhum deles participante do Programa de Monitoria, ao qual esta pesquisa se dedica. O foco da matéria destacada por Gabriela foi a Corrida da Juventude, evento realizado pela Rede CUCA, reunindo mais de mil corredores inscritos para um percurso de 7 quilômetros.

A matéria segue o padrão estabelecido no CUCA Esporte pelas turmas anteriores do Programa de Monitoria, seguindo as diretrizes e recomendações da gestão, com imagens ilustrativas e uma narração em *off* trazendo mais informações. Novamente, entendemos esse modelo como uma referência clara a formatos de conteúdo presentes na mídia tradicional. Pessoas aparecem se preparando, correndo e recebendo prêmios no entorno do Centro Cultural do Mondubim. Ao fundo, uma trilha sonora incidental imprime um ritmo de muita energia ao vídeo, conforme a narração explica melhor o evento. Em seguida, o(a) apresentador(a) aparece em tela com um microfone nas mãos dando continuidade a matéria, dessa vez, fugindo um pouco da narração em *off*.

Em determinado momento, o então coordenador de Juventude, Julio Brizzi, aparece sendo entrevistado sobre o evento. O político domina a tela enquanto o microfone é posto à sua frente pela mão de um repórter. No momento seguinte, outra entrevista, no mesmo formato, é mostrada no vídeo, dessa vez com o diretor de Formação, Esporte e Trabalho do Instituto CUCA, Luís Fernando. Os dois destacam o papel da Corrida da Juventude no trabalho de inclusão social por meio do esporte desenvolvido pela Rede CUCA. Para finalizar, participantes da Corrida são entrevistados, falando sobre as suas participações no evento e as suas relações com o esporte. Entre as imagens finais, o coordenador de Juventude aparece premiando os atletas, colocando medalhas ao redor dos pescoços deles.

Figura 18 – Print de vídeo do CUCA Esporte (Gabriela)



Fonte: Canal do *YouTube* da Juv.TV da Rede CUCA

No caso de Gabriela, a produção escolhida pela jovem reforça muito o aspecto institucional das produções desenvolvidas no setor de comunicação da Rede CUCA. A opção da jovem pareceu ter se dado muito mais por uma questão técnica, associada à sua capacidade de produzir um material de qualidade profissional, do que por uma identificação com o conteúdo. As motivações para a escolha da peça, de acordo com a monitora, estavam mais relacionadas com os seus acertos práticos na produção do material. Com isso, a jovem sentiu ter conseguido apresentar um trabalho de forma efetiva, executando com sucesso todas as tarefas designadas a ela.

A peça escolhida por Gabriela foi a mais diferente entre todas, pois se distanciava de qualquer tipo de conteúdo produzido durante a Monitoria, que geralmente eram audiovisuais ou radiofônicos. A ilustração digital é uma das formas de expressão que a jovem comunicadora domina. Para dar vazão às suas artes, ela possui uma conta no *Instagram*, divulgando abertamente as ilustrações a qualquer um que encontre a página. O trabalho independente, além de um *hobby*, tem foco comercial, levando em conta que a jovem aceita encomendas através da rede social. Com isso, pessoas, ou clientes, solicitam a ela artes gráficas originais para diversos fins, como o de presentear um amigo, parente ou namorado.

Figura 19 - Ilustração digital (Gabriela)



Fonte: *Instagram* do projeto da jovem comunicadora

A arte eleita por Gabriela traz a imagem de uma jovem, um homem de cabelos grisalhos e um jovem, uma referência à sua família. O principal motivo para a escolha se

deveu, segundo a monitora, ao valor sentimental desse trabalho. A ilustração digital foi um presente de dia dos pais, e que saiu do virtual, com a jovem emoldurando e entregando a obra à sua figura paterna, que retribuiu com muito carinho e emoção. “Ele amou, chorou muito”, comentou Gabriela. Essa peça evidencia o grau de envolvimento pessoal que os jovens comunicadores têm em suas participações mais independentes nos espaços de comunicação, o que não era possível nas produções da Rede CUCA. Por isso, Gabriela, a fim de justificar a sua escolha institucional, pontua em todo momento fatores técnicos e práticos.

Miguel optou por um vídeo do CUCA Esporte apresentado em dupla, por ele e outra jovem comunicadora. Segundo o monitor, o programa o marcou porque saiu exatamente da forma como ele idealizou, de forma bastante descontraída, contrastando com a forma burocrática das “regras do jornalismo” seguidas pelos Programas da Coordenação de Comunicação Comunitária. O jovem constantemente incorporava referências dos canais esportivos do *YouTube*, principalmente o canal Desimpedidos e o antigo Esporte Interativo, ao seu modo de produzir conteúdo.

Miguel apontou também que a mudança de cenário trazida no vídeo, deixou-o mais interativo. Logo no início do programa é possível perceber isso. Um(a) jovem comunicador(a) começa o vídeo apresentando sozinho. A saudação inicial vem por meio da frase: “E aí, *juvzeiros* e *juvzeiras*, beleza?”³⁴. Em seguida, o(a) apresentador(a) segue as recomendações padrões feitas em muitos vídeos dos canais do *YouTube*, pedindo para as pessoas curtirem, ativarem as notificações e se inscreverem no canal.

Outro(a) monitor(a) aparece no meio da fala do(a) apresentador(a), com a desculpa de ter se atrasado. Nesse momento, é visível a atuação teatral dos dois comunicadores, o que deixa o vídeo engraçado. Após a vinheta, a apresentação continua seguindo um roteiro bem estabelecido com falas ensaiadas. Por se tratar de um diálogo, acaba ficando bem interativo. Os dois resumem o que vai ser transmitido naquele CUCA Esporte. Com uma bola de vôlei em mãos, um dos apresentadores anuncia uma matéria sobre vôlei feminino.

Na sequência, a matéria segue o modelo de comunicação institucional da Rede CUCA, com o foco em dois profissionais do vôlei que ministraram palestras e algumas aulas no CUCA Mondubim sobre o esporte no qual são referências, além de imagens do evento, entrevistas e narração em *off*. Em entrevista no vídeo, eles salientam a importância do investimento estatal no fomento à prática esportiva no país.

³⁴ Juvzeiro é o nome dado pelos apresentadores aos jovens espectadores do canal no *YouTube* da Rede CUCA, a Juv.TV.

Após o término da matéria, a imagem volta para os apresentadores, que então chamam outra reportagem. Com isso, o foco passa a ser um evento de triatlo apoiado pela Coordenadoria de Juventude. Após isso, chegamos a última matéria do programa, um quadro chamado “Top Five”. Os apresentadores elencaram cinco motivos para o público acompanhar a CopArena 2019.

Figura 20 – Print de vídeo do CUCA Esporte (Miguel)



Fonte: Canal do *YouTube* da Juv.TV da Rede CUCA

Como produção independente, Miguel destacou um dos trabalhos realizados na página do *Instagram* dedicada ao time de futebol Fortaleza Esporte Clube, da qual era administrador. O monitor tinha bastante apego pela página por unir a comunicação esportiva com o seu clube de coração. Antes de sair do projeto por falta de tempo, ele virou um dos responsáveis pelo conteúdo. Com dezenas de milhares de seguidores, o jovem encarava sua atuação na página como *hobby*, pois não lhe rendia dinheiro, e também como uma escola, por meio da qual poderia extrair conhecimentos a respeito da rede social em questão.

O monitor criou um quadro dentro da página para falar sobre o time do Fortaleza para além do futebol, dedicando-se às outras modalidades esportivas, como futsal, futebol de cadeira de rodas, beisebol, basquete, entre outras. Toda semana entrevistavam atletas do time das diferentes modalidades, o que o jovem adorava fazer. Segundo Miguel, a diretoria do Fortaleza não permitia o contato direto dele com esses atletas, por isso mandava as perguntas para a assessoria de imprensa do clube, e então eles gravavam as respostas e mandavam de volta para o jovem comunicador. Ele achava esse trâmite comunicacional muito burocrático. Mesmo assim, montava o programa juntando as suas perguntas às respostas enviadas pelo clube.

O programa selecionado focava no percurso profissional do atleta no futsal. Logo de início, o jogador faz um resumo de sua história no esporte. O vídeo escolhido por Miguel

foi importante para o jovem, pois, de acordo com ele, o entrevistado foi bastante sincero, expondo que o Fortaleza não dava tanto apoio às outras modalidades esportivas. O foco era essencialmente o futebol e um pouco o basquete, deixando as outras modalidades em segundo plano. O atleta foi sincero e articulado, o que rendeu uma boa conversa, e o vídeo foi um dos que mais gerou engajamento na página do *Instagram*. O jovem reconheceu isso como gratificante, por ter enxergado que foi capaz de extrair o melhor do entrevistado.

Figura 21 – Print de vídeo independente (Miguel)



Fonte: *Instagram* do projeto do jovem comunicador

Ágata, ao fazer sua escolha por uma produção vinculada à Rede CUCA, optou por um programa do Álbum da CopArena, quadro do qual a jovem comunicadora gostou muito de ter participado devido às experiências obtidas durante a produção. Ela disse que a preferência pelo vídeo se deu por ele melhor representar, em sua opinião, o Álbum da CopArena. Segundo a monitora, os outros vídeos não transmitiam a mesma “energia positiva” desse. Ágata pôde participar da produção, gravação e edição do programa e disse ter “muito orgulho desse vídeo, até porque passou na televisão, então, foi meio que uma prova de que não estava no caminho errado, que estava indo bem e que iria colher bons frutos”. Vê-se aqui que o critério “passar na TV”, talvez reverberando a lógica de formação desses comunicadores, foi assimilado pela jovem.

Começando com uma vinheta de abertura, o programa traz, logo em seguida, uma narração em *off* de um dos monitores com o seguinte questionamento: “É possível ser mãe, esposa, filha, mulher, atleta, tudo de uma só vez?” As imagens que ilustram essa pergunta são do cotidiano de Rosemeire de Castro, a mulher que mostra que sim, é possível ser tudo isso ao mesmo tempo. O texto aborda questões de gênero relacionadas ao futebol feminino, o que nos remete novamente à questão da participação das mulheres no esporte, muito recorrente nesta pesquisa. Rosemeire é atleta do time Fut Girl, que disputa a CopArena de futebol amador feminino. A futebolista possui uma rotina extremamente atribulada pelas mais diversas

ocupações. Todavia, como o texto do vídeo e a própria fala dela destacam, o amor pelo esporte vem desde a infância e torna-se maior que as dificuldades.

Através de imagens, o vídeo evidencia a rotina de intensa atividade da mulher, que de manhã deixa os filhos no colégio, em seguida vai à academia, volta para a sua casa, pega os filhos, depois joga futebol à tarde, deixando os filhos na casa dos pais, e por aí vai. Isso tudo é justificado no texto pela paixão de Rosemeire por jogar futebol, que além de tudo isso ainda precisa enfrentar as dificuldades geradas pela discriminação do futebol feminino no país. Neste caso, é a própria atleta que afirma ter sofrido preconceito por ser uma jogadora de futebol mulher.

Os programas do Álbum da CopArena terminam sempre com a foto do personagem da vez sendo adicionada ao álbum de figurinhas do campeonato. Ao final, é como Rosemeire diz no vídeo: “Lugar de mulher é onde ela quiser.” Nesse caso, o seu lugar foi confirmado no álbum de figurinhas da competição.

Figura 22 – Prints de vídeo do Álbum da CopArena (Ágata)



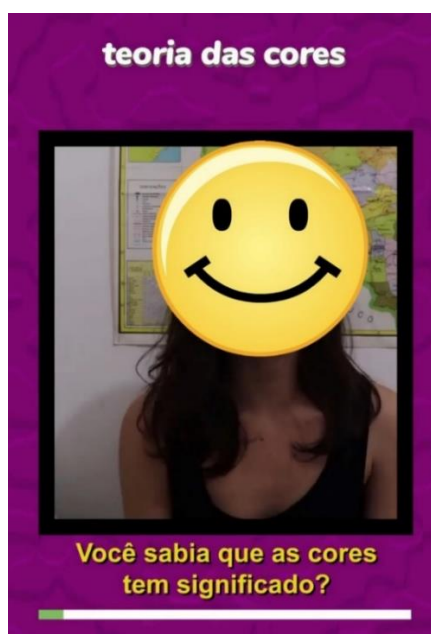
Fonte: Canal do *YouTube* da Juv.TV da Rede CUCA

Ao longo da pesquisa, Ágata revelou interesse por questões envolvendo gênero e feminismo. A escolha pelo vídeo de Rosemeire, tendo em vista a temática abordada, vai além de uma demanda institucional da Rede CUCA. Com isso, a monitora conseguiu associar seus interesses pessoais e suas visões, com aquelas estipuladas pela gestão.

A jovem comunicadora escolheu como sua segunda produção um projeto realizado com apoio do Bolsa Jovem. Ela não lembrava de nenhuma produção própria,

realizada sem apoio, feita por livre e espontânea vontade. O projeto surgiu com o intuito de produzir e difundir conteúdo sobre comunicação e a partir dele foram ofertadas diversas modalidades, como oficinas, cursos, aulas. No início, tudo estava fluindo, com a jovem ministrando aulas e planejando uma oficina com o propósito de realizar um programa para a Juv.TV, tudo bem organizado. Ágata chegou a dar aulas em sua antiga escola, até a pandemia de COVID-19 mudar tudo. Devido às circunstâncias, atualmente o projeto está parado, mas, ainda assim, a jovem comunicadora gosta muito dele e pretende desenvolvê-lo, com uma roupagem nova, porém, com o mesmo intuito de difundir conhecimento sobre a comunicação.

Figura 23 – Print de vídeo (Ágata)



Fonte: *Instagram* do projeto da jovem comunicadora

A produção de um pouco mais de cinco minutos, respeita as dimensões padrões para os vídeos da plataforma *Instagram*, como é possível observar na figura 23. Com uma moldura contendo informações, tanto a respeito do projeto quanto do vídeo em questão, no centro Ágata aborda assuntos da área da Comunicação. O conteúdo possui uma abordagem mais acadêmica, buscando trazer teorias a respeito do assunto debatido de forma que o público entenda sem muitas barreiras.

Ágata tenta atrair a curiosidade dos espectadores, fazendo com que eles se relacionem pessoalmente com o tema do episódio. O vídeo também conta com legendas de todas as falas da apresentadora e uma barra de tempo, o que permite a quem está assistindo saber quanto tempo falta para o conteúdo terminar. Ela faz um resumo bem básico, trazendo

informações sobre combinações e contrastes de cores. O interesse da monitora pela comunicação visual ocorre desde antes do Programa de Monitoria, quando ela começou a buscar mais repertório para os seus estudos sobre fotografia.

O conteúdo escolhido por Ágata foge da comunicação institucional realizada durante a Monitoria. Ainda assim, se trata de um vídeo educativo, com um roteiro bem trabalhado e uma proposta pedagógica de explicar, de maneira sucinta, aspectos relacionados às teorias da comunicação. A jovem se mostrou em vários momentos da pesquisa muito proativa, participando de projetos e interessada em aprofundar os seus conhecimentos. A escolha da peça revela um desejo por entender como funcionam os processos comunicacionais e, logo, compartilhar essa compreensão para outras pessoas.

Ao refletir sobre as escolhas das peças feitas pelos jovens, percebemos como as suas produções pessoais acabam se diferenciando mais entre si do que as institucionais. Isso ocorre em vários sentidos, como quando os vídeos da Rede CUCA seguem todos um passo a passo bem definido, com narração em *off*, imagens ilustrativas, entrevistas etc., e as criações independentes até utilizam de ferramentas parecidas, mas vão para lugares diferentes. Assim, saem videoaulas, videoensaios, reportagens radiofônicas, ilustrações digitais, dentre tantas outras produções que não puderam entrar nesta análise. Quando deixado mais livre, o jovem comunicador tende a explorar mais os espaços de comunicação e as possibilidades disponíveis de criação. Mesmo atuando dessa maneira, a influência da formação do Programa de Monitoria é perceptível, como veremos a seguir.

5.6 O Comunicador segundo os Jovens

Além da própria compreensão dos jovens do CUCA Mondubim, por meio de levantamentos bibliográficos, identificamos quão abrangentes são as definições do que é ser comunicador. Existem diversas formas de se compreender essa figura. Laguzzi (1983) entende que o conceito de “comunicador social” explicita a relação entre comunicação e sociedade. O adjetivo “social” se torna redundante ao ser aplicado junto ao substantivo “comunicador”, dando importância “que toda comunicação é um fato social (isso é óbvio, já que o ato comunicativo envolve necessariamente duas entidades, [...] além de uma linguagem, e linguagem é um fato e uma relação social)” (p. 32, tradução nossa). Para esta pesquisa, o nosso entendimento sobre o conceito de comunicador segue essa mesma linha de pensamento, logo, defendemos que todo comunicador é comunicador social, e vice-versa.

A partir do seu lugar de visibilidade na sociedade, o comunicador também é analisado em muitas pesquisas acadêmicas sob o enfoque político-social. Dessa forma, surgem os “comunicadores comunitários”, os quais buscam dar voz para minorias sociais e representar populações invisibilizadas (MÉNDEZ-GÓMEZ, 2018). Segundo Peruzzo (2007, p. 3), a comunicação comunitária trata-se da “opção política de colocar os meios de comunicação a serviço dos interesses populares; transmissão de conteúdos a partir de novas fontes de informações (do cidadão comum e de suas organizações comunitárias)”. Partindo do objetivo de construir uma sociedade mais justa, a comunicação é vista como agente transformadora com potencial para uma maior participação popular dos cidadãos comuns nos diferentes espaços.

Sobre os aspectos políticos voltados para questões relacionadas à comunicação pública e à responsabilidade social do comunicador, Inestrosa (1996) aborda o dever social de promover uma comunicação mais democrática dos comunicadores, assumindo uma posição mais militante. Por sua vez, Peruzzo (2007) destaca de forma mais detida a comunicação comunitária no Brasil e a sua busca por uma comunicação mais democrática. O trabalho de comunicação desenvolvido pelos movimentos populares, principalmente produzido dentro das comunidades, é descrito como sendo

sem fins lucrativos e se alicerça nos princípios de comunidade, quais sejam: implica na participação ativa, horizontal e democrática dos cidadãos; na propriedade coletiva; no sentido de pertença que desenvolve entre os membros; na coresponsabilidade pelos conteúdos emitidos; na gestão partilhada; na capacidade de conseguir identificação com a cultura e interesses locais; no poder de contribuir para a democratização do conhecimento e da cultura (p. 5).

Mesmo não desempenhando um papel predominante no fazer comunicacional hegemônico, a comunicação comunitária encontra espaço nos debates a respeito da democratização da comunicação. Tais estudos destacam, a exemplo de Peruzzo (2007, p. 3), a busca por ampliar o “número de canais de informação” e “novos emissores”, além de “se constituir em processo educativo, não só pelos conteúdos emitidos, mas pelo envolvimento direto das pessoas no fazer comunicacional e nos próprios movimentos populares”.

Nas entrevistas com os jovens comunicadores do Programa de Monitoria, perguntamos o que eles pensavam sobre o que era ser um comunicador. De início, eles apresentaram algumas dificuldades para explicar as suas reflexões. Ainda assim, se dispuseram a desenvolver as suas ideias. Com o decorrer das conversas, identificamos algumas características principais do que seria um comunicador, tais quais “conseguir se

expressar”, “compartilhar ideias e pensamentos”, “repassar mensagens”, “trocar informações”, “contar uma história” e “se fazer entender”. Segundo a linha de pensamento dos monitores, ser comunicador passa por conseguir compartilhar uma mensagem e fazer com que o público entenda exatamente o seu significado, da forma mais clara possível.

Era até uma coisa que eu estava pensando um dia, quando eu vi uma propaganda na TV, acho que era na época das eleições, que a tarja da mulher estava escrita comunicadora. E aí eu me perguntei sobre o que é ser comunicador. Eu acho que é isso no básico mesmo, passar mensagens. Então eu me considero comunicadora porque eu não rejeito o diálogo. Eu procuro conversar com as pessoas, eu procuro entender as pessoas. E comunicar é isso, é procurar entender o que você vai opinar. Porque comunicar é você falar com outra pessoa, seja de forma indireta ou direta às vezes, pode haver ruído. A gente tem vários produtores de conteúdo atualmente, hoje a gente tem várias segmentações, vários formatos, tem a questão dos gêneros, enfim, não importa como, o importante é você falar para o outro e fazer entender aquilo. Trazer informação que vai somar para vida dele.

A maioria dos jovens respondeu ter começado a pensar sobre o que era ser comunicador após o Programa de Monitoria. Dois monitores disseram que, antes da Monitoria, não se enxergavam como comunicadores, mas depois sim. Um(a) jovem disse que, antes da Rede CUCA, somente estudando na graduação, tinha dúvidas a respeito disso, exatamente por não ter experiência. Foi participando de projetos comunicacionais que passou a se entender como comunicador(a), evidenciando na sua reflexão a importância concedida à prática da comunicação. Em outras palavras, os monitores apresentaram a noção de que a comunicação em si se dá por meio da prática, do executar tarefas de forma efetiva e com boa qualidade técnica.

Dois monitores ressaltaram o fato de a área da Comunicação ser bastante ampla. Um(a) deles acreditava que essa abrangência permitia a eles a passagem por diversas áreas, mesmo que de forma superficial. Então, se durante a manhã estavam falando sobre esporte, à tarde poderiam discutir sobre política, e assim por diante. Precisavam lidar com flexibilidade com as temáticas a serem trabalhadas e estar preparados para lidar com uma maior gama de possibilidades.

Os monitores entendiam os processos comunicacionais a partir de percepções adquiridas durante os seus períodos de formação junto a Rede CUCA. Em entrevista, um(a) jovem formulou sua reflexão da seguinte forma:

A gente coloca muito em prática lá, a gente vê realmente o que é ser comunicador, porque você está falando com outras pessoas. Então eu me vi, me assumi como comunicadora, não me apresento como comunicadora, mas me considero, então a gente realmente lidava com o público, eu tinha que falar com pessoas, perguntar

sobre coisas para pessoas, resumir o que essas pessoas me falavam. [...] Essa descoberta veio justamente com a Rede CUCA mesmo.

Um(a) jovem, ao ser questionado(a) se se entendia como comunicador(a), disse que levava consigo a noção de comunicação comunitária e a relacionava com a Rede CUCA. Talvez em razão de sua experiência no Programa de Monitoria, o(a) jovem, de acordo com as suas palavras, se identificava mais como comunicador(a) do que como jornalista. Seu objetivo pessoal e profissional era “levar uma comunicação mais humana para as pessoas.” Contudo, não entendemos a comunicação praticada nos CUCAs como comunitária, sabendo que se trata de uma ação estatal e não da própria sociedade e dos seus movimentos sociais. O fato de o(a) jovem pensar dessa maneira, muito se deve ao setor de comunicação da Rede trazer características dessa vertente para os seus Programas, como a busca pela aproximação com as comunidades, e até se apropriar de termos característicos desse conceito. O principal exemplo disso, é a Coordenação de Comunicação Comunitária. Não obstante, como observamos ao longo da pesquisa, se trata mais de uma comunicação institucional.

Essa, contudo, não era uma leitura única. Sobre o viés jornalístico dos programas produzidos na Rede CUCA, um(a) monitor(a), que faz faculdade de ‘Jornalismo’, questionava a qualidade do jornalismo praticado nos Centros Culturais. Entendia a Comunicação nos Centros Culturais como uma grande escola, mas salientava que, talvez por isso mesmo, não tinham tempo para praticar o jornalismo “de fato”.

Indagamos, ainda, aos jovens sobre quais seriam as características fundamentais para um comunicador na atualidade. Eles apontaram diversas, como “postura”, “desenvoltura”, “expressividade”, “articulação”, “domínio do assunto”, “responsabilidade” e “empatia”. O que mais chamou a atenção, pela recorrência nas respostas, foi o pensamento de que o comunicador precisa conhecer bem o seu público e entender sobre o que está sendo falado.

As noções sobre a figura do comunicador estão em constantes mudanças. Sobre isso, em entrevista, um(a) dos jovens comunicadores expôs: “Eu acho que é uma coisa que todo mundo é. Uns mais, outros menos.” Nos últimos anos, devido à popularização da Internet em diversas sociedades, todos os dias nascem e formam-se milhões de comunicadores ao redor do mundo. Assim, produzem conteúdo de forma voluntária ou involuntária, o que gera mais dados, transformados em mais e mais comunicação para diversas finalidades. Chama a atenção a falta de atenção dada a este fato e a suas repercussões.

6 CONCLUSÃO

Nesta dissertação, passamos a entender que os espaços de comunicação estão sendo reorganizados, impactados pelas mudanças tecnológicas e a cultura da convergência. A possibilidade de produzir e distribuir conteúdo não é mais restrita a um pequeno grupo de profissionais e grandes conglomerados de mídia. Isso acarretou diversas mudanças na forma como a sociedade se informa e, conseqüentemente, se entende. Ainda assim, mesmo com todas essas transformações, ao contrário do que um esperado processo de democratização da comunicação, nunca tão poucas organizações privadas possuíram tanto poder sobre o que as pessoas leem, veem, escutam e consomem quanto agora.

Nesse cenário de constantes mudanças, associadas, entre outras, ao fenômeno da popularização dos dispositivos móveis, as juventudes vêm se afirmando. Em meio a isso tudo, problemas como a desigualdade social continuam marcando profundamente as formas de acesso de parcela expressiva dos jovens, que teimam em participar. Com isso, entendemos que está ocorrendo uma reorganização dos espaços de comunicação e de seus agentes, marcados pelos mesmos problemas socioeconômicos que assolam a humanidade há séculos.

Se em décadas anteriores o controle informacional se dava a partir das edições dos grandes jornais, ou dos núcleos de publicidade das grandes redes de televisão, hoje os algoritmos regulam e vigiam os nossos rastros, atendendo à mediação de agentes específicos e aos seus interesses, num sistema que permanece demasiado concentrado. Assim, a ideia propagada em décadas anteriores, quando a Internet começava a se popularizar, de um ambiente livre para criação e difusão de informação, vem sendo crescentemente questionada. Nesta pesquisa, nos dedicamos a uma figura importante para o entendimento desses processos: o comunicador.

Como outras figuras, o comunicador vem sendo repensado nas últimas décadas por muitos pensadores, desde a sua formação até os seus ofícios. Buscamos fazer o mesmo neste trabalho, usando, para isso, as compreensões de prospectos jovens comunicadores sobre o que e/ou quem seria esse comunicador (do século XXI). Para isso, acompanhamos um grupo de jovens durante parte de suas formações como comunicadores, em um Programa de Monitoria realizado pela Rede CUCA, cujo objetivo era formar comunicadores.

Na busca por compreender melhor a visão dos próprios jovens sobre esse comunicador, apoiamos nossa escrita em arcos definidos pela própria realidade observada. Com isso, partimos dos primeiros contatos com o campo e nos aprofundamos nas questões

institucionais envolvidas nas produções dos monitores, e buscamos valorizar, ainda, outras experiências de comunicação não vinculadas diretamente aos trabalhos na Rede CUCA.

Ao avaliarmos este percurso de pesquisa, e reconhecendo que mantivemos um contato prolongado com o campo, entendemos que poderíamos ter iniciado a observação participante antes, logo quando da entrada da turma de monitores no Programa. Isso teria facilitado o acesso a informações sobre o processo formativo inicial, além de favorecer uma relação mais natural com os jovens, que nos conheceram já envolvidos em uma determinada rotina de produção. Ressaltamos, também, que os Centros Culturais, além de um ambiente fértil para estudos científicos, devido a sua abrangência e estrutura, são bastante acessíveis para finalidades acadêmicas.

Entre os muitos desafios de realizar esta pesquisa, destacamos a crise sanitária provocada pela pandemia de COVID-19. Quando o vírus havia se disseminado a nível global, tivemos a sorte de ter coletado há três meses os dados da observação participante. Realizamos, ainda, uma parte complementar da coleta de dados de forma *online*, por meio de entrevistas semiestruturadas conduzidas através do aplicativo de reuniões *ZOOM*. Os desafios particulares desse tipo de coleta foram enfrentados com sucesso, com as entrevistas fluindo bem, em que pese os desafios mútuos – meu como pesquisador e dos jovens – de nos mantermos produtivos num cenário tão difícil.

Um dos primeiros achados da pesquisa foi entender que os monitores não se encaixavam nos padrões usuais de jovens participantes de políticas públicas como essa. Se, por um lado, a realidade econômica deles distanciava-os de um mundo de privilégios, tampouco atendiam aos estereótipos do jovem em situação de vulnerabilidade social, que precisam ser resgatados. Isso nos fez entender o Programa de Monitoria de Jovens Comunicadores como uma política cujo enfoque tem sido o de intensificar uma formação comunicacional em desenvolvimento, tendo em vista que todos os jovens comunicadores faziam uso prévio dos espaços de comunicação presentes na Internet e, com uma única exceção, haviam ingressado no ensino superior.

Ainda assim, a forma como os jovens fazem uso dos espaços de comunicação é afetada pelas oportunidades às quais eles têm acesso, o que volta para uma questão de desigualdade. Portanto, setores das juventudes estão sempre correndo atrás, afetados por algum tipo de exclusão. Por essa razão, há uma tendência por parte das políticas públicas de buscarem inserir os jovens na sociedade, ainda que, em muitos casos, seguindo diretrizes estreitas vinculadas ao escopo da profissionalização, estipuladas para atender a uma lógica de mercado.

O período em campo evidenciou a atenção do Programa de Monitoria por uma formação técnica e prática, priorizando bastante a qualificação profissional dos jovens comunicadores. Isso também foi observado pelo trabalho de Torres (2020), em sua dissertação sobre como o Direito à Comunicação era exercido na produção do Programa Conexões Periféricas da Rede CUCA. Já no primeiro dia de pesquisa etnográfica, observamos a utilização de formatos comunicacionais e jornalísticos estabelecidos por empresas tradicionais de comunicação (televisão e rádio, principalmente) de grande alcance nacional. Com o decorrer das visitas, formatos de conteúdo e linguagem populares na Internet também foram percebidos. Assim, os jovens produziam diariamente conteúdos audiovisuais para o canal no *YouTube* da Rede CUCA, Juv.TV, e materiais radiofônicos para a Rádio CUCA.

O material era distribuído para o público através de plataformas na Internet. Atentando para a proposta de produzir uma comunicação junto às comunidades, também vimos esse mesmo conteúdo ser divulgado dentro dos Centros Culturais, por meio de caixas de sons e televisões espalhadas pelas estruturas. Nas imediações do CUCA do bairro Mondubim, a divulgação acontecia através de carros de som que propagavam conteúdo publicitário da própria Rede CUCA, desenvolvido pelos técnicos e jovens comunicadores. Todavia, salientamos que a comunicação fomentada na Rede CUCA tem ênfase institucional, focando mais nas ações da Prefeitura do que nas juventudes e nas comunidades da cidade. Ou seja, de dentro para fora, e não o contrário.

O Programa de Monitoria tinha como um de seus objetivos incentivar os jovens comunicadores a apresentar a pluralidade das juventudes de Fortaleza. Um dos problemas percebidos para isso acontecer foi a delimitação das possibilidades de criação desses jovens a visões majoritariamente institucionais. A cidade e os seus jovens vão além dos Centros Culturais e, em muitos casos, do alcance estatal. Uma política que envolvesse mais as juventudes poderia inclusive fortalecer o objetivo de criar uma rede cooperativa em torno dos jovens, a partir da qual cada um pudesse contribuir ainda mais, se apropriando da política pública.

A preferência por uma formação mais técnica, muitas vezes demonstrada pelo Programa de Monitoria, revelou-se em diversos momentos. Isso pode exercer sobre os jovens uma influência tecnicista, o que possibilita que eles passem a ter uma visão, em alguns momentos, reducionista sobre o que é ser comunicador. Destacamos os papéis centrais desempenhados pelos técnicos de comunicação na formação dos jovens comunicadores, proporcionando aos monitores suporte em relação a dúvidas e orientação sobre o conteúdo desenvolvido. Como a própria denominação “técnicos de comunicação” indica, a relevância

nessa atuação é referente a questões comunicativas de ordem prática e técnica, como o funcionamento de determinados equipamentos tecnológicos e, também, uma atenção às normas estabelecidas. Com isso, enquadram as produções dos jovens dentro dos padrões institucionais da Rede CUCA.

O papel institucional dos jovens comunicadores foi perceptível, principalmente em situações em que precisavam cobrir algum evento e/ou atividade dentro dos CUCAs e em ambientes onde se dava alguma PPJ da Prefeitura de Fortaleza. Os monitores em várias ocasiões desempenharam tarefas que visavam à promoção da Rede CUCA e de suas programações. Para isso, precisavam entrevistar atletas apoiados pela Rede, frequentadores dos Centros Culturais e gestores públicos, buscando demonstrar seriedade e profissionalismo. Mesmo com participação relevante na construção do conteúdo dos CUCAs, e tendo alguma liberdade para criar, tinham, geralmente, que seguir a programação e as temáticas previamente definidas pela gestão municipal.

Os jovens comunicadores, participantes do Programa de Monitoria, em muitos momentos se entendiam como trabalhadores da Rede CUCA. A bolsa de apoio era percebida como salário, eles tinham uma carga horária a ser cumprida e buscavam seguir as determinações da gestão, como um funcionário comum. Havia uma troca entre gestores e jovens a respeito do direcionamento dado aos Programas, porém, as sugestões dos monitores não eram prioritárias. As diretrizes pareciam ser determinadas, na maioria das vezes, de forma vertical, a fim de atingir os objetivos da administração. Os jovens não questionavam muito essa realidade, pois a entendiam como fato comum ao mundo do trabalho.

Os CUCAs, como muitas PPJs no Brasil, sofrem com diversas incertezas no que diz respeito à continuidade e institucionalização das políticas. Foi perceptível, em momentos do estudo, o receio dos gestores com possíveis interrupções, e a descontinuidade do trabalho. Isso, mesmo com a Rede CUCA se expandindo ao longo dos anos e entrando em 2021 na sua quarta gestão municipal. A experiência dos jovens comunicadores do CUCA Mondubim ao longo de suas vidas enfatiza esse receio, quando muitos deles, desde o ensino básico, tiveram acesso a políticas públicas que buscavam potencializar a expressividade das juventudes, e que foram descontinuadas. Isso revela um padrão perverso no cenário das PPJs no Brasil, que, até o momento, a Rede CUCA vem desafiando. Essa realidade vem fechando portas para muitos jovens brasileiros.

Ao nosso ver, essa é uma das razões que levam a determinados direcionamentos adotados pelos Programas da Coordenação de Comunicação Comunitária. Como exemplo, o enfoque em empregabilidade soa como uma espécie de prestação de contas a uma parcela da

sociedade que entende camadas mais desfavorecidas da juventude como mão de obra técnica para o mercado. Logo, é mais interessante, nessa lógica, um encaixe nas engrenagens existentes, mesmo em um cenário cada vez mais precário para o trabalho, tanto em termos de condições e remunerações quanto de vagas e oportunidades.

Ao pensar na questão da empregabilidade, ressaltamos que as diretrizes atuais do setor de comunicação da Rede CUCA dão um enfoque muito grande a uma formação técnica, centrada em produção constante de conteúdo institucional. Essa priorização se deu, principalmente, após a incorporação das atividades comunicacionais dos CUCAs pela Diretoria de Formação, Esporte e Trabalho do Instituto CUCA. Tendo a cidade de Fortaleza tantas carências no seu atendimento aos jovens, é preciso pensar se a priorização de uma formação voltada a atender demandas de mercado é o melhor caminho. Principalmente quando esse posicionamento acaba tendo caráter inibidor de muitos dos processos de criação e experimentação por parte dos jovens, que não são trabalhadores da Rede, e sim o motivo fundamental para a existência dessa política pública.

Não à toa, os jovens comunicadores tinham uma noção mais realista sobre os processos de produção do Programa de Monitoria do que os gestores públicos, responsáveis por idealizar as ações institucionais. Isso se dava por um certo costume adquirido através de um cotidiano produtivista, em que os monitores estavam constantemente correndo para entregar algum material, seja uma gravação, uma edição etc. Vale ressaltar que essa realidade não é exclusiva dos Programas da Rede CUCA, mas rotineira na vida de todos os jovens, levando em conta que todos tinham outras responsabilidades além daquelas durante o período nos Centros Culturais. Todos estudavam, trabalhavam e tinham compromissos familiares.

Para além da crítica, uma sugestão possível no que corresponde aos objetivos da PPJ no quesito da empregabilidade, seria assegurar aos monitores maior liberdade para direcionarem o conteúdo produzido durante os Programas para aquilo que melhor caiba às suas formações específicas – tendo em conta que cada um segue um caminho particular, nem sempre relacionado ao esporte e ao jornalismo profissional, por exemplo. Seguindo a lógica do Programa de Monitoria, um portfólio recheado por matérias esportivas cumpre o papel de melhorar as chances de empregabilidade do jovem comunicador, todavia, isso poderia ser feito de forma diferente, com outros enfoques definidos pelos próprios jovens. Não por acaso, a maioria dos monitores não tinha envolvimento com comunicação esportiva antes do Programa, e após também não.

O fato de os jovens ressaltarem sempre a mudança de cenário do CUCA Esporte como um dos principais orgulhos de suas participações na Monitoria, revela o quão eles

estavam ansiosos por criar e inovar. Essa mudança permitiu também, de acordo com os monitores, mais liberdade, algo que estavam sempre buscando juntamente com maior naturalidade na forma de apresentar os conteúdos, o que traduzimos como conexão com o seu público. Eles enxergavam isso nos projetos que mais admiravam na Internet.

O consumo de conteúdo dos jovens, grande parte feito através da Internet, influenciava o entendimento deles a respeito do fazer comunicacional. Isso pôde ser visto a partir de algumas mudanças implementadas pelos monitores durante o período do Programa, como os cenários e *thumbnails* do CUCA Esporte. Tendo essas referências culturais, os jovens buscavam aplicá-las, utilizando as suas próprias expressividades individuais e de grupo, nas produções institucionais da Rede CUCA. O Álbum da CopArena é um bom exemplo disso, pois, fazendo uso de seus repertórios culturais, a partir da ideia de que um álbum de figurinhas está ligado à cultura do futebol, os jovens criaram um quadro para um programa de televisão. Por ter sido criado por eles, tinham mais apego ao projeto.

Essas questões observadas na relação entre a Rede CUCA e os jovens comunicadores formados pelo Programa de Monitoria, são fundamentais para o nosso entendimento a respeito da compreensão dos monitores sobre o que e/ou quem seria a figura do comunicador para eles.

Sobre o entendimento a respeito do que é ser comunicador, percebemos que os monitores não possuíam uma leitura consensual, clara e específica sobre isso. Uma das razões pode se dever a abrangência do conceito, tanto no seu significado intrínseco, quanto na área da Comunicação em si. A ideia de um comunicador multitarefa, com diversas responsabilidades e conhecimentos sobre uma vasta polivalência de temas, ter sido percebida repetidas vezes ao longo da pesquisa, demonstra essa razão. O que pôde ser visto nas formações dos jovens comunicadores dentro da Rede CUCA e em suas vidas profissionais e acadêmicas. Nada obstante, nos seus projetos pessoais os jovens escolheram temáticas únicas, abordando-as de forma mais aprofundada, como a arte, a teoria da comunicação e, novamente, o esporte. Os trabalhos independentes dedicados à Internet tendem a seguir essa linha especificista, pois essa é uma forma de cultivar um público, uma comunidade em torno do projeto. Ainda assim, em suas produções pessoais, os monitores continuavam executando diversas funções técnicas e criativas, às vezes até mais do que faziam durante o Programa de Monitoria.

Ainda sobre o entendimento dos jovens, inicialmente eles reproduziram algumas associações comuns feitas sobre a figura do comunicador, resumindo os conceitos ou limitando-os a um transmissor, cujo trabalho era compartilhar ideias, notícias e informações

com o menor ruído possível. Esses entendimentos foram sendo ampliados por eles mesmos durante as entrevistas semiestruturadas.

Um pensamento frequente nas entrevistas foi a necessidade do comunicador de conhecer bem o público com o qual se pretende comunicar, além de entender com profundidade o que está sendo informado. Os jovens compreendiam o processo de comunicação e o que o constituía como uma troca entre comunicador e sociedade, reconhecendo o papel ativo do público ao qual a comunicação é destinada. Contudo, nessa linha de raciocínio, essa relação parte do comunicador, o detentor da informação, para a sociedade, e não se trata de uma troca equivalente. Ressaltamos também, que mesmo com os monitores trazendo o papel do público em suas reflexões, observamos poucas situações durante o período da Monitoria em que a audiência foi debatida com maior profundidade, por parte dos jovens, técnicos e gestores. O foco da formação era a produção de conteúdo institucional. Aqui, lembramos que, quando questionados sobre quais mudanças gostariam de ter implementado durante o Programa, os jovens comunicadores mencionaram a necessidade de deixar os vídeos mais interativos, a fim de atrair mais espectadores.

Parte dos jovens revelou ter começado a pensar sobre o que era ser comunicador devido ao Programa de Monitoria de Jovens Comunicadores, o que demonstra o quão importante foi essa formação para a compreensão deles. Em regra, o monitor do CUCA Mondubim se entendia como comunicador a partir da sua prática ou do seu trabalho. Isso reforça o fato de que esse entendimento não se dava quando estavam apenas estudando a área, mas quando iam além da teoria e punham em prática os seus conhecimentos comunicacionais. Além disso, os jovens comunicadores atribuíam uma legitimação maior ao próprio trabalho quando esse era reconhecido ou identificado por processos comunicacionais mais tradicionais, como ter uma produção com a sua participação na grade de programação de um canal de televisão ou a oportunidade de entrevistar uma autoridade pública da cidade.

Os jovens tinham diferentes históricos, percursos, interesses, aptidões e, com isso, formas variadas de se expressar. Muitas dessas inclinações eles carregavam desde a infância, e parte delas, dada a realidade nua e crua do início da vida adulta, foram postas de lado. Sonhos como os de trabalhar com escrita, de ser fotógrafo(a) ou jornalista esportivo foram adormecendo, seja por uma mudança de interesse ou por uma sociedade que está constantemente dificultando o trilhar desses caminhos. Mesmo assim, os jovens comunicadores se expressavam, trazendo os seus olhares, por meio de suas participações nos variados espaços de comunicação.

Nesta dissertação, nos dedicamos às participações dos jovens em dois desses espaços – do Cuca e das suas redes sociais. Para isso, analisamos algumas peças produzidas e destacadas pelos jovens como representativas dos seus trabalhos comunicacionais nos dois ambientes. As escolhas das criações do Programa de Monitoria, geralmente se deviam, de acordo com os monitores, aos processos de produção envolvidos na confecção de cada material. Ou seja, as vivências na Rede CUCA, durante as suas formações, que permitiram evoluções pessoais e profissionais, foram importantes para as decisões a respeito das peças. Nas produções individuais, havia um maior envolvimento pessoal dos jovens com o conteúdo, o que possibilita que se expressassem mais livremente. Não à toa, as temáticas dessas peças iam desde o time de futebol do coração de um jovem até a relação pessoal com a arte de outra.

Nas produções institucionais da Rede CUCA, os monitores buscavam se expressar partindo das diretrizes estipuladas pela administração. Em muitos casos, apoiavam-se em personagens que achavam interessantes, e, dessa forma, trabalhavam temas importantes para eles, como transfobia, machismo, feminismo, direitos humanos, entre outros. Ainda assim, praticamente todas as produções institucionais realizadas durante o Programa de Monitoria seguiam linhas parecidas, com narração em *off*, entrevistas com gestores e participantes e imagens ilustrativas. O assunto era sempre relacionado ao esporte e a participação da Prefeitura de Fortaleza também era evidenciada. Sem embargo, no caso das produções independentes, todos os temas e formatos das produções eram diferentes.

Importante ressaltar que as habilidades técnicas desenvolvidas no Programa de Monitoria, conforme informações dos jovens comunicadores, eram empregadas também em seus projetos pessoais. Nesse âmbito das produções independentes, apesar de terem mais liberdade para criar e se expressar, isso não implica que os espaços de comunicação aos quais os jovens participavam, como as redes sociais, eram livres de mediações. Assim, a produção pessoal criada por cada monitor não tinha viés institucional, mas era influenciada pelas condições e regras das diferentes plataformas de distribuição de conteúdo na Internet, pertencentes a empresas multinacionais que monopolizam grande parte do mercado de tecnologia nas últimas décadas. Os exemplos que indicam isso vão desde o tempo curto das peças em vídeo até as dimensões de todos os materiais, próprios para a divulgação nas redes. Essas condições também eram impostas ao material distribuído pela Rede CUCA.

O contexto global atual indica a necessidade de se enxergar as entrelinhas dessa produção midiática, principalmente quando entendemos que a maioria das pessoas no mundo atualmente recorrem a algum dispositivo para se comunicar. Mesmo assim, é restrita a parcela da sociedade conectada que se identifica com a denominação de comunicador. Os jovens

comunicadores do CUCA Mondubim se compreendiam dessa forma, e se revelavam enquanto tais nos diferentes espaços de comunicação. Esse entendimento, entretanto, se deu somente durante e após as suas participações no Programa de Monitoria, mesmo com a maioria deles se formando como tais por meio de cursos de graduação na área da Comunicação. Logo, vinham se graduando comunicadores, mas não se viam assim. Inclusive, todos, de maneiras peculiares a cada um, produziam conteúdo bem antes de qualquer início de formação formal. Em nossa concepção, essa percepção ocorreu assim, pois, para os monitores, o ser comunicador está ligado diretamente ao ofício, à prática e à execução de tarefas, respeitando a um crivo institucional e a um controle de qualidade técnica. Não por acaso, visões que também identificamos na formação de Jovens Comunicadores da Rede CUCA.

Então, entendemos, com base na compreensão dos jovens comunicadores, que se enxergar como comunicador passa por um crivo institucional, ligado, em muitos casos, a uma visão tradicional da comunicação, presente em grandes corporações e instituições. Assim, não se trata necessariamente do domínio de determinadas técnicas, da vocação para criar e produzir conteúdo ou mesmo de ofícios característicos do profissional da comunicação, para que o indivíduo se compreenda dessa forma. Prova disso, é o fato de que nos tempos atuais nunca tanta gente criou e produziu conteúdo, e nem por isso se identificam como comunicadores. Um(a) jovem, durante entrevista, disse algo parecido a respeito disso, pontuando que, de certa maneira, todo mundo é comunicador hoje em dia, uns mais, outros menos. Quando perguntados sobre quais características eram fundamentais para um comunicador, os monitores destacaram qualidades como expressividade, responsabilidade e empatia; qualidades, essas, que qualquer pessoa precisa possuir para atuar nas redes, seja de maneira chamativa ou discreta, formal ou informal.

Tendo isso em mente, é impossível localizar o exato momento em que esses jovens deram início às suas formações como comunicadores. De forma mais ou menos intensa quanto esses(as) jovens, outros grupos sociais no mundo estão vivenciando um processo de formação comunicacional, proporcionada pela revolução tecnológica provocada pela popularização das TICs. Em sua maioria, de maneira autodidata e, o que mais preocupa, sem qualquer reflexão crítica a respeito dos processos aos quais estão inseridos. Perturba também, pensar que mesmo as formações da área abrem mão cada dia mais desse dever, em favor do atendimento imediato e prioritário de demandas laborais. Por isso, nossa posição é favorável a uma formação do comunicador competente, capaz de resolver problemas práticos e técnicos, sim, mas também preparado para refletir a respeito do seu lugar na sociedade atual e futura e

sobre os processos comunicacionais e midiáticos que cercam a humanidade mais e mais a cada dia.

Voltando a tratar dos percursos desta dissertação, um dos pontos os quais gostaríamos de ter expandido foi o levantamento bibliográfico dedicado ao conceito de comunicador. Para a expansão, entendemos que o ideal seria a ampliação da pesquisa para outras bases, incorporando pensadores de outros países ao redor do globo, e figuras correlatas ao comunicador, como jornalista, publicitário, cineasta, *YouTuber*, entre outros, dos mais tradicionais aos mais recentes.

Ainda assim, precisamos ressaltar o quanto políticas públicas como a Rede CUCA são importantes e precisam ser aperfeiçoadas e universalizadas. Reconhecemos o papel do setor de comunicação dos CUCAs na tentativa de incluir digitalmente jovens fortalezenses, fornecendo um apoio fundamental às trajetórias de vida deles. Porém, salientamos que iniciativas como essa não podem se reduzir a meros *cases* de sucesso, que demonstram algum interesse por resolver problemas como os da exclusão digital e do desemprego, mas não a atitude necessária para tal. Também se faz necessário rever a forma como vem se dando a participação dos jovens no desenvolvimento das políticas públicas a eles destinadas, para que, no caso do Programa de Monitoria, o envolvimento deles vá além da produção e alimentação de programas com conteúdo institucional. PPJs como essa são percebidas com muito otimismo, contudo, precisam ir além daquilo que poderia ser e ser de fato. Assim, garantindo os direitos aos quais se propõem a promover, e indo além de arranhar a superfície dos vastos problemas sociais.

Os monitores tinham uma vontade constante de pôr em prática os seus conhecimentos. Isso indica a existência de uma força criativa enorme, que pode muito bem ser generalizada a milhares e talvez milhões de outros jovens em todo o país. Como prova disso, basta olhar a enxurrada de conteúdo produzido e compartilhado a cada segundo na Internet. Essa energia não precisa se limitar ou se encaixar a diretrizes institucionais e tendências de mercado. Dentro da proposta de horizontalidade e criação colaborativa da Rede CUCA, os jovens comunicadores não podem ser reduzidos a emular uma realidade profissional e a reforçá-la.

Finalmente, o período da pesquisa foi de grande aprendizado. Fui desafiado constantemente a sair da minha zona de conforto e reforcei a minha relação com a cidade onde nasci, cresci e moro, Fortaleza, tendo a oportunidade de conhecer lugares e regiões, os quais, por agora quase três décadas, não havia transitado. Foram muitos os momentos de caminhadas por calçadas desconhecidas e trajetos realizados por meio de transportes públicos

e por ruas inesperadas. Esses mesmos caminhos eram e são percorridos diariamente pelos jovens parceiros desta pesquisa. Em alguns momentos os nossos caminhos se cruzaram, e espero que continuem se cruzando.

Os CUCAs, de certa forma, são um mundo à parte. Durante o período da observação participante, todo dia uma nova área era conhecida. No começo, isso foi surpreendente, mas com o tempo, a surpresa passou a não ser mais novidade. Por sempre estar buscando ajudar, às vezes levando equipamentos (refletores, gravadores de áudio, câmeras, tripés etc.), batendo fotos, dividindo o mesmo transporte, caminhando lado a lado por ruas e corredores, testemunhando momentos marcantes, fazendo parte do cotidiano deles, conversando, opinando, observando e participando, fui levado por todo lugar dentro dos Centros Culturais pelos jovens comunicadores. O fato de alguns deles passarem três turnos do seu dia no CUCA Mondubim diz muita coisa, ainda mais quando pensamos que muitos deles não moram próximos aos locais, e precisam pegar transportes públicos para ir até lá. Quando mencionamos as estruturas, e citamos quadras, piscinas, teatros, laboratórios, de início contabilizamos isso como meramente informação, contudo, em cada local desse, sempre tinha alguém, educadores ou jovens. Os CUCAs são locais cheios de vida, histórias e futuro.

REFERÊNCIAS

- ACEDO, Sara Osuna; LAZO, Carmen Marta; MARINO, Roberto Aparici. Valores de la formación universitaria de los comunicadores en la sociedad digital: más allá del aprendizaje tecnológico, hacia un modelo educomunicativo. **Razón y palabra**, [s.l.], v. 16, n. 2_81, p. 608-638, 2012.
- ANGROSINO, Michael. **Etnografía e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- ALARCÓN, Hernando Bernal. El comunicador posmoderno, propuestas para su formación. **Chasqui**. Revista Latinoamericana de Comunicación, [s.l.], n. 43, 1992.
- ALVES, N. R. **Cuca**: uma experiência de política pública municipal de jovens em Fortaleza (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, CE, 2013.
- BARRIOS RUBIO, Andrés. El comunicador en el entorno digital. **Cuadernos**. info, [s.l.], n. 34, p. 165-181, 2014.
- BENTES, Ivana. Redes colaborativas e precariado produtivo. **Periferia**, [s.l.], v. 1, n. 1, 2009.
- BERGERO, Iris; ESNAOLA, Graciela. Nuevos retos para la formación universitaria de los comunicadores:¿ Cómo se construye el aprendizaje mediado por las TICs. **Revista Iberoamericana de Educación**, [s.l.], v. 39, n. 6, p. 1-8, 2006.
- BENASSINI FÉLIX, Claudia. Generación de conocimientos, orientaciones metodológicas y formación de comunicadores: tres asuntos en la agenda de las comunicaciones digitales. **Razón y Palabra**, [s.l.], v. 11, n. 49, 2006.
- BONA, Nivea Canalli. Comunicador no terceiro setor: a influência da trajetória de vida nas estratégias da organização. **Revista UNINTER de Comunicação**, [s.l.], v. 1, n. 1, p. 78-99, 2013.
- BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em Tese**, [s.l.], v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005.
- BRAGA, José Luiz. Constituição do campo da comunicação. **Verso e reverso**, [s.l.], v. 25, n. 58, p. 62-77, 2011.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.
- BRASIL. Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude eo Sistema Nacional de Juventude-SINAJUVE. **Diário Oficial da União**, p. 1-1, 2013.
- BRASIL. Secretaria de Comunicação Social. Presidência da República. **Pesquisa Brasileira de Mídia 2014**: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. Brasília, DF, 2014.

BRASIL. Secretaria de Comunicação Social. Presidência da República. **Pesquisa Brasileira de Mídia – 2016**. Brasília, DF, 2016.

BRUNO, Fernanda. Rastrear, classificar, performar. **Ciência e Cultura**, [s.l.], v. 68, n. 1, p. 34-38, 2016.

CAIAFA, Janice. **Aventura da cidade: ensaios e etnografias**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

CANTARERO, Mario Alfredo. Formación de comunicadores sociales: modelos curriculares, ostracismo académico, rutas sociales y esperanzas. **Revista Latina de Comunicación Social**, [s.l.], v. 5, n. 52, 2002.

CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto & Contexto-Enfermagem**, [s.l.], v. 15, n. 4, p. 679-684, 2006.

CAROLINA, Áurea; DAYRELL, Juarez. Juventude, produção cultural e participação política. **Mídias comunitárias, juventude e cidadania**, [s.l.], v. 2, p. 287-300, 2006.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e terra, 2005.

CGI. **Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e da comunicação no Brasil 2010: TIC Domicílios**. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2011.

CGI. **Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e da comunicação no Brasil 2018: TIC Domicílios**. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2019.

CGI. **Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e da comunicação no Brasil 2019: TIC Domicílios**. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2020.

COMPARATO, Fábio Konder. A democratização dos meios de comunicação de massa. **Revista USP**, São Paulo, n. 48, p. 6-17, 2001.

COMUNICADOR. *In*: **DICIO**, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2021.

COMUNICADOR. *In*: **MICHAELIS**, Moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2021.

DA MATTA, R. **O ofício de etnólogo, ou como ter “Anthropological Blues”** *In*: Nunes, E. (org.), *A Aventura Sociológica*, Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar em revista**, [s.l.], n. 24, p. 213-225, 2004.

ESTEVES, Luiz Carlos Gil; ABRAMOVAY, Miriam. Juventude, juventudes: pelos outros e por elas mesmas. **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade**, [s.l.], p. 21-56, 2007.

FANTIN, Monica. “Nativos e imigrantes digitais” em questão: crianças e competências midiáticas na escola. Passagens: **Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação - UFC**, Fortaleza (CE), v. 7, n. 1, p. 5-26, 2016.

FORTES, Meyer. Age, generation, and social structure. **Age and anthropological theory**, [s.l.], p. 99-122, 1984.

FOUCAULT, Michel. **Ordem do discurso (A)**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, v. 1, 2011.

GABRIEL, Martha. **Marketing na era digital: conceitos, plataformas e estratégias**. Novatec Editora, 2010.

GARCÍA, Caridad. El habitus profesional del comunicador por radio en la era informacional. **Razón y palabra**, [s.l.], n. 49, p. 47, 2006.

GEBHARDT, Jéssica Beatriz Backer; NEGRINI, Michele; NUNES, Christian Dias. A mulher no telejornalismo esportivo: ponderações sobre o programa Globo Esporte São Paulo. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, [s.l.], v. 40, n. 2, p. 239-254, 2019.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos, 1989.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de empresas**, [s.l.], v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995.

GONÇALVES, Elizabeth Moraes; DE AZEVEDO, Adriana Barroso. Entre o projeto e a prática pedagógica: uma reflexão sobre como formar o comunicador participante. **Razón y palabra**, [s.l.], n. 49, p. 136, 2006.

GROPPO, Luís Antonio. Dialética das juventudes modernas e contemporâneas. **Revista de Educação do COGEIME**, [s.l.], v. 13, n. 25, p. 9-22, 2004.

HENRIQUE, Samaisa dos Anjos Xavier. **Em busca das periferias nas narrativas das juventudes do Cuca Barra: acompanhando processos de comunicação e produção de sentidos**. 2017. 144 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Programa de Pós-graduação em Comunicação, Fortaleza (CE), 2018.

HINE, Christine. Estratégias para etnografia da internet em estudos de mídia. *In*: CAMPANELLA, Bruno; BARROS, Carla (org.). **Etnografia e consumo midiático: novas tendências e desafios metodológicos**. Rio de Janeiro: E-papers, p. 11-27, 2016.

HOLANDA, Sâmia Cristiane Moura da Conceição. **Sociabilidade e cidadania-cultural: a experiência do centro urbano de cultura, arte, ciência e esporte – CUCA Jangurussu na vida dos jovens da periferia**. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Planejamento e Políticas Públicas) – Centro de Estudos Sociais Aplicados, Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2017.

HOLANDA, Sâmia Cristiane Moura da Conceição; FROTA, Francisco Horácio da Silva. Os jovens do Cuca Jangurussu. **Conhecer**: debate entre o público e o privado, [s.l.], v. 7, n. 19, p. 69-91, 2017.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

INESTROSA, Sergio. Comunicadores para la democracia. **Chasqui**. Revista Latinoamericana de Comunicación, [s.l.], n. 56, p. 11-12, 1996.

INSTITUTO CUCA. **Estatuto consolidado do Instituto de Cultura, Arte, Ciência e Esporte**. Fortaleza, 2014.

JAMES, Allison; JAMES, Allison. **Constructing childhood**: theory, policy and social practice. Macmillan International Higher Education, 2017.

KUENZER, Acacia Zeneida. Conhecimento e competências no trabalho e na escola. **Boletim técnico do SENAC**, [s.l.], v. 28, n. 2, p. 2-11, 2002.

LAGUZZI, Jorge. El actor como comunicador social. **Chasqui**. Revista Latinoamericana de Comunicación, [s.l.], n. 8, p. 32-37, 1983.

LAPLANTINE, François. **A descrição etnográfica**. Terceira Imagem, 2004.

LE BOTERF, G. **Construire les compétences individuelles et collectives**. Paris: Editions d'Organisation, 2000.

LEMOS, André. Os desafios atuais da cibercultura. **Lab404**, [s.l.], 2019.

LINARES HERRERA, Manuel Paulino; NÁPOLES BETANCOURT, Aimé. El investigador científico, un comunicador loable. La interrelación médica-investigativa. **Bibliotecas**. Anales de Investigación, [s.l.], v. 8, n. 8-9, p. 210-215, 2013.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista brasileira de ciências sociais**, [s.l.], 2002, 17.49: 11-29.

MALINOWSKI, Bronisław. **Argonautas do pacífico ocidental**. São Paulo: Ubu Editora LTDA-ME, 2018.

MARÍN, Manuel Ortiz. México: profesiones emergentes para los comunicadores. **Chasqui**. Revista Latinoamericana de Comunicación, [s.l.], n. 084, p. 34-43, 2003.

MARINHO-ARAÚJO, Claisy Maria; ALMEIDA, Leandro S. Abordagem de competências, desenvolvimento humano e educação superior. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, [s.l.], v. 32, n. SPE, 2016.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Los oficios del comunicador. Comunicación en el nuevo siglo. Renglones. **Revista del Iteso**, [s.l.], n. 48, 2001.

MÉNDEZ-GÓMEZ, Delmar Ulises. Estrategia audiovisual de comunicación política en la Selva en Chiapas: la experiencia de los comunicadores tseltales Mariano Estrada y Arturo Pérez. **LiminaR**, [s.l.], v. 16, n. 1, p. 56-72, 2018.

OLIVEIRA, Erlon Albuquerque de. **Os nós da rede**: análise social dos centros urbanos de cultura, arte, ciência e esporte na cidade de Fortaleza. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Planejamento e Políticas Públicas) – Centro de Estudos Sociais Aplicados, Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2017.

OLIVEIRA, Ana Paula e Nathália L. A mulher no jornalismo esportivo. **Revista Observatório**, [s.l.], 2017.

OLIVEIRA, Erlon Albuquerque de; BARBALHO, Alexandre Almeida. Os limites e as possibilidades dos Cucas enquanto política pública de juventudes em rede. **Conhecer**: debate entre o público e o privado, [s.l.], v. 8, n. 20, p. 04-19, 2018.

OLIVEIRA, Jaiane. **Redes de significação e interação**: a internet como cenário de narratividade das experiências de vida dos/as jovens do CUCA da Barra do Ceará. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Políticas Públicas e Sociedade) – Centro de Estudos Sociais Aplicados, Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2015.

PALFREY, John; GASSER, Urs. **Nascidos na era digital**: entendendo a primeira geração de nativos digitais. Penso Editora, 2011.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. Direito à comunicação comunitária, participação popular e cidadania. **Lumina**, [s.l.], v. 1, n. 1, 2007.

PRIETO CASTILLO, Daniel. La formación universitaria de comunicadores sociales en América Latina. **Chasqui**. Revista Latinoamericana de Comunicación, [s.l.], n. 8, 1983.

PROUT, Alan (Ed.). **The future of childhood**. Routledge, 2004.

RAMOS, Murilo César. Comunicação, direitos sociais e políticas públicas. MARQUES DE MELO, J.; SATHLER, L. **Direitos à comunicação na sociedade da informação**. São Bernardo do Campo, SP: Umesp, 2005.

REDE. In: **DICIO, Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2021.

REDE. In: **Oxford Languages**. Oxford: Oxford University Press, 2021.

RIFIOTIS, Theophilos *et al.* Antropologia do Ciberespaço: questões teórico-metodológicas sobre pesquisa de campo e modelos de sociabilidade. **Antropologia em Primeira Mão**, [s.l.], v. 51, p. 1-19, 2002.

ROBERTO, Magda S.; FIDALGO, António; BUCKINGHAM, David. De que falamos quando falamos de infoexclusão e literacia digital? Perspetivas dos nativos digitais. **Observatorio (OBS*)**, [s.l.], v. 9, n. 1, p. 43-54, 2015.

RUBIO, Andrés Barrios. De la onda a la Web: alternativas de participación para los comunicadores. **Chasqui**. Revista Latinoamericana de Comunicación, [s.l.], n. 105, p. 68-73, 2009.

SAAVEDRA, María Natalia. Vivir en los márgenes: escenarios (no tan) nuevos para pensar la intelectualidad del comunicador. **Question**, [s.l.], 2015.

SAGAN, Carl. Why we need to understand science. **Skeptical inquirer**, [s.l.], v. 14, n. 3, p. 263-269, 1990.

SÁNCHEZ, Joaquín. Formación profesional de comunicadores en América Latina. **Chasqui**. Revista Latinoamericana de Comunicación, [s.l.], n. 11, p. 12-19, 1984.

SÁNCHEZ OLAVARRÍA, César. Movilidad profesional y generacional del comunicador de la Universidad del Altiplano. **Revista electrónica de investigación educativa**, [s.l.], v. 14, n. 2, p. 150-165, 2012.

SANDOVAL, Luis Ricardo. Educadores y comunicadores: cruces y encrucijadas. **Razón y Palabra**, [s.l.], v. 16, n. 77, 2011.

SANOU, Brahima. **ICT facts and figures 2016**. International Telecommunication Union, 2016.

SANTAELLA, Lúcia. Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano. **Revista Famecos**, [s.l.], v. 10, n. 22, p. 23-32, 2003.

SANTOS, Ana Karolina Coelho; ESPINDOLA, Manoel Assad. A participação da mulher no Esporte Espetacular: um ensaio sobre a representatividade feminina no jornalismo esportivo brasileiro. **Universidade Vale do Rio Doce - UNIVALE**, Governador Valadares, 2019.

SANTOS, José Augustiano Xavier dos. **Apropriações da comunicação nos espaços institucionais do Centro Urbano de Cultura, Arte, Ciência e Esporte – Cuca Mondubim**. 2017. 151 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Comunicação Social, Fortaleza (CE), 2017.

SEPÚLVEDA, Héctor. Contrario al maná, el comunicador no baja del cielo: nacimiento, construcción o reinención del profesional en Puerto Rico. **C-Legenda-Revista do Programa de Pós-graduação em Cinema e Audiovisual**, [s.l.], n. 07, 2002.

SOBRINO, Miguel Ángel Ortiz. La perfección técnica y la formación de los comunicadores desde la perspectiva de la verdad y el bien colectivo. **Razón y palabra**, [s.l.], n. 81, p. 60-18, 2012.

SUÁREZ, Ana María. Networking y uso de redes sociales por los comunicadores y relacionistas públicos colombianos, según su participación en el Latin American Communication Monitor. **Revista ComHumanitas**, [s.l.], v. 7, n. 2, p. 61-75, 2016.

TORRES, Francisco George Costa. **Os sobreviventes: o direito à comunicação na produção do programa “Conexões Periféricas”**. 2020. 147f. Dissertação (Mestrado) - Universidade

Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Programa de Pós-graduação em Comunicação, Fortaleza, 2020.

URDANETA, Joyceleine. Redacción en cibermedios para comunicadores en formación. **Razón y Palabra**, [s.l.], v. 12, n. 57, 2007.

VIDALES, Nereida López. El impacto de las nuevas tecnologías de la comunicación en el periodista/comunicador del tercer milenio. **Comunicación y Sociedad**, [s.l.], n. 40, p. 183-198, 2001.

VOSGERAU, Dilmeire Sant'Anna Ramos; ROMANOWSKI, Joana Paulin. Estudos de revisão: implicações conceituais e metodológicas. **Revista Diálogo Educacional**, [s.l.], v. 14, n. 41, p. 165-189, 2014.

WERTHEIN, Jorge; DA CUNHA, Célio. **Política públicas de/para/com as juventudes**. Brasília: UNESCO, 2004.

WITTORSKI, Richard. Da fabricação de habilidades. **Educação Continuada**, [s.l.], v. 135, pág. 57-69, 1998.

ZARIFIAN, Philippe. Objetivo competência: por uma nova lógica; tradução. **Maria Helena**, [s.l.], v. 100, p. V, 2001.

APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS**QUESTIONÁRIO****A - PERFIL DO ENTREVISTADO****1 Cargo:**

Servidor Bolsista Estagiário Terceirizado

Divisão/Unidade em que trabalha: _____

2 Faixa Etária:

Até 19 anos 25 – 29 anos 35 – 39 anos 45 – 49 anos
 20 – 24 anos 30 – 34 anos 40 – 44 anos Acima de 50 anos

3 Sexo:

Feminino Masculino

4 Há quanto tempo trabalha na instituição?

Há menos de 1 ano Entre 5 e 9 anos Entre 15 e 19 anos
 Entre 1 e 4 anos Entre 10 e 14 anos Há mais de 20 anos

5 Nível de escolaridade:

Fundamental Médio Técnico
 Graduação Graduação em andamento Curso: _____
 Especialização Especialização em andamento
 Mestrado Mestrado em andamento Área: _____
 Doutorado Doutorado em andamento Área: _____

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado por Frederico Pinheiro de Souza Medeiros como participante da pesquisa intitulada “Um outro comunicador: a compreensão dos jovens comunicadores do CUCA Mondubim sobre o que é ser comunicador”. Você não deve participar contra a sua vontade. Leia atentamente as informações abaixo e faça qualquer pergunta que desejar, para que todos os procedimentos desta pesquisa sejam esclarecidos.

A pesquisa tem abordagem etnográfica, ou seja, o pesquisador observará as atividades e práticas dos participantes do Programa de Monitoria do CUCA Mondubim, participando quando for requisitado (observação participante). Com isso, as anotações serão reunidas em diário de campo, que mais tarde servirá para a análise do material coletado. As atividades também serão analisadas no ambiente virtual, para isso, utilizando das redes sociais, e do conteúdo produzido pelos participantes da pesquisa. Ao final será realizada uma entrevista semiestruturada com todos os participantes, entrando de forma mais específica no assunto principal da pesquisa.

Os objetivos da pesquisa visam uma melhor compreensão do cenário comunicacional a partir da perspectiva de jovens comunicadores. O processo pode ser invasivo, porém, toda a informação coletada não será divulgada com a identificação do respectivo participante. Mantendo, assim, sigilo máximo, a fim de não expor ninguém a qualquer tipo de constrangimento. O pesquisador responsável afirma que o material coletado será utilizado somente para esta pesquisa. Os participantes não receberam nenhum pagamento pela participação na pesquisa.

É de suma importância destacar que, a qualquer momento, o participante poderá se recusar a continuar sua participação na pesquisa, e que também pode retirar o seu consentimento, sem que isso lhe traga qualquer prejuízo. Sobre as informações referentes à pesquisa, a qualquer momento o participante poderá ter acesso, podendo utilizar qualquer meio possível para entrar em contato com o pesquisador.

Endereço d(os, as) responsável(is) pela pesquisa:

Nome: Frederico Pinheiro de Souza Medeiros

Instituição: Universidade Federal do Ceará

Endereço:

Telefones para contato:

ATENÇÃO: Se você tiver alguma consideração ou dúvida, sobre a sua participação na pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFC/PROPESQ – Rua Coronel Nunes de Melo, 1000 - Rodolfo Teófilo, fone: 3366-8346/44. (Horário: 08:00-12:00 horas de segunda a sexta-feira).

O CEP/UFC/PROPESQ é a instância da Universidade Federal do Ceará responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos.

O abaixo assinado _____, ____ anos, RG: _____, declara que é de livre e espontânea vontade que está como participante de uma pesquisa. Eu declaro que li cuidadosamente este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e que, após sua leitura, tive a oportunidade de fazer perguntas sobre o seu conteúdo, como também sobre a pesquisa, e recebi explicações que responderam por completo minhas dúvidas. E declaro, ainda, estar recebendo uma via assinada deste termo.

Fortaleza, ____/____/____

Nome do participante da pesquisa	Data	Assinatura
----------------------------------	------	------------

Nome do pesquisador principal	Data	Assinatura
-------------------------------	------	------------

Nome do profissional que aplicou o TCLE	Data	Assinatura
---	------	------------